REVISTA DA SEMANA

16 de Maio de 1953 Cr$ 4,00 em todo o Brasil

SÃO JORGE
TERROR DOS BANQUEIROS

•

CABEÇAS HUMANAS
COM DEZ CENTÍMETROS

•

NO MUNDO DE LUZ
DE HELEN KELLER

GANHE CR$ 200.000,00 DE PRÊMIOS!

Televisão, geladeiras, bicicletas motorizadas, patins, terreno, enceradeiras, serviço de café, máquina de escrever, máquina de costura, liquidificador e muitas outras coisas úteis.



Conheça o Brasil: recorte da REVISTA DA SEMANA e colecione lindas gravuras coloridas, de valor histórico e geográfico com ótimo texto educativo.

no

Álbum Revista da Semana



ATENÇÃO

As figuras coloridas, que deverão ser recortadas da «Revista da Semana» e colocadas no «Álbum», começaram a ser publicadas na «Revista da Semana» n.º 12, de 21 de março de 1953. Números atrasados da «Revista», bem como o «Álbum», são encontrados em todos os jornaleiros do Brasil.

Pedidos à Redação: Rua Visconde de Maranguape, 15 — Lapa — Rio.

●

Realização da BRAZILIA TURISTICA E COMERCIAL S. A. - Visc. de Inhaúma, 134 - Rio



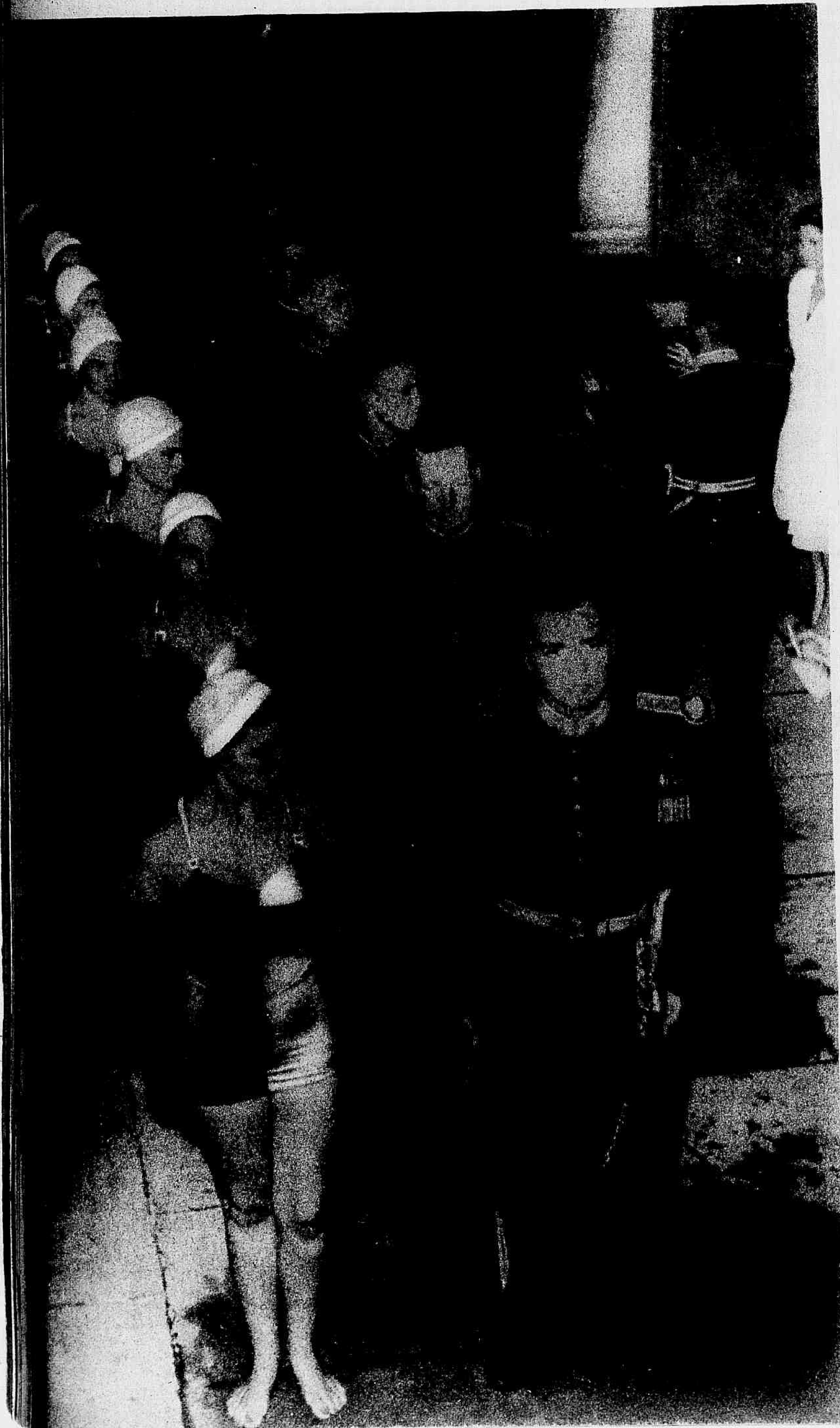
A gloriosa mocidade militar do Brasil, honrada com a presença do Ministro da Guerra, festejou a grande data



NAS AGULHAS NEGRAS

O 142º ANIVERSÁRIO DA FUNDAÇÃO DA ESCOLA MILITAR DO RIO ★ VARIAS SOLENIDADES ★ ESPORTES ★ HOMENAGEM AO MINISTRO DA GUERRA E UM GRANDE BAILE NO SALÃO DA ACADEMIA, FECHANDO A COMEMORAÇÃO

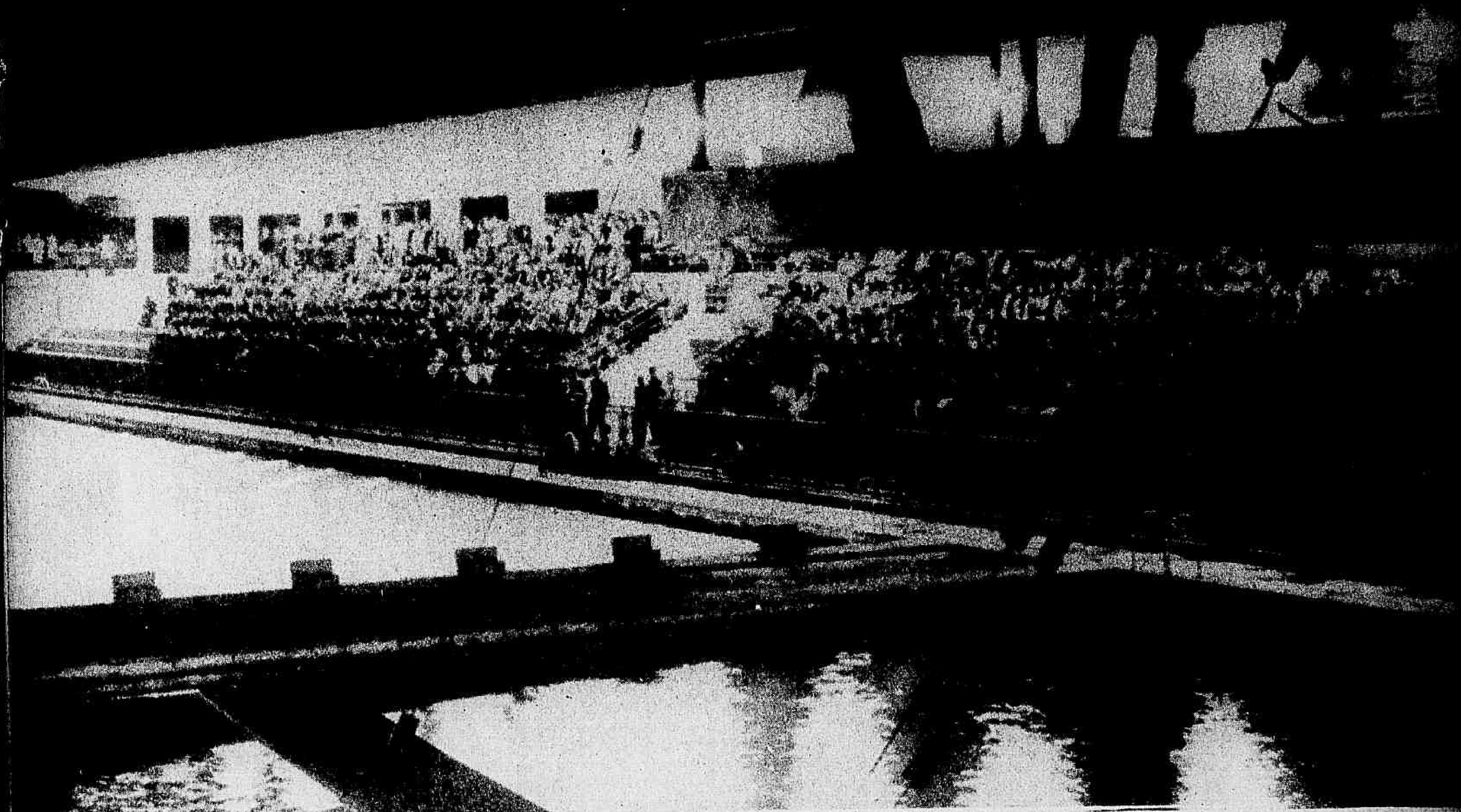
Fotos de ARNALDO VIEIRA



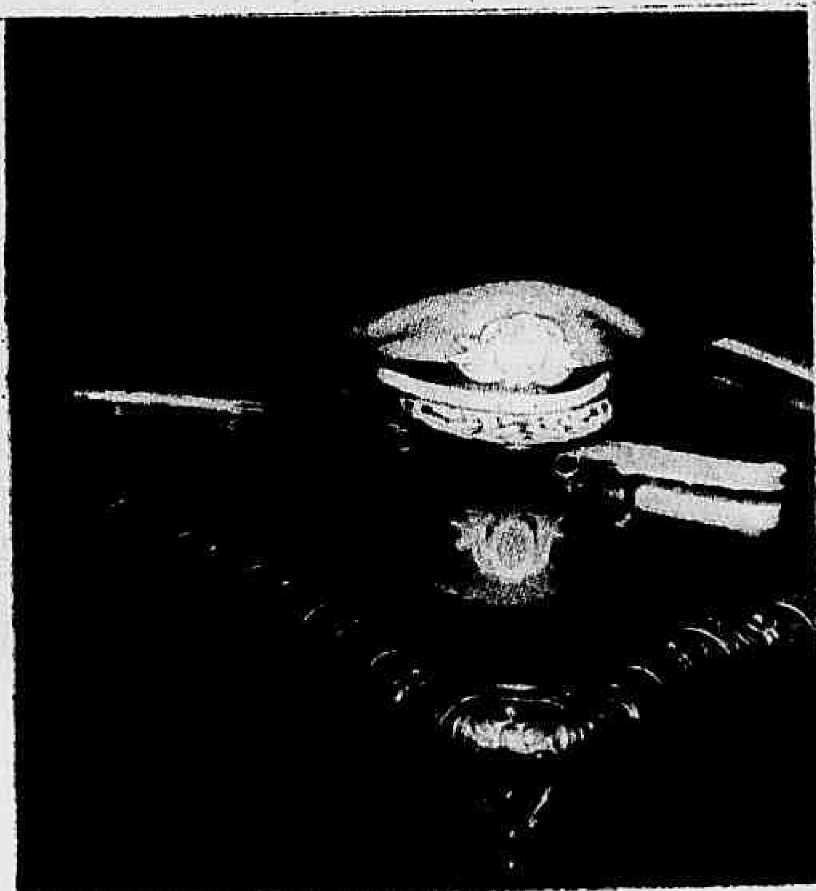


Aspecto da monumental piscina da
feitas que existem no mundo. Na

O tradicional estabelecimento de aperfeiçoamento cívico-militar, fundado no Rio no tempo de Dom João VI, hoje com o nome de Academia Militar das Agulhas Negras, festejou a 23 de abril o seu 142º ano de existência a serviço do Brasil, em prol da educação e cultura de nossas armas. O general Jair Dantas, seu atual comandante, organizou um programa dos mais significativos, incluindo números esportivos, uma homenagem ao general Ciro do E. Santo Cardoso, a entrega de uma espada pertencente a Caxias e, por fim, um grande baile. A piscina da Academia Militar apresentou um dos seus mais gloriosos dias, com a exibição do Ballet Aquático do Fluminense, constituído por exímias nadadoras, que desenharam n'água as mais lindas combinações geométricas e artísticas; a campeã Piedade Coutinho fêz demonstrações de natação, apresentando-se em grande forma, comprovando sua técnica e elegância no domínio das águas; um **«aqua-loco»** deu a nota de humo-



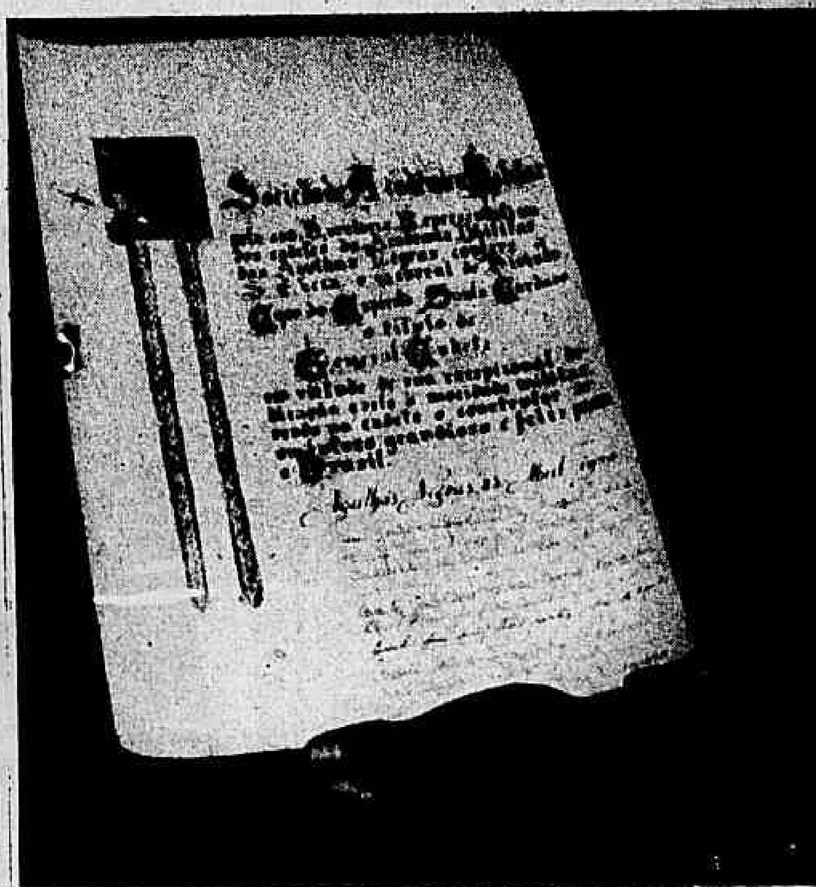
Academia Militar das Agulhas Negras, cujo traçado obedeceu a todos os requisitos de confôrto e técnica, podendo competir com as mais per-
outra fotografia que publicamos, jovens componentes do «ballet aquático, sob as ordens da campeã Piedade Coutinho, em posição de sentido.



Eis o sonho de muitos jovens que abraçam a carreira militar em nosso Exército: espadim e boné usados pelos cadetes das Agulhas Negras.



Cadetes examinam a espada que pertenceu ao Duque de Caxias, patrono do nosso Exército e uma das maiores figuras de nossa História.



O diplôma com que a Soc. Acadêmica Militar das Agulhas Negras conferiu ao General Ciro do E. S. Cardoso, o título de General-Cadete.



Após várias solenidades, de acôrdo com o programa das festas em homenagem ao 142º aniversário da fundação da Escola Militar, realizou-se na noite de 23 de abril, o grande baile, ao mesmo comparecendo militares e civis com suas famílias, convidados e pessoas da sociedade local.

rismo, fazendo piruêtas e provocando gargalhadas. Um dos momentos de maior emoção da festa, foi o da entrega da espada que pertencera ao Duque de Caxias, e que, por motivo de heranças, estava em poder da família do Embaixador Muniz Aragão, o qual compareceu com sua espôsa, a embaixatriz Muniz Aragão, filha do grande estadista Rodrigues Alves. A «Sociedade Acadêmica Militar» ofereceu ao General Ciro Cardoso, atual Ministro da Guerra e ex-Comandante da Escola Militar, um pergaminho contendo o título de General-Cadete, homenagem dos alunos a um dos maiores amigos dos estudantes, «em virtude de sua excepcional dedicação e zêlo à mocidade militar, vendo no cadete o construtor de um futuro grandioso e feliz para o Brasil». Com o diploma, entregaram-lhe o respectivo espadim, símbolo da vida acadêmica da velha Escola, e que tantas recordações trouxeram à alma do velho soldado, comovendo-o visivelmente. E após tôdas as solenidades cumpridas com exatidão e tanto brilho, realizou-se, à noite, no grande salão da Academia, o animadíssimo baile, como fecho das festas em memória da fundação, há quase século e meio, da famosa Escola Militar do Rio de Janeiro, hoje instalada em Rezende, Estado do Rio, com o nome de Academia Militar das Agulhas Negras.



Os cadetes Otto Filho e Dirnay S. Barbosa, contam às senhoritas Vera Maria Soares e Sophia S. Oliveira, os seus castelos para o futuro.



As srts. Mize e Suely Souza se preparam para dançar com os cadetes Gilberto Freire e Hércules Lima Carvalho, todos risonhos e felizes.

REVISTA DA SEMANA

ANO LI ★ Nº 20 ★ 16-5-53

SUMÁRIO

Nas Agulhas Negras 3/ 6
Cabeças humanas com 10 cms 16/19
São Jorge — terror dos banqueiros 25/29
O Landru inglês 31/34
Fantasmas e pesadelos da loucura 40/41
No mundo de luz de Helen Keller 49/53

●

O pai de Belo Horizonte 7
Três histórias (conto) 11/38
A Bem-Amada (romance) ... 12/13
Semana Literária 15
O centenário de José do Patrocínio 23
A semana em revista 9
A Revista há 50 anos 10
A personagem da semana ... 10
Janela sôbre o mundo 20/21
Conta-me teus sonhos 22
Passatempo 37
Correio da Revista 38
Arabelle (folhetim) 39
De cinema 41
Último flash 54

●

O riso dos outros (humorismo) 14
À luz da psicanálise 22
A saúde do bebê 42
Luvas modernas 43
A nova linha 44/45
Week-end na cozinha 46
A grande tarefa 47

●

Capa: **Mitzi Gaynor** (Fox)

★

Diretor: GRATULIANO BRITO — Assistente: RENATO DE ALENCAR — Paginação: VICTOR TAPAJÓS — Desenhos: ALBERTO LIMA — Publicidade: J. M. COSTA JÚNIOR.

★

A decana das revistas nacionais. Premiada com medalha de ouro na Exposição de Turim de 1911 e os Grandes Prêmios nas Exposições de Sevilha e de Antuérpia, em 1939, e na Feira Internacional de São Paulo, em 1933. — Propriedade da COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA — Rua Viscode de Maranguape, 15 — Rio de Janeiro.

★

REPRESENTANTES

Nos Estados Unidos da América do Norte: Dulce Damasceno de Brito, 1818 N. Whitley Ave., apto. 202, Hollywood 28, California. Na África Oriental Portuguêsa: D. Spanos, C. Postal, 434, Lourenço Marques. Em Portugal: Helena A. Lima, avenida Fontes Pereira de Melo, 34, 2.º distrito, Lisboa. No Uruguai: Moratório & Cia., Constituyente, 1746, Montevidéu. Na Argentina: Interprensa, Florida 299, telefone 32, Avenida 9509, Buenos Aires.

Tem agentes em tôdas as localidades do território nacional.

Tôda correspondência deve ser endereçada ao Diretor. O corpo de colaboradores da REVISTA DA SEMANA está organizado. Só publicaremos colaboração solicitada pela redação. Não devolvemos originais, mesmo quando não publicados. Os trabalhos assinados são de responsabilidade dos autores. Êste número tem 52 páginas.

TELEFONES

Redação: 22-4447 — Publicidade: 22-9570 — Portaria: 22-5602 — Gerência: 22-8647 — Contabilidade: 22-2550.

ASSINATURAS PARA O BRASIL E AMÉRICAS

Porte simples — Um ano ...... Cr$ 200,00
Seis meses .... Cr$ 100,00
Registrada — Um ano .... Cr$ 230,00
Seis meses .... Cr$ 120,00

ASSINATURA PARA O EXTERIOR

Registrada — Um ano .... Cr$ 350,00
Seis meses .... Cr$ 180,00

O número avulso custa Cr$ 4,00 em todo o Brasil; atrasado, Cr$ 4,50

EM SÃO PAULO

Distribuição e venda: A. Zambardino, Rua Capitão Salomão, 69 — Telefone: 34-1569. Publicidade: J. Gomes Bastos, Rua Barão de Itapetininga n. 224, 6.º andar, Sala 60.



O PAI DE BELO HORIZONTE

TINHA Aarão Reis 39 anos de idade, quando o govêrno Afonso Pena lhe confiou uma das maiores missões que se poderia entregar a um engenheiro neste país de ruas tortas e mentalidades vesgas: a escolha de um local em Minas, para a mudança da então capital do Estado — Ouro Prêto. Nada menos de cinco lugares foram cuidadosamente estudados pelo gênio daquele paraense imortal: Barbacena, Juiz de Fora, Várzea do Marçal (perto de S. João del Rey), Paraúna e Curral del Rey. Abílio Barreto, que é para Minas o mesmo que, para o Distrito Federal é o mestre Noronha Santos, conta numa obra de dois alentados volumes, o que foi a epopéia da vitória de Curral del Rey, transformada em Belo Horizonte, a mais bela e grandiosa obra de brasileiros para a posteridade. Isso se passava em 1892, e já em 1895, nascia a nova capital de Minas Gerais, dos traços e da régua de um dos maiores brasileiros de todos os tempos: Aarão Reis. Êsse homem, que nasceu para fazer milagres, só não foi maior porque teve o caiporismo de ter nascido no Brasil e aqui dedicado tôda a sua vida, escrevendo obras de grande valor científico numa língua que é a mortalha do pensamento. Aos 16 anos, já Aarão Reis lecionava, era um professor de matemáticas. Aos 21, o Ministro de Estado Visconde do Rio Branco, impressionado com a capacidade, a compostura moral e a inteligência daquele «menino», deu-lhe o primeiro emprêgo público em benefício nacional: praticante técnico nas obras hidráulicas da Alfândega do Rio. Debruçado nos livros e a estudar ininterruptamente todos os problemas nacionais, Aarão Reis chegou a catedrático na Escola Politécnica, ensinando matemáticas e economia política, de. tudo havendo deixado várias obras elogiadas pelos nossos maiores cientistas e pelo próprio Ruy Barbosa, que via nêle uma das glórias do Brasil.

● Na trajetória de sua vida intensamente vivida, Aarão Reis estudou e propôs solução científica, lógica e exequível para os maiores problemas brasileiros, todos êles, ainda hoje, esperando por milagres: eletrificação da Central do Brasil, Legislação Social (quando deputado federal pelo Pará); obras contra as sêcas, Lóide Brasileiro e até o aproveitamento da energia das marés, como fôrça para produzir eletricidade. Aarão Reis não se notabilizou apenas como engenheiro; foi político no sentido benjaminiano do têrmo: **a sã Política é filha da Moral e da Razão**. Era também um financista, tendo ocupado o lugar de diretor do Banco do Brasil. Apesar de ter nascido em plena vigência do segundo Reinado, tornou-se republicano e militou na seara de Lopes Trovão e Quintino Bocayuva, atraído pelas novas idéias que varriam o Velho Mundo e derrubavam tronos de nações das três Américas. Certa vez, ainda muito jovem, desejou o govêrno imperial proceder a certa fiscalização nas obras do açude do Quixadá, sob a chefia de um engenheiro inglês, e o homem escolhido para isso foi Aarão Reis, que aliava à sua competência, qualidades excecionais de diplomata e homem de elevada educação social. Aarão Reis, o «Pai da cidade de Belo Horizonte», embora já um nome iluminado por uma auréola de prestígio e honrarias, tornou-se ainda mais conhecido e comentado em todo o país e no estrangeiro, depois que traçou a nova capital de Minas, orgulho, não dos mineiros, mas de todo o Brasil. O obscuro arraial de Curral del Rey às faldas da serra de Congonhas, também chamada **do Curral**, até 1895 um acampamento de boiadeiros, transmudou-se, como por milagre dos deuses, na mais moderna cidade das Américas, objeto de elogios e perplexidades de urbanistas como Agache e Bouvard, graças à tenacidade, à cultura e à fôrça organizadora de Aarão Reis, falecido a 11 de abril de 1936 e cujo primeiro centenário de nascimento acaba de transcorrer a 6 de maio dêste ano.

RENATO DE ALENCAR

Sempre melhorando...

a **BANDEIRANTES** anuncia:



RÁDIO BANDEIRANTES



– a mais popular emissora paulista

A SEMANA EM REVISTA



VANJA ORICO, nome bastante festejado nos meios artísticos, cresceu de vulto no conceito do povo com o papel que desempenhou em «O Cangaceiro», como a companheira do «Cap. Galdino». Surge agora a notícia de que Vanja está noiva do jovem italiano Giorgio, com o qual flertara em Roma há dois anos. Agora, por ocasião do festival cinematográfico de Cannes, novamente se encontraram e Vanja revelou o romance entre ambos. A imprensa francesa explorou o caso e já se diz mesmo que a brasileirinha de vinte primaveras se vai casar com o «gladiador» de «Fabiola», dentro de pouco tempo. E eis como uns versos ao violão lá em Roma, resultaram «nos lindos olhos que se demoravam nela», como dois faróis de puro amor..

● CARONA é o título de um anúncio publicado em um dos nossos matutinos e que solicita condução entre a Esplanada do Castelo, altura do Ministério do Trabalho, até Ipanema, pagando Cr$ 15,00. Como vemos, o têrmo «carona» está mudando de significação em face das dificuldades tremendas de transportes, como está lutando o carioca. Até há pouco, «carona» era a condução gratuita, o «bigu» dos alagoanos, o «morcêgo» dos recifenses. Viajar de «carona» era viajar de graça, com permissão ou não do condutor do veículo. Hoje, porém, «carona» já é uma coisa caríssima: Cr$ 15,00 por uma passagem do Castelo a Ipanema, trajeto que os lotações fazem por Cr$ 4,00. Estamos numa época de perplexidades.

● GREVE NA MINA DE OURO de Morro Velho, vizinhanças de Belo Horizonte. Os trabalhadores, que, segundo dizem, somam cêrca de cinco mil, exigem aumento de salário em 50%, pagamento da taxa de insalubridade e readmissão de 51 operários demitidos anteriormente. A discordância entre a direção da emprêsa, a «St. John del Rey Mining Co.» e os trabalhadores, foi levada à presença do sr. Presidente da República, quando S. Excia. estêve em Uberaba há poucos dias. Mas... que poderia fazer o sr. Getúlio Vargas? Atender aos trabalhadores? Ficar ao lado dos patrões? E' o caso de dizer: «Que diabo tem o mar com as tabelas da COFAP?». A mina de Morro Velho é a maior produtora de ouro do país e a mais profunda do mundo.

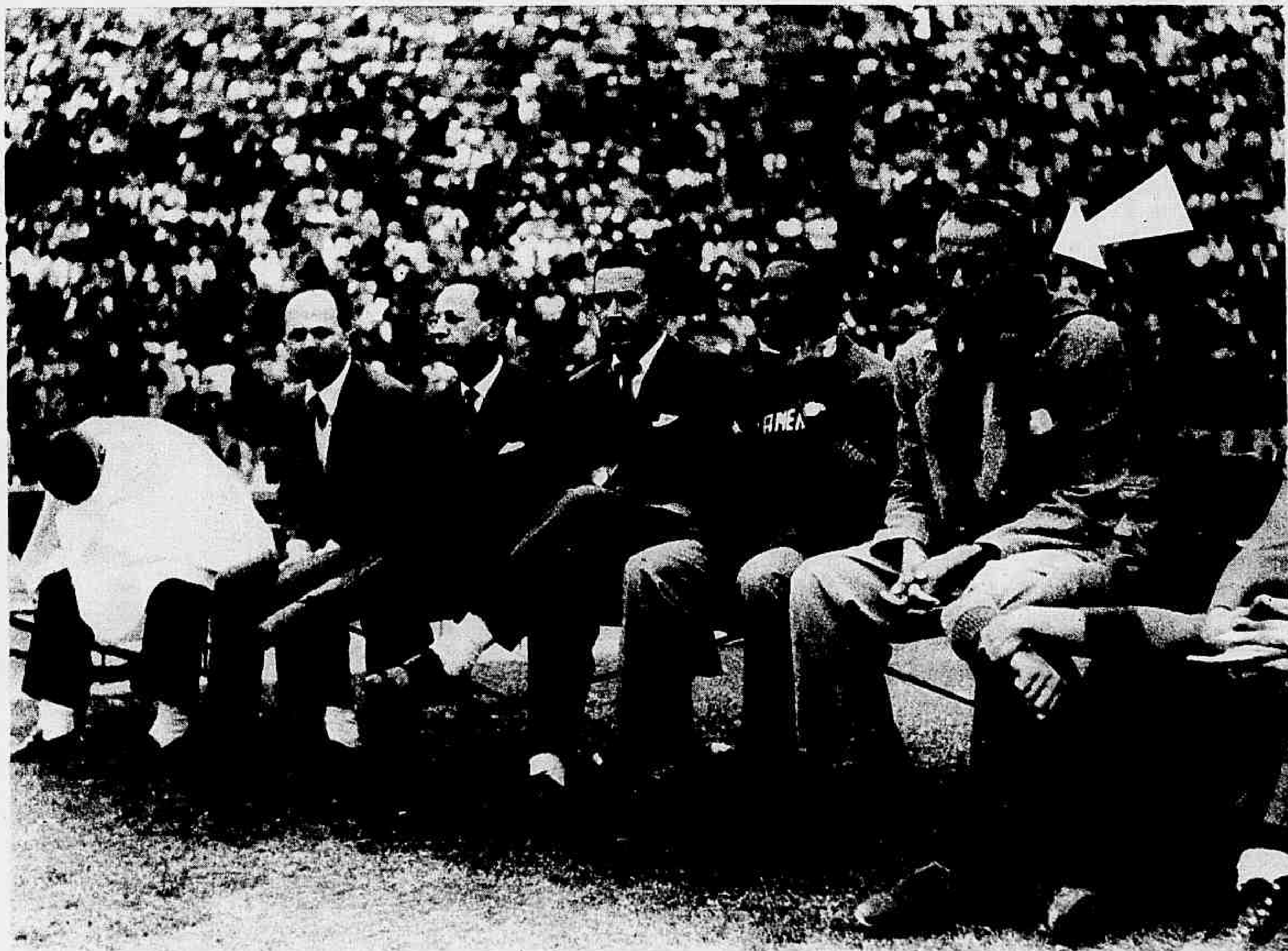
● O AMAZONAS, que já era o rio de maior volume d'água do mundo, achou de fazer inveja aos pobres cursos d'água do nordeste, atualmente no pó da miséria mais triste, e está inundando tudo, devorando barreiras, destruindo povoações, impando de indigestão como descomunal sucuri a engulir tudo o que se lhe atravessa à frente. Os telegramas que nos chegam do Amazonas são de moer o coração. As safras estão perdidas, a desolação das cidades ribeirinhas é trágica, tudo geme sob o pêso da colossal enchente; mas, com franqueza, porque não organizamos no Brasil um plano de turismo, a fim de transformarmos certas calamidades em meios de conseguir recursos em favor de zonas flageladas? E' melhor do que esmolar.

● EM CARTA QUE nos dirigiu o sr. José Monteiro, residente em Jacarepaguá, pai de nove filhos, todos ainda «de cobrir com um cesto», pede êle que sejamos portadores de seu angustioso apêlo ao Ministro da Educação, no sentido de que o Govêrno Federal torne acessível aos pobres a educação dos filhos em idade escolar. Cita o missivista, esta crueldade: mensalidades que, em 1952 estavam por Cr$ 180,00, passaram a custar agora Cr$ 280,00. E os livros? Todos os anos, compêndios de determinado autor, que poderiam servir para os irmãos em série inferior, já não mais são aproveitados, porque, todos os anos, a escola já não é mais tão risonha e franca. Montes de livros são julgados inúteis. Tenha fé!



VAI PARA A EMBAIXADA do Vaticano o ilustre político mineiro, sr. Cristiano Machado, candidato de vários partidos à sucessão do general Dutra e fortemente prestigiado pelo PSD. Homem de costumes morigerados, caráter probo, sem vaidades, o sr. Cristiano Machado é, realmente, uma personagem que assenta perfeitamente para nosso representante junto ao trono do Papa, lugar sossegado, sem alfândegas, sem intrigas internacionais, sem as costumeiras visitas de patrícios em dificuldades financeiras. Embaixador brasileiro no Vaticano é um presente do céu, sobrando tempo para estudos e meditação. A nomeação em causa vinha sendo anunciada há muito tempo e causou a todos boa impressão.

●



MENGO! MENGO! Mas como foi isso, «Mais querido!»? Era o que se ouvia ao terminar o jôgo Flamengo-Corintians, na manhã de domingo, 3 de maio. Depois de empatar com o Vasco, o Flamengo foi enfrentar o Corintians no Pacaembu. E sofreu um dos mais esmagadores revezes de sua história: seis a zero! Todo mundo ficou perplexo, não sòmente porque o querido Mengo é um time respeitável, como já estava sob a direção do famoso técnico Fleitas Solich, o homem que deu ao futebol paraguaio o campeonato sul-americano recentemente realizado em Lima. Nesta fotografia vemos o técnico Fleitas Solich a olhar, desoladamente, a derrota irreparável de seu time, enquanto outro companheiro de delegação oculta o rosto num lençol de faquir indiano...



Adolescentes

Deixar a infância para trás, atingir a adolescência o mais ràpidamente possível é o clássico anseio das meninas, quando vão chegando a essa idade de transição, entre menina e moça.

Quadra agitada e complexa, em que um enxame de sonhos, projectos e inquietações povôa a mente das jovens, exaltando a sua tenra sensibilidade, o início da adolescência constitui, por isto mesmo, uma fase perigosa e decisiva na vida da mulher. Dêsse período de formação, durante o qual se operam importantes mudanças no organismo feminino, poderá depender a futura saúde e felicidade da moça—espôsa e mãe de amanhã. Com efeito, a época da puberdade, que liga a infância à juventude, é comparável a uma ponte de passagem difícil: para transpô-la em bôas condições a mocinha deve ser preparada física e psicològicamente. Cabe em especial às mães velar, com clarividência e carinho, por essa dupla preparação, indispensável a um desenvolvimento completo e harmonioso.

Tonificar o estado geral da adolescente, regularizar as funções útero-ovarianas que começam — e cujos desarranjos podem ter tão desfavorável repercussão no sistema nervoso — são as primeiras providências a tomar. Para isto *Regulador* Gesteira é o remédio indicado.

Excitações nervosas, desânimo, cansaço, falta de apetite, enjôos, dôres durante o período menstrual, regras escassas ou exageradas, todos êsses distúrbios, que frequentemente se verificam na época da puberdade, poderão ser tratados e até evitados com o uso do *Regulador* Gesteira.

A acção que o *Regulador* Gesteira exerce sôbre o organismo feminino é calmante, tônica e normalizadora da menstruação.

São, portanto, essas propriedades que fazem do *Regulador* Gesteira o excelente remédio, cujo renome atravessou as fronteiras de tantos países, onde a sua aplicação, hoje largamente difundida, tem produzido sempre ótimos resultados no tratamento das perturbações nervosas e outros males causados pelo mau funcionamento dos órgãos útero-ovarianos.

A PERSONAGEM da SEMANA



O discurso que o Sr. Lucas Nogueira Garcez, governador de São Paulo, acaba de pronunciar em Angatuba, naquele Estado, vem quebrar uma das tradições dos políticos brasileiros à frente de executivos estaduais: declarar alto e bom som, pùblicamente, diante de chefes políticos regionais de vários partidos, que «inaugurava a fase política de seu govêrno, com as vistas voltadas para o problema da sucessão governamental do Estado». Era comum ouvir-se justamente o contrário, isto é, viverem os governadores a jurar que não são políticos, que só se dedicam à administração pública e outras conversas ditas, mas nunca realizadas. Pois o sr. Lucas Garcez inaugura mais êste cenário da política brasileira: vai fazer política e pede a colaboração dos dirigentes municipais para que sejam organizadas frentes interpartidárias em cada comuna, de maneira que a sucessão estadual se processe com o maior vigor e na maior tranqüilidade. Voltou ao cartaz o Sr. Lucas Garcez, tornando-se, de apolítico, em militante da política. E dos comentários que surgiram na onda do discurso de Angatuba, em concorrido almôço político oferecido ao Sr. Garcez, os mais vivazes foram sôbre a ausência de representantes do PSP, e a presença do Sr. Novelli Júnior, que ali estêve chefiando uma caravana de políticos da zona de Itu. Há quem veja nisso um afrouxamento no programa político do chefe do executivo paulista e o Sr. Ademar de Barros, embora o episódio não passe de suspeições dos comentaristas. Seja como fôr, o atual governador de S. Paulo foi, incontestavelmente, a figura da semana que passou.

a REVISTA há 50 anos

(17-5-903)

CHRONICA

ESTÁ velha Sebastianopolis está, em verdade, condemnada a passar os seus dias todos, de Anno Bom a S. Sylvestre, de principio a fim de seculo, affligida e torturada por epidemias. O typho, a bubonica, as bexigas, a amarella, a influenza, os deputados, os meetings, os desfalques, tudo isso grassa na cidade de Mem de Sá, periodicamente, em safras mais ou menos longas, mais ou menos intensas. Algumas limitam-se á epocas fixadas, não dão fructos temporões; outras entram por tempo, que já não lhes pertence, e assim temos, por exemplo, febre amarella em maio e, ás vezes, deputados em dezembro. Este anno surgiu, para juntar á lista já larga das molestias epidemicas, uma outra, nova, terrivel, insistente, invencivel. Contra ella não ha meios prophylaticos que valham, desinfecções que sirvam, preservativos que dêm resultado. Tudo é baldado, tudo é inutil: o cartão postal — é essa a doença — zomba de tudo.

● Um homem tem comsigo todos os cuidados hygienicos: não come fructas verdes, não poupa agua para banhos, nem creolina para os ralos da sua casa, come comidas sadias e simples, deita-se cedo e dorme bem, não se permitte a menor extravagancia, faz emfim uma vida regularissima. Muito bem. Escapa assim á febre amarella, livra-se do typho e de tudo mais. Mas um bello dia, quando esteja em casa muito tranquillo, muito descançado, lá lhe entra, trazido pela mão perfida de um amigo, o cartão implacavel. — Escreve-me ahi, qualquer cousa, fulano; uma phrase, qualquer cousa serve... E' para minha collecção... E o desgraçado fulano, que tem a infelicidade de saber escrever, tem que escarrapachar, para alli, uma phrase... e cincoenta reis, para por o cartão no correio.

● Julga-se vaccinado e, assim, livre do mal. Pois sim. Na rua encontra outro amigo que desembrulha outro maço de cartões e pede:

— Escolhe aqui um d'estes. Queres um retrato d'artista? Olha, leva o da Réjane, ou da Hadding e escreve uma linha sobre ella... E' para minha collecção...

E logo, no café, outros.

— Quero um autographo teu na minha collecção de bilhetes postaes. Põe ahi nesse, qualquer cousa.

E na confeitaria, outro; e no restaurante, ainda outro e no bond mais um e por toda parte, ferozes, impiedosos elles apparecem a desesperar um christão. Ao cabo do dia gastou dez tostões de sellos e vinte mil réis de bestunto, a cavar phrases que, afinal, nunca hão de passar de bobagens, porque, meus filhos, isto de idéas á la minute, isto de phrases tiradas á ganchos, á sacca-rolhas, para um cartão, arranjam-se; mas para dez, para vinte, sou um seu criado!

Não, que cerebro humano não é realejo... — JOSÉ VARIO

OS THEATROS

A SEMANA — Encheu-a ainda o Frei Luiz de Souza. Nada de novo, a não ser hontem, no Recreio, a primeira das Semi-Virgens de que ainda não poderemos dar compte rendu.

No mais, partidas de companhias da Europa, prôa feita á nossa Capital. Souza Bastos está a chegar e com elle Palmyra, a queridissima Palmyra, a talentosa comediante que, em boa hora, trocou o tróló1ó pela comedia em que deve ser encantadora e o Alfredo de Carvalho e o Rangel e o Henrique Alves e tutti quanti.

José Ricardo também já sulca o Atlantico (linguagem poética) com Lapiccolo, um adoravel petit bant de femme, engraçada, garota a mais não; Silva Pereira, o descobridor do elixir da mocidade eterna e o Gomes e o Sá e muita gente nova.

Della Guardi está em viagem, também, Della Guardia que é uma das atrizes mais e mais justamente amadas pelo nosso publico, e organisadora de umas troupes excellentes, afinadissimas. Pela segunda vez com ella Maggi, um mestre de scena, um correctissimo actor.

Isto, os que hão de estrear ainda este mez.

Para mais tarde temos promessas ricas. Oxalá sejam todas cumpridas.

● **O Recreio, ensaia já o Marquez de Priola, a lindissima peça de Lavedan, um dos ultimos grandes succesos da Comedie.**

● **No Parque a companhia lyrica continua a trabalhar com agrado do publico. Esta semana tivemos um Rigolleto que mereceu applausos.**

● **No Lucinda ainda se apura a Fada de Coral, que vae ser um grande successo.**

● **E, com licença... Vamos começar o entrainement das mãos, para poder bater palmas a tanta cousa boa, sem dar cabo das coitadinhas.**

PAPILLON

TRÊS HISTÓRIAS

SIM. Três histórias, porque três personagens. Os fatos são os mesmos, mas os fatos não importam: apenas acontecem. O que importa realmente são as reações que causam, e essas variam de indivíduo para indivíduo; chegam a ser tão diferentes, que a história, no fim, já nem parece a mesma. E é por isso que essas três personagens originam três histórias — os mesmos fatos e três ângulos diferentes.

★

A campainha do telefone retiniu no silêncio da madrugada, ecoando até à inconsciência do sono de Maria Isabel. Parecia vir de longe, e no entanto, o telefone estava na sala vizinha; tocou mais duas vêzes, deixando-a semi-desperta. «Deve ser ela; que horas para telefonar, santo Deus!», foi o que lhe ocorreu à mente ainda quase adormecida. Ouviu o marido fechar a porta de comunicação antes de atender ao telefone; virou-se para o lado e puxou o lençol até às orelhas, procurando reencontrar a imunidade do sono e da ausência de pensamento.

O chôro de Márcio, no berço, acordou-a, entretanto. Apesar das dezenas de livros sôbre educação de crianças que lera enquanto estava grávida, levantou-se e retirou-o do berço, para adormecê-lo novamente. Era um garôto de seis meses e, vendo-o, ninguém lhe daria mais de três, pois era pouco desenvolvido e doentio. Maria Isabel sentou-se na sua cadeira de balanço — sua única exigência quanto à mobília do quarto, e que destoava estranhamente entre os móveis moderníssimos escolhidos por Alexandre, e começou a cantarolar baixinho, tentando sossegar o menino.

Apurou o ouvido, para ver se conseguia ouvir o que dizia Alexandre; mas a porta estava fechada, e além de sua própria voz, nada quebrava o silêncio. Diante dela, os ponteiros luminosos do relógio estavam quase formando o ângulo reto das três horas. «Que idéia, falar no telefone de madrugada! Por isso é que êle não pode dormir, fica esperando o telefonema dela», pensou.

Acariciou os poucos cabelos de Márcio; seu filho lhe era duplamente caro, por todos os sofrimentos que trouxera. Quando descobrira que estava grávida, depois de seis anos de casamento, ficara radiante; além de adorar crianças, esperava que aquêle filho fôsse mais um laço entre ela e Alexandre. Contava com êle para tornar o marido mais caseiro, mais seu, enfim; e, entretanto, tudo tinha corrido mal. Seus sonhos de felicidade doméstica naufragados, suas esperanças mortas, e, em seus braços, aquêle menino triste e feio, que nem parecia ser filho de Alexandre. Certas vêzes, chegava a imaginar que não havia parentesco algum entre o marido e o filho, tal a dissemelhança entre ambos, agravada pela indiferença do primeiro e hostilidade do segundo, que não podia ver o pai sem começar um berreiro tremendo.

Maria Isabel, sentada no quarto completamente às escuras, embalava o filho e pensava na vida. Aquêles anos de casada tinham sido os mais intensos de sua existência; tinha a impressão de que vivera dobrado. Eram reuniões, festas, passeio, convites, jantares, tudo coisa divertida se fôsse por pouco tempo; não para tôda vida. Quando se casara com Alexandre, tinha sonhado que tudo seria diferente, embora êle já fôsse, por êsse tempo, um escritor de certo sucesso. Sonhara com uma casa só dêles, com um jardim na frente, um bairro sossegado e vizinhança amiga, e uma porção de filhos. E, sobretudo, a presença do marido, sua companhia, a vida compartilhada, enfim. Mas os livros e as peças de Alexandre transtornaram tudo: o sucesso que faziam tornavam-no o autor mais discutido e ocupado do momento. Fazia conferências, dava entrevistas, era homenageado; e o sucesso social não tardou a unir-se ao literário, destruindo a intimidade do casal. Ela, Maria Isabel, tinha feito o possível, disso estava certa; tinha acompanhado o marido a tôda parte e se esforçara por manter a vida social que êle apreciava. Tinham sido felizes, durante êsses anos; mas agora, ela se perguntava se o fôra realmente, ou se apenas não tinha tido tempo de se sentir infeliz.

Márcio mexeu-se em seus braços; já estava calmo, prestes a dormir. Maria Isabel, olhando para o filho, pensava se êle não terminaria por afastá-la definitivamente de Alexandre. Já, antes de nascer, começara sua obra: a gravidez fôra difícil e ela tinha sido obrigada a guardar repouso, ficando muito tempo sem sair de casa. E, depois do nascimento, a situação continuara: o marido ia a todos os lugares sòzinho, e ela ficava tomando conta de Márcio, pois não tinha confiança em deixá-lo com a ama. Fôra numa dessas festas a que comparecera só, que êle conheceu Antonieta.

Maria Isabel não conhecia Antonieta, mas sabia tudo sôbre ela. Suas amigas não lhe tinham poupado as descrições: alta, simpática sem ser bonita, e, ao que diziam, muito inteligente e culta. Era secretária do novo editor

(Cont. na pág. 38)

Conto de FERNANDO MOREIRA

Ilustração de RAMON



A BEM AMADA

Conto de **THOMAS HARDY**

MAS, em seguida, notou Pierston que o vulto que divisara e que era Avícia, mudara de caminho e desaparecera como por encanto. Olhou em redor e não mais viu ninguém. A um lado do caminho havia um muro muito baixo; mas não era possível que a jovem houvesse enveredado por trás do muro sem muita dificuldade para ocultar-se. Porém, depois de fazer várias conjecturas, viu que ela reaparecia mais adiante, numa curva do caminho, sem ter passado por êle.

Imediatamente Pierston apressou os passos a fim de alcançá-la. A êsse momento Avícia se deteve a olhá-lo, ainda um pouco distante. Quando o artista chegou ao seu lado, a moça mal continha o riso, mas um tanto constrangida. Pierston, meio cansado, foi dizendo:

— Mas, afinal, que significa isto, amável jovem?

Sem poder ocultar sua emoção, Avícia ficou de lado e respondeu:

— Quando, há duas horas, o senhor me seguia pela **Street of Wells**, eu olhei em derredor e procurei ocultar-me por detrás de uma pedra. O senhor passou roçando-me a falda do meu vestido sem ver-me. Ao retroceder na estrada, voltei a vê-lo parado no caminho, à espera de alguém. Então caminhei por detrás do muro a fim de ultrapassá-lo sem ser notada, e tomei a dianteira. Se eu não houvesse parado para olhar o mar, o senhor não me teria jamais alcançado.

— Mas, por que motivo fêz você tudo isto, minha fadazinha?

— Para que o senhor não me encontrasse.

— Não há razão para isso. Apresente outra causa, querida Avícia, disse êle acompanhando-a a casa.

Avícia titubeou.

— Fale!

— Pois foi porque acreditei que o senhor desejava namorar-me, respondeu ela com decisão.

— Ora, que idéia! Mas, suponhamos que eu desejasse tornar-me seu noivo, não me aceitaria você?

— Agora não... E se ficasse noiva do senhor, não seria por muito tempo.

— Por quê?

— Se eu lhe dissesse, o senhor riria de mim, ou contaria a outro.

— Nunca!

— Pois então vou dizer-lhe — respondeu ela gravemente. — E' porque me canso de meus galanteadores logo que lhes descubro o caráter. O que vejo num jovem durante algum tempo, logo desaparece e se transporta a um outro mais adiante, ao qual me prendo; mas, também êste se dilui e reaparecem as suas qualidades num terceiro qualquer. E assim vou seguindo sem fixar-me nunca em um pretendente. Desta maneira já amei a quinze. Sim, a quinze. Quase me causa vergonha o dizê-lo — repetiu ela a rir. — Mas lhe asseguro, que não posso corrigir-me. E' curioso que, para mim, no fim das contas, todos êles são uma única pessoa a quem não posso ligar-me, ajuntou ela emocionada. Prometa que não vai dizer nada disto a outras pessoas, não? Se isto ficasse conhecido, creio que nenhum jovem me quereria mais.

Pierston quedou silencioso e surpreendido. Ali estava aquela obscura e quase analfabeta jovem empenhada na perseguição de um ideal impossível, no mesmo caminho que êle trilhara durante os últimos vinte anos. Ela agia involuntàriamente, pelo impulso de seu temperamento, confundida, sem cessar, pelo seu próprio instinto. Imediatamente procurou saber o que dêle pensaria ela e lhe perguntou com a alma dolorida:

— ó eu, sou um dêsses?

Avícia, depois de refletir calmamente, disse:

— Foi durante uma semana quando o vi pela primeira vez.

— Sòmente por uma semana?

— Pouco mais ou menos.

— Por que motivo o ser de sua fantasia abandonou minha pessoa e se foi para outra parte?

— Porque, de início, me pareceu o senhor guapo e galante...

— Sim?

Tradução de **RENATO DE ALENCAR**

Ilustração de **RAMON**

— Mas notei depois que era o senhor demasiado velho.

— Você é muito ingênua, Avícia.

— Desculpe, mas foi o senhor quem me perguntou — volveu ela.

— Com efeito, assim é; como não quero mais molestá-la, peço que se vá para sua casa sem demora, pois está ficando tarde.

Quando já estava ela bastante distanciada, também Pierston se dirigiu ao castelo, pensando nos caprichos do destino entre êle e aquela jovem também em busca de seu «Bem-Amado». E o conceito que dêle fizera a moça muito o abalara. Uma coisa era ser um «buscador» de ilusões, e outra, o cadáver dêsse buscador, abandonado pelo seu próprio dono. E isso era o ponto a que êle chegara agora, por pilhéria do destino.

Ao chegar à porta de sua casa, sentiu Pierston cheiro de fumo, e distinguiu duas pessoas a caminhar pela estreita rua lateral que conduzia à de Avícia.

Entretanto, não chegaram lá e seguiram em direção ao castelo **Red-King** e ao mar. Momentâneamente lhe passou pelo pensamento a pesada idéia de que poderia ser Avícia em companhia de algum galanteador vulgar; mas, pelo tom débil com que falava o homem, pareceu também ser o mesmo casal a quem encontrara em outra ocasião a caminho de sua casa.

No dia seguinte ficou o escultor durante a metade do dia em casa para que a linda Avícia estivesse outra vez no castelo e pudesse êle observá-la melhor. Enquanto ela abria as cortinas para que entrasse o sol, ouviu-se um assobio especial procedente das rochas próximas ao jardim. Notou Pierston que a jovem se ruborizava ligeiramente, embora continuasse em seu trabalho como se nada de mais houvesse ocorrido. Entretanto se convenceu o escultor que, se ela já possuíra até ali quinze admiradores, êsse número subira a dezesseis, pois só podia ser mais um para o **carnet** amoroso da jovem lavadeira. Mas, talvez houvesse engano de Pierston. Estimulado pela lembrança de outra e pelo amor que Avícia lhe estava despertando, a ponto de já pensar em fazê-la sua espôsa, apesar de sua possível inadaptabilidade, resolveu êle esclarecer a origem daquele misterioso assobio. Se conseguisse convencê-la (e como poderia uma jovem campesina desprezar tão excelente oportunidade?), pô-la-ia num colégio durante dois ou três anos, se casaria com ela, ampliaria os horizontes de seu espírito com algumas viagens, deixando o resto por sua conta. Quanto à falta de entusiasmo que ela sentia por êle, em tão triste contraste com o afeto de sua mãe, não poderia esperar nada melhor um homem vinte anos mais velho que sua noiva, devendo contentar-se com a presença de uma mulher que lhe recordava todo o encanto de sua juventude, aurindo-lhe o aroma da mocidade em seu lar tão retardado.

Capítulo XVIII

Era uma tarde triste e pesada. Pierston caminhava pelo largo passadiço no estreito dos Pozos. Nas fontes que ali havia de um e de outro lado do caminho, viam-se moças com os seus cântaros. Por detrás das casas que formavam o vestíbulo das penedias, alçava-se o maciço frontal da ilha, encimado naquela parte por numerosos píncaros formando uma coroa mural.

Quando alguém se acercava do extremo superior do estreito, parecia que a rocha lhe detinha os passos, fechando o caminho, defrontado com a escarpa quase vertical, e que se deslizasse esmagaria tôda a aldeia. Mas de súbito se nota que o caminho, antiga estrada romana da península, dá volta em ângulo agudo ao chegar à base da escarpa e sobe em traçado inclinadíssimo pela direita. À esquerda sobe também outro caminho pela encosta, de construção moderna, quase tão escarpado como o primeiro e perfeitamente reto. E' o que conduz aos fortins.

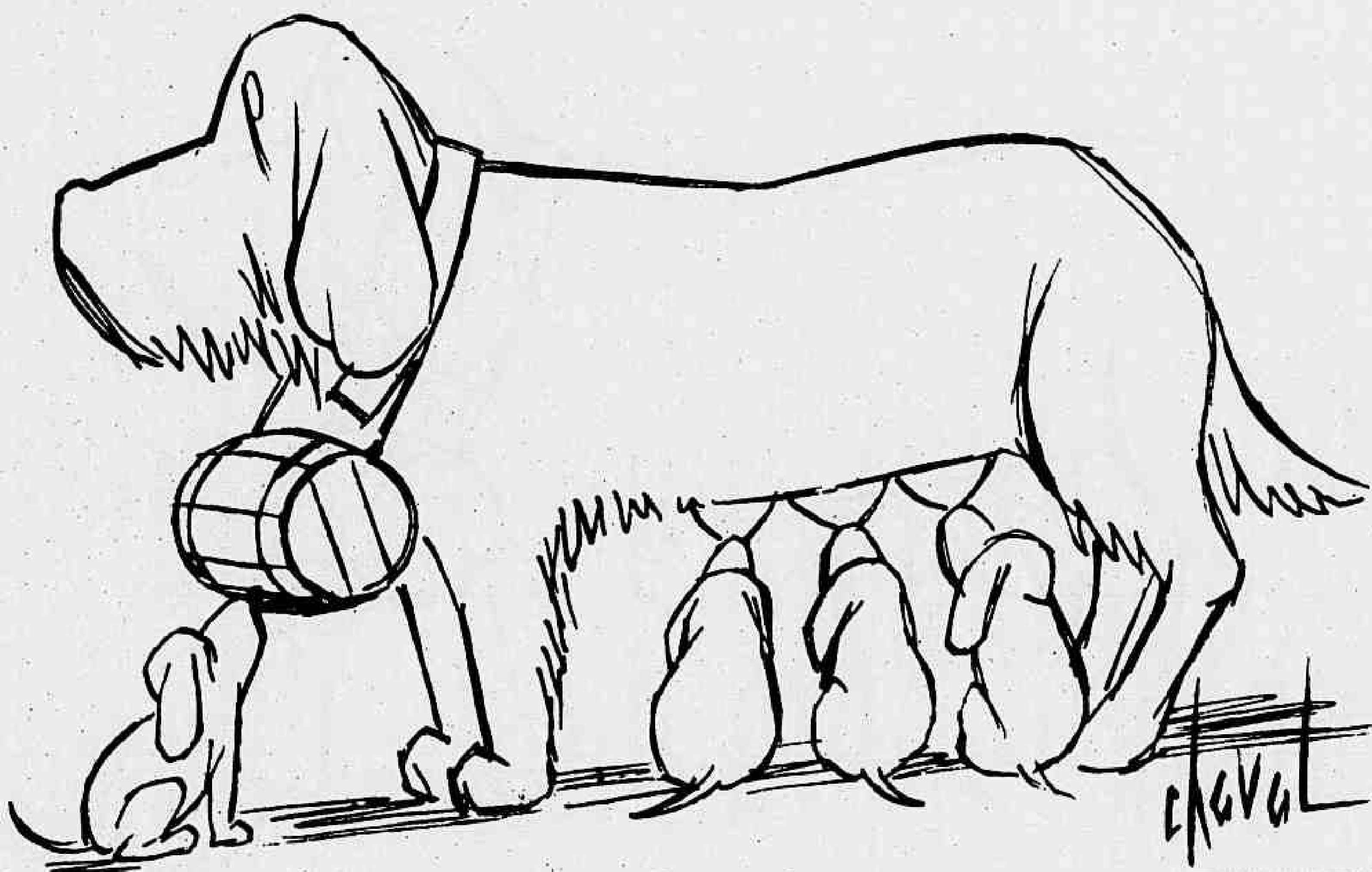
(Cont. no próximo número)

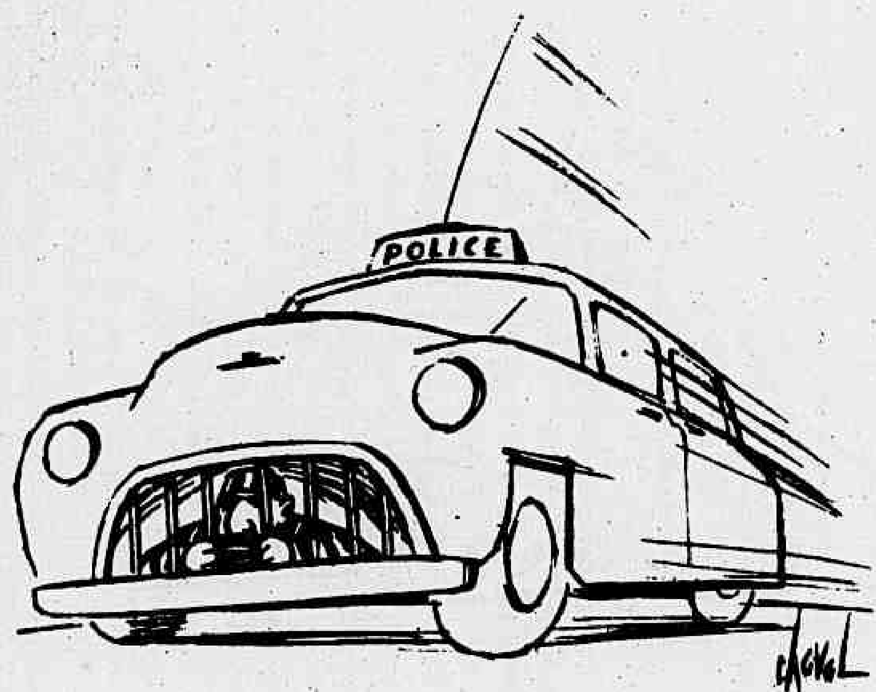


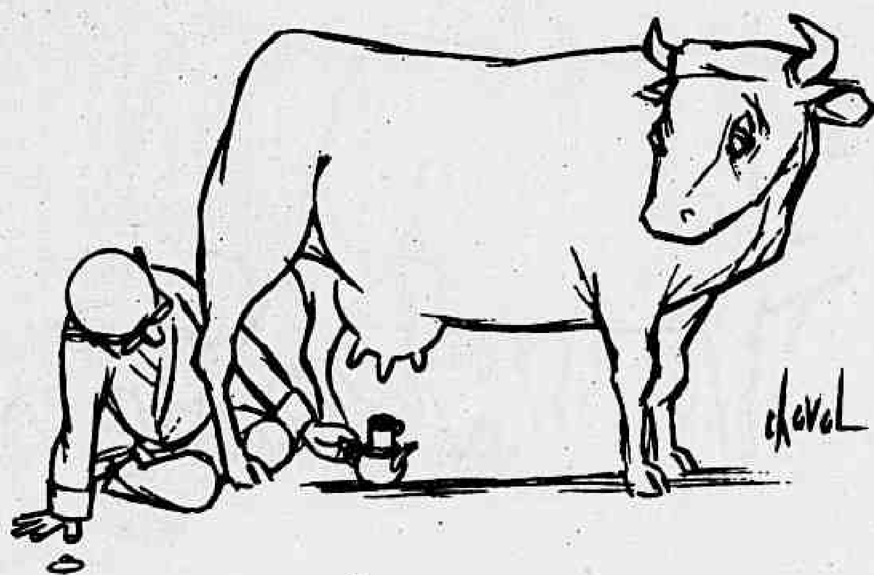
RESUMO DA PARTE JÁ PUBLICADA:

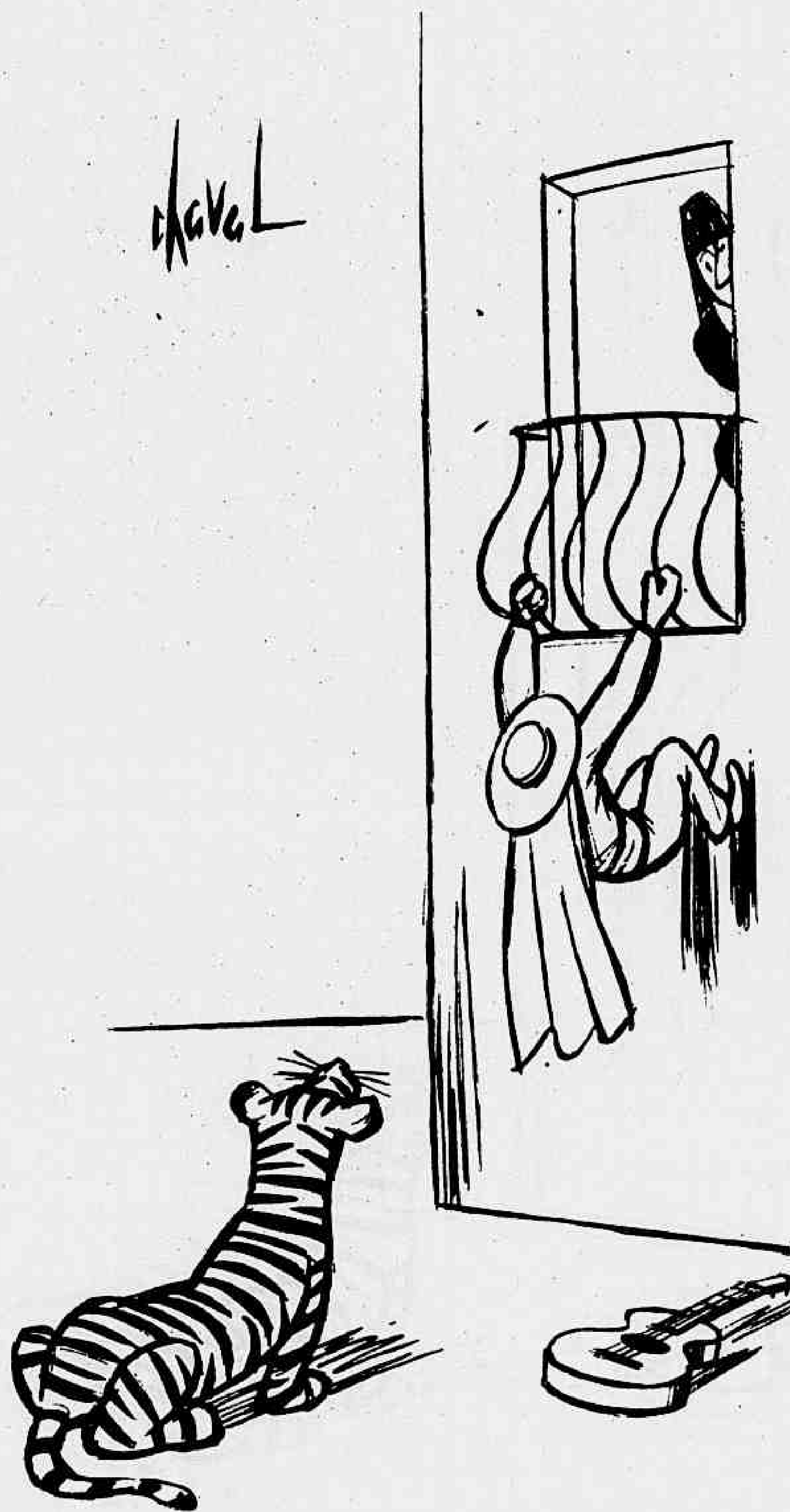
Jocelyn Pierston, famoso escultor residente em Londres, nascera em modesta povoação ilhenha das costas britânicas. Voltando à terra natal, apaixonara-se por Avícia, companheira de infância. Mas, como o escultor vivia com a idéia fixa num tipo de mulher a que chamava de «Bem-Amada», e como duvidasse que a sua eleita viesse a tornar-se nessa «Bem-Amada» ideal, desmanchou o casamento e noivou com outra, a quem também abandonou. Seguiu assim, amando hoje e desprezando amanhã, até que, depois de vinte anos, veio a apaixonar-se pela filha de Avícia, pois sua ex-noiva se casara, tivera uma menina e enviuvara. Quando Pierston soube que Avícia havia morrido, foi visitar-lhe o túmulo lá na ilha natal, encontrando-se ali com Ana Avícia, jovem de 18 anos, cujos traços muito se pareciam com os de sua mãe. Avícia era lavadeira e morava na casa modesta que herdara. Pierston fôra passar uns meses de veraneio lá na ilha e alugara um castelo com o fim exclusivo de aproximar-se da segunda Avícia. A moça, porém, não demonstrava interêsse por êle, o que o desgostava.

O RISO DOS OUTROS









MUNDO DAS LETRAS

● Mauá, gênio que tanto dignificou o valor da iniciativa individual, aparece nítido no livro de Lídia Besouchet estampado em 1945 (S. Paulo, Livraria Martins Editôra). Página 10: «... ninguém lutou mais contra a estagnação ambiente, contra a pasmaceira imperial, contra a rotina sedentária, que Mauá» — «O pensamento vivo de Mauá».

● E' de 1917 o trabalho de Solidônio Leite «A autoria da Arte de Furtar». A propósito da sátira de Antônio de Sousa de Macedo, a Melhoramentos fêz uma edição em 1926 e outra em 1951 da «Arte de Furtar», com excelente introdução de Carlos Burlamáqui Kopke.

● Nem todos sabem que Pedro Américo escreveu um livro, contra as afirmações de Renan, o sutilíssimo estilista. O fato vem serenamente evocado na biografia «Pedro Américo», de Renato Sêneca Fleury, Edições Melhoramentos, 1952.

● Escolham o adjetivo que desejarem. Nós chamaremos «empolgante» à obra de Teodósio Cabral, Henrique Galvão e Abel Pratas: «Da vida e da morte dos bichos», em quatro volumes (O quinto, de autoria exclusiva de Henrique Galvão, «Narrativas de caça grossa em África», é extra-série). Descrições equilibradas e atraentes, sem a imaginação muncausiana dos caçadores... Vimos no II tomo, Lisboa, Livraria Popular de Francisco Franco, 2ª edição: «O amor materno é sentimento de javalis» (Página 206). E' porque êsses porcos bravos têm, para com os filhos, solicitudes, cuidados e dedicações que, diria o poeta, «entre peitos humanos não achei».

● «Colaboração franqueada a todos que se interessam pelas riquezas do Brasil» — declara a primeira página da excelente «Revista da flora medicinal», que tanto e tanto luta para se manter!

● Anchieta, na «Capitania de S. Vicente», pág. 20 da edição do Ministério da Educação e Saúde, Rio, 1946, «explica» docemente a cura do câncer, após afirmar que «o cancro é fàcilmente curado aqui pelos índios»...

● Personalidades e caráter são muito mais que matérias de estudo. O ideal não é acumulação de conhecimentos, mas o desenvolvimento de capacidade — ensina John Dewey, «Vida e educação», Melhoramentos, pág. 34 da 3ª edição, traduzida pelo prof. Anísio Teixeira.

★

● O poeta Van Jafa que vem de publicar um belo livro de poemas, «Menino ou Anjo», pretende candidatar essa obra ao prêmio de poesia da Academia Brasileira de Letras.

★

● A saudosa romancista brasileira, Júlia Lopes de Almeida, vai ter um busto em Lisboa, Portugal. A homenagem teve lugar há dias, sendo a efígie da escritora uma réplica da que está no jardim do Passeio Público, no Rio.

★

● Os «novos» mineiros, através de um jornal que os acolhe, recusaram o protesto da Academia Mineira, a uma crítica em que se censurava o «arcaísmo» da comissão para o júri de prêmios. E' que a Academia afirmou que tem dado prêmios também aos «modernistas»... E os rapazes de Belo Horizonte vieram explicar que não há nada mais «passadista», atualmente, do que os chamados «modernistas».

Semana LITERÁRIA

EDMUNDO LYS

NOTÍCIAS DE MINAS

OBRAS COMPLETAS DE ALVES JÚNIOR — Noticia-se o próximo aparecimento das poesias completas do poeta mineiro Alves Júnior, um dos grandes líricos montanheses, natural de Mar de Espanha, mas que sempre viveu em Juiz de Fora. A iniciativa dessa edição coube à professôra Cleonice Rainho que, durante muitos anos, estêve coligindo a produção esparsa do saudoso poeta.

★

«PRÊMIO HEITOR GUIMARÃES» — Anuncia-se que o escritor Freitas Campos vai editar seu livro de contos, «Sangue Mestiço», há pouco laureado com o «Prêmio Heitor Guimarães», instituído pela Prefeitura Municipal de Juiz de Fora, a fim de relembrar o nome do grande jornalista que, durante muitos anos, viveu e trabalhou naquela cidade, entregando-se ao jornalismo e, assim, fazendo-nos perder uma das mais fortes vocações literárias de nossa terra. E, por falar em Heitor, que rumo teve a iniciativa para erguer-lhe um busto em Juiz de Fora?

★

MUNICÍPIO DE BELMIRO BRABA — Anuncia-se que vai ser criado um novo município em Minas, com a aglutinação de alguns distritos próximos de Juiz de Fora e Matias Barbosa. Andam querendo fazer uma inútil homenagem a Dona Darcy Vargas, dando seu nome à nova unidade política mineira. Entretanto, acentua-se em Minas um movimento no sentido de que seja dado o nome do poeta Belmiro Braga a êsse novo município que inclui em suas divisas o distrito de Vargem Grande, onde nasceu o cantor das «Rosas» e das «Montezinas».

★

«CHÃO DE INFÂNCIA» — Já está nas livrarias o primeiro volume da Trilogia Nordestina, romances de Paulo Dantas, dedicados ao Nordeste brasileiro. O primeiro volume chama-se «Chão de Infância», ao qual se seguirão «Purgatório» e «O Velho Jeremias». Edição da Companhia Editôra Nacional (São Paulo).

UM LIVRO:

NARCISO CEGO

QUEREMOS PAGAR hoje uma velha dívida: o registro do aparecimento do livro segundo de poemas de Thiágo de Mello — «Narciso Cego». O fato de ver diàriamente o poeta, sentado ali perto, na redação do vespertino onde ambos trabalhamos, tem feito latejar em mim um terrível remorso. Expliquei ao jovem poeta que é assim mesmo, com os poetas e os livros que muito amamos, ficamos querendo dar-lhes um maior destaque na notícia, adiamos hoje, por falta de tempo, amanhã, por não estarmos no «mood», depois, por não têrmos a obra à mão e, com isso, vão êles ficando para outra vez. Essa é a pura verdade e o poeta há de acreditar nela. Finalmente, hoje, resolvemos tratar dêsse assunto tão grato, de qualquer forma.

O caso é que, relendo agora o livro admirável, encontramos nêle uma tal ternura, misturada a um tal pessimismo — o pessimismo que é permanente no poeta, a ternura que é, aqui, particular ao pai — que nos ocorreu que êstes altos poemas da segunda parte do livro, o «Romance do Primogênito», deviam ser editados pelos Cadernos de Cultura e distribuídos pelas escolas. Agora que festejamos o «dia das mães», recapitulando o doce amor de nossa vida, êsses poemas de Thiágo de Mello fazem um bem extraordinário ao nosso coração, alagam-nos de infância, enchem-nos de lágrimas os olhos. Realmente. Se, na primeira parte do volume, encontramos o belo poeta, de tão originais acentos, cada vez melhor, com o passar do tempo e o apurar de seu instrumento poético — que a substância se acha tôda nêle, no seu magro corpo de menino grande, nas suas grandes mãos de escultor de beleza — a segunda parte, êsse «romance», é um poder de enternecimento do poeta à beira do berço do filhinho tenro.

● Thiágo de Mello conseguiu dar tamanha altitude ao assunto, soube ser tão grande na intimidade dêsse tema doméstico, conseguiu por tal maneira tirá-lo da mediocridade em que tem vivido, nos versos de circunstância, sentidos, vá lá, mas na regra muito ruins, que a gente não se cança de admirar a fôrça do poeta, de constatar, com emoção, o que é essa fôrça, quando se manifesta.

Narciso Cego» veiu demonstrar que nunca um verdadeiro grande poeta se apouca. Não são os temas poéticos que influem. Não é a forma que prejudica ou ajuda. O poeta, quando o é, pode até transformar o mundo. Essa incursão lírica de Thiágo de Mello pela zona perigosa do álbum-de-família demonstra, não apenas essas verdades primárias, mas, ao mesmo tempo, que notável, singular poeta êle vem a ser. Tôdas as palavras difíceis a respeito de seu livro já foram ditas e muito bem ditas pela crítica mais ilustre. Aqui estamos apenas dando uma breve notícia do aparecimento dêste livro de poemas que nunca será breve, nem nunca desaparecerá.

UM AUTOR:

GEORGES ARNAUD



OS QUE ACREDITAM que os livros de aventuras não se escrevem mais, desconhecem as obras de Georges Arnaud, o romancista francês que, tendo vivido muitos anos na América do Sul, exatamente na Venezuela e adjacências, levou um destino de puro aventureiro e, em seguida, se pôs a contar, nos seus livros, suas experiências e aventuras, tão irreais e extraordinárias que parecem simples ficção.

Desde o aparecimento de «Le Salaire de la Peur», seu nome se projetou como um dos mais significativos romancistas de nosso tempo. O livro despertou enorme interêsse, tornou-se um «best-seller» e Clouzot, o famoso realizador francês, resolveu filmar a bela e áspera história. O filme de Clouzot tem sido muito falado, ùltimamente, sendo um dos favoritos ao grande prêmio do Festival de Cannes. O livro nos parece quase desconhecido no Brasil. E é pena, porque se trata de uma das obras mais interessantes que se registra no moderno romance francês.

● Os outros livros de Arnaud são menos importantes, mas não menos curiosos. Entretanto, a vida de seus heróis, em que se mistura muito da própria vida do autor, não consegue superar, em matéria de aventura, seu destino atribulado. Arnaud viveu trepidantemente experiências sensacionais e promete, inclusive, um romance ou uma peça tratando das prisões, onde estêve, durante algum tempo. Foi moço de frete, mineiro, negociante, mascate, jornalista e muitas coisas outras. Entre suas muitas curiosidades, revela-se que êle é um escritor que não gosta de ler. Não conhece os novos livros e prefere reler seus autores favoritos, entre os quais êle destaca a Condêssa de Segur, com suas histórias para adolescentes. Gosta dêsses livros porque são muito diferentes da vida, o bem é recompensado, o mal castigado, tudo azul e côr-de-rosa, nessas páginas.

Nascido em 1917, bacharel em direito e ciências políticas, Georges Arnaud se destinava à magistratura, como seu pai, que ocupava um alto pôsto em sua cidade natal, Montpellier. Tudo saíu ao contrário do que êle próprio imaginava. E, com isso, ganhou o nosso tempo um de seus maiores escritores.



«Alô! Sabe com quem está falando?» O enigma continua. E' um índio degolado...

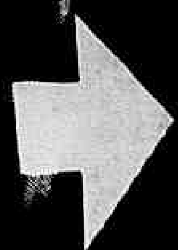
CABEÇAS HUMANAS COM DEZ CENTÍMETROS!

Reportagem de MENDES FRANCO

Fotos de A. VIEIRA

ESTRANHO CERIMONIAL DOS ÍNDIOS "JIVAROS" QUANDO DEGOLAM UM INIMIGO ★ "TSANTSA", O SEGRÊDO QUE OS CIENTISTAS DESCOBRIRAM ★ TROFÉUS TÉTRICOS NO RIO ★ UM NEGÓCIO NORMAL ★ A VINGANÇA ★ DEFORMAÇÃO VOLUNTÁRIA ★ SEDE DE CABEÇAS ★ VISITA AO MUSEU NACIONAL

Um exemplar raro, pela sua perfeição, de uma cabeça humana reduzida a 10 cts.



CABEÇAS HUMANAS

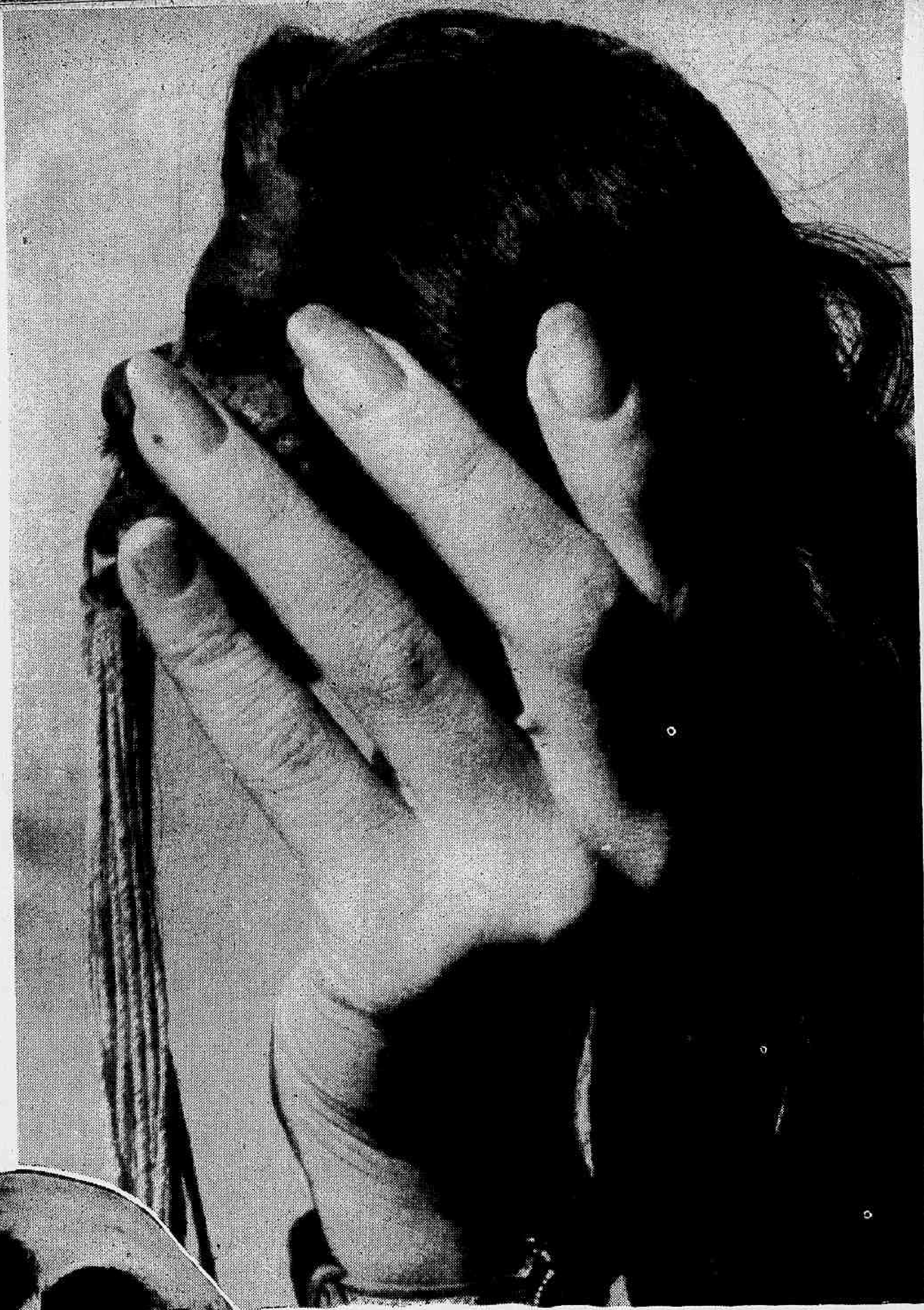
MAIS alguns dias e estarão no Brasil, segundo telegramas de Londres, um antropologista e um etnólogo britânicos, em busca das famosas cabeças humanas reduzidas a dez centímetros, tétrico trabalho executado pelos índios «Jivaros», que habitam às margens dos afluentes do rio Maronon, no Equador, e que são vistos, freqüentemente, nas selvas da Amazônia.

Os museus de Berlim, Londres e de outras grandes capitais procuram enriquecer as suas coleções com aquêles troféus humanos, cujos costumes são estudados por cientistas de quase todos os Continentes. Uma tradição, entretanto, merece cuidados especiais por parte dos antropologistas e etnólogos. Trata-se de «Tsantsa», difícil processo que reduz uma cabeça humana ao tamanho de uma laranja, sem perder um só detalhe físico. Note-se que o «Jivaro» é o único povo que realiza semelhante técnica.

No Museu Nacional, à Quinta da Boa-Vista, no Rio, existe uma destas cabeças.

A REDUÇÃO

Os Jivaros, depois que o inimigo cai prisioneiro, cortam a sua cabeça sem distinção de sexo. Separada a cabeça do corpo, é munida de uma presilha, feita duma tira flexível de casca de árvore, que passa pela bôca e sai pelo pescoço. Os matadores, um a um, sentam-se sôbre a cabeça decepada e o pagé, tomando-lhes o nariz entre os dentes, sopra-lhes nas narinas um pouco de tabaco mascado. Parece que atribuem a esta parte da cerimônia algum poder protetor contra os espíritos vingadores da sua vítima.



Só depois de morto e degolado, a eventual vítima dos índios Jivaros recebe carícias...



Antes de ser submetida à «Tsantsa», a caveira do índio apresentava êste formato.

Ao receberem a injeção nasal de nicotina, os índios ficam prostrados e sufocados; ao voltarem a si, começam o trabalho de redução pròpriamente dito. Na parte traseira da cabeça, após separarem os cabelos pelo meio, da fronte à nuca, dão um corte na pele até quase o tope da cabeça da mesma: puxam pelos lábios de golpe e arrancam o couro cabeludo, como se fôsse a casca de uma fruta ou couro de um animal. Chegando aos olhos, nariz e orelhas, para poderem desagregar a pele, recorrem a facas adquiridas por troca ou a instrumentos de pau de «chonta», com os quais praticam então algumas incisões. O crânio fica completamente nu e a cabeça desossada forma uma espécie de saco de pele, ao qual ficam aderentes alguns músculos, gordura e carne. Costuram a abertura pela qual iniciaram o esfolamento, servindo-se de uma agulha de bambu e de uma linha feita de fibra da fôlha de palmeira «chimbra», ficando sòmente livre a abertura do pescoço, ao redor da qual cosem um aro, que vai diminuindo conforme se processe a redução. O aro é feito dum cipó chamado «Capi». Os lábios, perfurados por três finíssimas estilhas de pau «chonta», são ligados um ao outro, por fios de algodão, ficando a bôca hermèticamente fechada. Uma panela cheia d'água, colocada sôbre uma fogueira, recebe a cabeça desossada, que será retirada assim que a água começar a ferver, a fim dos cabelos não se desagregarem.



Do lábio superior à testa, o tamanho é igual ao de uma caixa de fósforos.



A mão diz das proporções da cabeça, que é do tamanho de uma laranja da Bahia.



A bela e a fera... Moça carioca contempla um tétrico troféu pertencente aos «Jivaros».

A panela é fabricada especialmente pelo pagé para essa finalidade e não pode ser avistada antes da cerimônia. Graff narra êstes detalhes e acrescenta, que a medida da panela é, aproximadamente, de 45 centímetros de diâmetro e outro tanto de profundidade; é feita com uma argila vermelha e seu formato é cônico. A cabeça, ao ser retirada da água, já está um pouco reduzida e tem mais consistência. E' então dependurada na ponta dum pau ou lança, onde fica escorrendo e esfriando.

DEFORMAÇÃO VOLUNTÁRIA

A redução pròpriamente dita só começa no dia seguinte, prolongando-se de cinco a sete dias, sem interrupção. A transformação operase principalmente devido aos seguintes fatôres: a areia escaldante, com que contìnuamente enchem a cabeça, e as pedras quentes, com as quais «passam a ferro» ou «fazem massagens» em sua parte externa. Assim que a areia e as pedras esfriam, são substituídas por outras. Mantêm permanentemente sôbre o fogo uma espécie de frigideira de barro, na qual a areia é aquecida, e despejam-na dentro da cabeça por meio de uma cuia. As pedras também são aquecidas constantemente na fogueira; para manejá-las, servem-se de fôlhas de palmeiras. Com o calor da areia, os poros dilatam-se, a pele contrai-se como se fôsse curtida. Sempre que esvaziam a cabeça, raspam-na inteiramente, a fim de remover a carne, músculos, etc., queimada pela areia. As pedras deslizam sôbre a pele, por causa da gordura que sai pelos poros, com a mesma facilidade dum ferro de engomar sôbre a fazenda. (Cont. na pág. 37)



Os «Jivaros», por espírito de vingança, deformam a bôca do inimigo: 2cts...



Os «Jivaros», com fogo, reduziram esta cabeça humana a 10 centímetros

A SEMANA ASTROLÓGICA

Indicações do seu horóscopo, entre 16 e 22 de maio de 1953
(Hemisfério Sul)
Se o leitor nasceu sob o signo do:

CARNEIRO (21/9 - 20/10) — A semana se iniciará de modo desfavorável aos seus interêsses e aos seus negócios. Como um oásis no meio dos desfavores da sorte, terá ùnicamente, o dia 19, podendo, no decurso do mesmo, tentar com êxito alguma coisa.

TOURO (21/10 - 21/11) — Um período fraco, mas liberado, é o que lhe vai ser oferecido. O dia 17 será o pior em desfavorabilidade. Com prudência e acuidade nos negócios poderá melhorar bastante a sua situação.

GÊMEOS (21/11 - 22/12) — Com exceção do dia 20, a semana lhe será inteiramente favorável. Haverá chance nos negócios, boa compreensão no lar, paz doméstica e a possibilidade de novas amizades muito proveitosas.

CANCER (23/12 - 20/1) — Uma grande movimentação o espera na semana entrante. Os resultados, porém, de tanto esfôrço, não compensarão. Adote, em seu proveito, uma resistência passiva.

LEÃO (21/1 - 20/2) — Não tome iniciativa de vulto, no dia 20. Os restantes favorecerão largamente, os seus empreendimentos. Poderá viajar, propor, assumir compromissos, projetar e dar corpo, até, às idealizações.

VIRGEM (21/2 - 22/3) — Um engano altamente prejudicial poderá coroar os seus insucessos, no período de 16 a 22 de maio. Não valorize demasiado suas inspirações. Viva terra a terra, na solução dos seus problemas.

LIBRA (23/3 - 20/4) — As aventuras sentimentais, no próximo período, estão destinadas a um retumbante fracasso. O mesmo não se dará no mundo dos negócios. Pelo contrário, haverá posibilidades para compensadores lucros.

ESCORPIÃO (21/4 - 20/5) — Continue suas atividades no setor profissional, desfrutando o clima de confiança e de prestígio que os astros lhe vão oferecer. Peça, solicite, requeira e será atendido.

SAGITARIO (21/5 - 23/6) — O leitor vai ter uma semana largamente provida. Na antevisão de um período de crise, terá a satisfação de receber récursos para solucionar com saldo, os problemas domésticos.

CAPRICÓRNIO (24/6 - 22/7) — Abrir-se-á, promissoramente, a semana, proporcionando-lhe, de entrada, o reconhecimento dos seus direitos, na demanda que estiver sendo sustentada. Aproveite bem a chance dos próximos sete dias.

AQUARIO (23/7 - 21/8) — Seu período desfavorável continuará. Repetimos e reforçamos até, as recomendações feitas na semana anterior. E' melhor prevenir do que remediar.

PEIXES (22/8 - 20/9) — O ambiente dos astros será modesto, no seu caso. Não alimente a esperança de grandes coisas, de aquisições valiosas. O período será bom, não obstante, para jogar sua semente. Ela frutificará multiplicadamente.

OS NOMES DA SEMANA

Maio 16	—	Julião	—	Juliana
» 17	—	Armênio	—	Aurea
» 18	—	Elídio	—	Alina
» 19	—	Carlos	—	Eitel
» 20	—	Flávio	—	Jovita
» 21	—	Paulo	—	Márcia
» 22	—	Eulálio	—	Elza

EFEMÉRIDE DA SEMANA

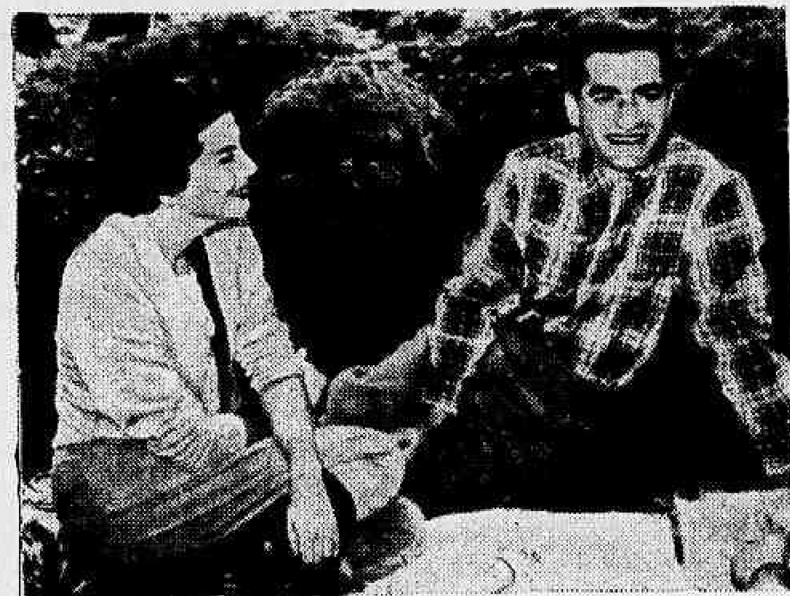
Marcha e posição do Sol — Meio-dia de Greenwich

Maio 16	— 25°18'38"	(Signo do Touro)
» 17	— 26°16'26"	(» » »)
» 18	— 27°14'15"	(» » »)
» 19	— 28°12'01"	(» » »)
» 20	— 29°09'46"	(» » »)
» 21	— 00°07'29"	(Signo dos Gêmeos)
» 22	— 01°05'10"	(» » »)

JANELA SOB









AS AGITAÇÕES de Teerã puseram, mais uma vez, em foco a figura do Xá Mohammed Riza Pahlevi. Aqui o vemos a brincar com o seu cão favorito no jardim do palácio imperial. Na outra foto, quando ainda era casado com Fawzia, irmã do rei Faruk. A menina é a princesa Shahnaz, hoje com treze anos. Casou-se com Fawzia, por interêsses políticos, em 1939, matrimônio que se desfez em 1951, quando desposou a princesa Soraya, sua atual mulher. Nas outras fotos: o Xá e Soraya almoçam nos arredores de Kalardasht, norte da Pérsia, onde costuma gozar férias, e ambos num passeio a cavalo naquela região. Os soberanos da Pérsia têm uma educação ocidental refinada e já introduziram na côrte muito dos costumes europeus.

● Prisioneiros das Nações Unidas, em declarações à imprensa presente à troca de feridos e doentes de ambos os lados, disseram que tinham sido muito bem tratados pelos sino-coreanos nos vários campos de concentração, na China.

● Dias depois, novos prisioneiros da ONU asseveraram às autoridades norte-americanas que os sino-coreanos haviam trucidado milhares de soldados feridos das Nações Unidas, despenhando-os em abismos e matando-os de fome, sôbre a neve.

● As declarações de alguns ex-prisioneiros americanos contra o tratamento que os sino-coreanos haviam dado aos mesmos, denunciando crimes praticados em prisioneiros da ONU, estão causando apreensões, esperando-se represálias dos chins.

● O macaco «Mickey», do circo onde trabalha com Mr. Stephen Jacyma, acusado de participação nos atentados de Buenos Aires, desde que seu dono estêve detido, fêz a greve da fome e do trabalho, só se alegrando quando Jacyma foi sôlto.

RE O MUNDO

QUEM DISSE ISSO?

1 — Tudo que vem do acaso não tem firmeza.

2 — O dever é um deus que não admite ateus.

3 — Não há homem, por mais sábio, que não precise de conselhos.

4 — O amor é cego. A amizade cerra os olhos.

5 — A riqueza é como a roupa. Muito folgada, embaraça; estreita de mais, oprime.

(Respostas na página 36)

● O delegado brasileiro, Sr. João Carlos Muniz, que foi Presidente da Comissão Política na ONU, recebeu de todos os demais membros da ONU, as mais entusiásticas felicitações pela sua gestão imparcial, inclusive de Vichinski, do bloco russo.

● As Nações Unidas aceitaram as reclamações da Birmânia e exigiram que os 12 mil soldados irregulares nacionalistas chineses que se encontram refugiados naquele país, deponham as armas e abandonem a Birmânia, ou fiquem internados.

● O general Peron, falando aos delegados da Convenção de Sanidade Ferroviária, declarou que a Argentina entrará num período de grande prosperidade se a nação conseguir, pelo menos, 75 por cento dos objetivos visados no Plano Quinquenal em curso.

● A bordo do vapor holandês «Gelberg» e procedente de Hong-Kong, vem para o Brasil uma leva de russos brancos somando 250 pessoas, entre homens, mulheres e crianças. Todos procedem da Mandchúria e estavam na China aguardando transporte.

● A 23 de abril foram prêsas cêrca de quarenta pessoas na cidade de Eva Peron, tôdas pertencentes ao P. C. argentino, quando se reuniam no comité comunista local, contrariando ordens expressas da polícia que proibiam reuniões públicas.

● O Sr. Foster Dulles, secretário de Estado norte-americano, em entrevista à imprensa francesa, acaba de declarar que não se podia pensar houvesse modificação fundamental na política exterior da Rússia, e que a NATO continuaria seus planos.

● Está repercutindo mui intensamente nos meios marítimos e na repartição federal do Serviço de Estrangeiros, a descoberta de grande escândalo com a entrada no Brasil, de centenas de pescadores portuguêses das ilhas da Madeira e Moçambique, a fim de trabalharem na pesca do Rio e Santos. Segundo denúncia publicada em jornais cariocas, o caso assume sensacionalismo, pois que os pescadores lusitanos já entravam no Brasil com suas carteiras em ordem, fornecidas por certa capitania dos portos situada no nordeste do país. Os documentos falsos seriam obtidos mediante subôrno, e o caso foi confirmado pelo presidente do Sindicato dos Armadores de Pesca, Sr. José Pereira do Nascimento, embora não tenha o mesmo querido adiantar mais alguma coisa. O fato está alarmando os armadores, pois a maioria dos pescadores é de portuguêses admitidos ilicitamente.





ANITA FRANCES RODDY, nova espôsa de Tommy Manville, ao saber que o milionário, rei do amianto, ia desposar Lilian Bishop, uma loura de 29 anos, ou seja a espôsa número dez, atentou contra a vida em seu apartamento em Nova York. Sua irmã Juanita a conforta. Anita jamais concordou com o divórcio, que continuava em suspenso; mas Tommy é mesmo do amor, e, na outra foto o vemos em plena felicidade conjugal ao lado de sua nova eleita. E' curioso que Mr. Manville, com seus 58 janeiros, já tenha desposado, por duas vêzes, mulheres das quais se divorciara. Mas, desta vez, êle preferiu uma diferente, a lourissima Lilian. O caso foi comentadíssimo e muitos acham que Anita não devia importar-se com o volúvel Tommy.

PUXE PELO CÉREBRO

NOSSA COLUNA DE TESTES

1 A quem se deve a invenção do avião a jacto:
— Ao aviador Bleriot?
— Ao inglês Frank Whittle?
— Ou a Santos Dumont?

2 Quantos anos faz do início da TV (televisão):
— Quinze?
— Oitenta?
— Trinta e dois?

3 Em que cidade há o maior cinema do mundo:
— Nova Iorque?
— Londres?
— Buenos Aires?

4 Em que país nasceu Alexandre Graham-Bell, inventor do telefone:
— Inglaterra?
— Estados Unidos?
— Austrália?

5 Em qual lugar, pela primeira vez, se utilizou a luz elétrica:
— Numa oficina, de Edison?
— No Scala de Milão?
— No Teatro da Ópera de Paris?

6 Como se chamava o cidadão que achou a famosa pedra Rosêta:
— Bouchard?
— Champolion?
— Rawlinson?

7 Qual o nome popular da Via-Láctea:
— Arco da Velha?
— Caminho de Santiago?
— Estrada de Belém?

8 Que quer dizer «impressão digital»:
— A que deixamos pela marca dos dedos?
— Uma sensação moral rápida?
— Marca da palma das mãos?

9 Qual a maior profundidade investigada até hoje, no mar:
— Doze mil metros?
— Nove quilômetros?
— Onze mil metros?

10 Quantos rios desaguam no Mar Vermelho:
— Cinco?
— Dois?
— Nenhum?

11 O Monte Sinai, famoso na História Sagrada, fica:
— No Egito?
— Na Arábia?
— Na Líbia?

12 Qual o lago do mundo isento de micróbios:
— O Titicaca?
— O Mar Morto?
— O de Como?

13 De trinta em trita metros a temperatura da Terra aumenta de:
— Um décimo de grau?
— Dois graus?
— Um grau centígrado?

14 Que significa rio Araguaia, na língua dos nossos índios:
— Mar que corre?
— Mar Vermelho?
— Rio Perigoso?

15 Em quantos dias se fêz a primeira viagem de automóvel, do Rio de Janeiro a São Paulo:
— Cinco?
— Dezoito?
— Trinta?

Resposta 0: estado primitivo — Homem-macaco.
De 1 a 3: cultura inferior — Selvagem.
De 4 a 6: cultura média — Estudante ginasial.
De 7 a 11: cultura superior — Universitário.
De 12 a 14: um sábio.
Tôdas as 15: um gênio em pessoa.

(Respostas na página 36)

SEGREDOS DA ALMA

À LUZ DA PSICANÁLISE

VOCAÇÃO PROFISSIONAL

DR. LUIZ FRAGA

A. L., comerciante de 48 anos de idade, é casado e tem um filho único que está concluindo o curso científico. O rapaz, de nome Adalberto, gosta de desenhar e mexer em máquinas desde a sua segunda infância. O sr. A. L. deseja que o Adalberto faça o curso jurídico para dedicar-se a advocacia.

Fizemos um «test»psicotécnico e verificamos que a vocação de Adalberto é a engenharia.

A. L. — Veja se a sua psicotécnica, doutor, convence êste moço a seguir a carreira do avô que foi, em seu tempo, um dos grandes causídicos paulistas.

MÉDICO — A psicotécnica não convence, meu amigo, indica a vocação. Trata de estabelecer em que gênero de ocupações o indivíduo melhor se poderia empregar.

A. L. — Isto é infalível?

MÉDICO — Sem dúvida, há profissões cujo trabalho é essencialmente estereotipado. E' preciso apelar, entretanto, para fatôres mais profundos e, necessàriamente, menos redutíveis às realidades atuais.

A. L. — O senhor quer referir-se, talvez, à hereditariedade...

MÉDICO —Seria necessário conhecer a importância das influências que o indivíduo sofre das suas origens, do meio, da sua formação...

A. L. — ... de que lado, preferencialmente?

MÉDICO — De acôrdo com a lei de Galton, os traços hereditários proviriam metade dos pais; ¼ dos avós e um oitavo dos bisavós. Mas a semelhança de irmãos com irmãos seria muito maior...

A. L. — Não será o caso de Adalberto. Êle é filho único.

MÉDICO — Sei. Respondo a sua pergunta generalizando. Na família certas circunstâncias podem influir sôbre a orientação dos filhos.

A. L. — Afinal, doutor, a escolha e a orientação profissional devem ser feitas de que modo?

MÉDICO — O estado nervoso, a maneira de reagir às influências climáticas e às da sua habitual; suas preferências, ocupações espontâneas, particularidades da vida afetiva, projetos para o futuro, ardor, indolência ou tenacidade, precipitação ou minúcia, etc., podem orientar o pesquisador avisado.

A. L. — A inteligência, sobretudo, não?

MÉDICO — Às vêzes a inteligência pode ser sobrepujada pelas condições de caráter. Em certas profissões a superioridade intelectual não é sempre o que a moral corrente considera como louvável. Muita inteligência é prejudicial em certos empregos, como, por exemplo, o de caixa.

A. L. — Compreendo, é arriscado. Sei de uma porção de talentos que esvaziaram as gavetas.

MÉDICO — Não se trata disto. Um indivíduo muito inteligente sente tédio, resultante do desinterêsse por uma tarefa elementar, absolutamente desproporcional à sua capacidade.

A. L. — O interêsse deve ser levado em conta, acima de tudo...

MÉDICO — Em parte. Êle deve passar pela prova das circunstâncias que destaca reações ignoradas pelo próprio indivíduo. Cada um dos elementos funcionais varia dentro de limites muito estreitos. A orientação profissional deve descobrir as tendências obscuras, para determinada profissão.

O exame psicotécnico realizado no Adalberto aconselha como profissão para o seu filho, a engenharia.

A L. — Há muita gente errada na profissão, não, doutor?

MÉDICO — Sim, não sei qual a interpretação que o amigo quer dar às suas palavras. Mas, sem dúvida, a escolha adequada da profissão facilita em mais de 50 por cento o êxito na vida.



CORRESPONDÊNCIA — M.H., B.C.C., H.J.L., O.P., I.U., R.E. (Distrito Federal) — Exames como o que desejam, só no consultório. Procurem-me a partir das 16 horas, à Rua Senador Dantas, 76, 4º and., às segundas, quartas e sextas.

C U P Ã O

Nome ....

Pseudônimo ....

Data do nascimento ....

Estado civil .... **Profissão** ....

Residência ....

CONTA-ME teus Sonhos

MARIA PAULA

● **FELICIDADE** — (Rio)

SONHO — Sonhei que estava numa reunião. De pé, só distinguia na minha frente, um Mestre muito jovem, que me dava conselhos e que, virando-se para mim, disse: — "E's aí a tua alma gêmea!" — Vi, então, a meu lado, uma "alma" também jovem, que queria pegar na minha mão. À nossa volta, partindo de nossa cintura e envolvendo-nos a cabeça, como se quisesse juntar num só, havia um círculo côr-de-rosa avermelhado; fiquei assustada e mais ainda quando êle me convidou para percorrermos juntos o universo. Meu susto foi tão grande que bati com o pé no chão, gritando: — "Não! Não!" — Ao acordar estava caída no chão.

INTERPRETAÇÃO — Peço que se reporte à resposta dada, num dos números anteriores a **Mãos Brancas.** Ali me refiro ao Mestre e Conselheiro. Vejo em você um espírito impressionável e que está, talvez, recebendo orientações ou lições que não se coadunam perfeitamente com sua mentalidade um pouco infantil, como se depreende do seu talhe de letra. Você vive misturando estudos transcendentes (reunião e jovem mestre) com símbolos fálicos disfarçados em místicos pretendentes a casamento (sua alma gêmea). E' patente e sensível que você recebe algumas instruções sôbre ocultismo (círculo avermelhado) e, sem uma diretriz segura, ou mesmo sem um objetivo imediato que ocupe seus pensamentos em algum trabalho, vive vibrando constantemente num plano um pouco acima da terra, o que traz em conseqüência um certo desequilíbrio entre o corpo e o espírito (negativa de acompanhar sua alma gêmea), e que pode acarretar-lhe transtornos fisiológicos de alguma gravidade (bater com o pé no chão). Teimosinha, hein? Tenha muito cuidado com certas práticas espiritistas, quando feitas sem o devido equilíbrio entre o material e o espiritual. Saneie sua mente, faça esporte, estude uma arte: piano, canto, costure para os pobres, se tem posses.

Viva ao ar livre e tenha conversas próprias de sua idade...

● **LIRA** — (Rio)

SONHO — Estava numa sala, em pé, diante de uma mesa forrada com uma toalha branca. Dentro de um prato, havia um grande pão. À minha frente, do outro lado da mesa, estava sentada uma amiga minha. Tentei cortar o pão, mas não consegui, pois parecia borracha; então afiei uma faca e, com relativa facilidade, parti-o em fatias que ofereci à minha amiga.

INTERPRETAÇÃO — Você deve sentir-se amparada e protegida por alguém, ou possui convicções bastante firmes sôbre seus pontos de vista (sala), pois, sendo a sala formada por quatro paredes, nos dá imediatamente a idéia de quadrado que, na mística maçônica, representa a estabilidade e indica que a conduta humana, quando baseada na harmonia entre os princípios do macrocosmos e os do microcosmo, é justa e conduz à tranqüilidade de vida. Desde os tempos primitivos, em que o homem selvagem tinha uma explicação para cada fenômeno, até o presente, sempre se procurou desvendar os símbolos que a Natureza nos oferece. Ùltimamente, então, os psicanalistas têm procurado levantar o véu que cobre e encobre cada símbolo onírico, certos de que assim poderão classificar mais fàcilmente os caracteres e conhecer as tendências naturais do indivíduo, podendo também perscrutar seu estado mental e hormonial. Por isso, conhecendo que os símbolos são produtos de sugestões exteriores, êles analisam os sonhos aproveitando a simbologia que nêles se apresenta. Em seu sonho, por exemplo, você tenta partir o pão que se apresenta com a característica da matéria plástica (borracha) e encobre um símbolo fálico e energético. E muito mais diria sôbre o **pão** do seu sonho, se me fôsse possível fazê-lo numa pequena coluna de revista... Entretanto, note que você está imbuída da vontade muito humana de repartir o maná que lhe cabe entre os seus amigos (repartir o pão) e pretende mesmo saber dividi-lo com tal habilidade que poderá fazer o milagre dos pães e dos peixes, mesmo neste século de egoísmo...

EM 8 de Outubro próximo se celebrará o centenário do nascimento de José do Patrocínio. Pensávamos que tivesse nascido em 1854. Osvaldo Orico, seu biógrafo, esclareceu em definitivo, com o competente documento paroquial: foi em 1853. A correção — com a respectiva prova — antecipará de um ano as comemorações cívicas devidas ao «tigre da abolição». Ninguém as merece mais do que o grande tribuno: e com elas se identificará o povo, porque êle foi uma expressão selvagem da sua fôrça, o próprio povo no milagre do Verbo. Celebremos Patrocínio!

O caso do pobre sujeito de Campos que foi desenganadamente um dos homens que transformaram a vida nacional — mestiço de gênio iluminado por um permanente ideal de revolta — é o da inteligência que se inspira nas reivindicações do sangue para produzir a alegoria incandescente da liberdade. Explica-se antes de mais nada pelo sentimento dramático da solidariedade humana: é uma atitude de integração vingativa, o retôrno messiânico do negro às desolações da servidão, o complexo de Spartacus. Naquele abolicionismo literário, em que resplandecia a candente piedade dos senhores, na intuição democrática das elites, com o apolíneo Nabuco, a poesia de Castro Alves, a eloqüência dos estudantes liberais — representou a alma das ruas, o suor e a lágrima das multidões, a angústia dos oprimidos, a senzala e o eito... Atiraram-lhe uma vez à face o remoque: prêto! Respondeu, tinha a côr de Otelo, para sentir o seu formidável ciúme por Desdêmona, a pátria... Mas, em verdade, Patrocínio era um talento contraditório que oscilava entre os extremos: apóstolo angélico da libertação dos escravos, deu-lhes a solidariedade da raça, sem renunciar à classe a que se subiu, os seus orgulhosos direitos de aristocrata do espírito. Num belo discurso, vociferou: «Nós, os latinos...» E conta-se aquela esplêndida pilhéria de Paula Ney, em certa noite de conferência abolicionista, quando o orador, perante um auditório calmo, desenvolvia friamente uma cansativa perlenga. Os maiores retóricos têm os seus dias maus. Naquele, o ígneo tribuno fraquejava, sem entusiasmo, arrastando os conceitos insípidos de uma alocução prolixa... E o amigo, na galeria mais alta do teatro, decidiu ajudá-lo; e dardejou o aparte: Cala a bôca, negro. Foi como se o raio o ferisse: e — como em certas mágicas — uma explosão de flores destampasse o vulcão. Pletórico, indignado, sublime, gesticulou a vangloria de ser prêto, e em «vozes d'África» defendeu admiràvelmente a sua causa, já então o povo a aclamá-lo, numa tempestade de aplausos... Mas à saída, pelo braço de Ney, afogueado e feliz, rosnou o seu rancor: Só queria saber quem lhe jogara a injúria, para partir-lhe a cara... Tinha-a escura; porém que ninguém lho dissesse.



O CENTENÁRIO DE JOSÉ DO PATROCÍNIO

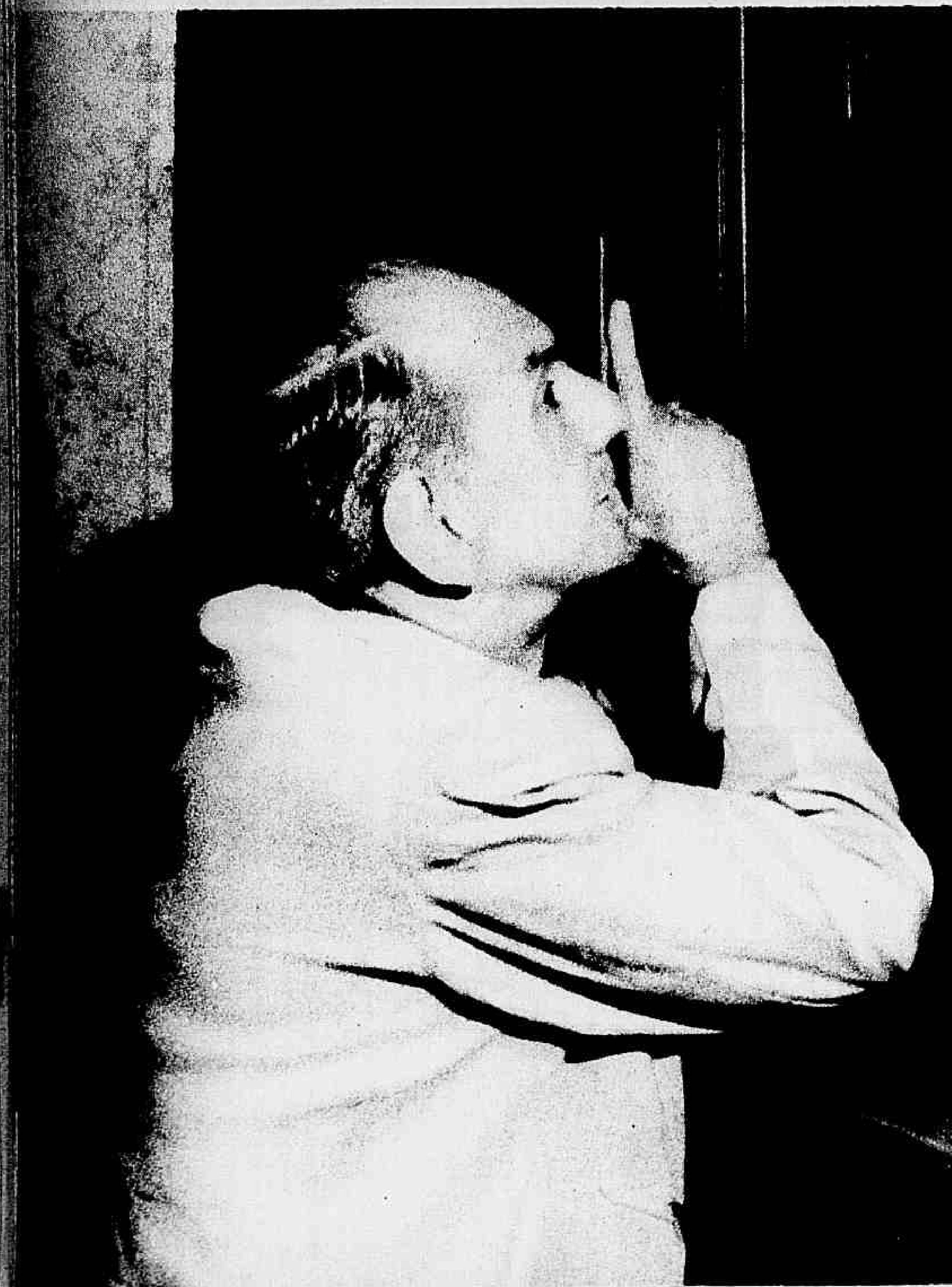
PEDRO CALMON
(Da Academia Brasileira)

O improviso era a sua fôrça, nessa capacidade fulmínea de deslumbrar o público com frases de apoteose, enervando-o em provocações soberbas. A ênfase nascera com êle: era literalmente a hipérbole, no senso grandíloquo da exaltação, no delírio da palavra romântica, na sua pirotécnica. Fêz a penosa jornada do emancipacionismo com a flama dêsse estilo, em que a demagogia era iluminadamente poética — e a peroração sacudia as instituições, como o «simoun» do deserto. Manejou espantosamente a metáfora: e através dessa fluência comicial, clareando com os relâmpagos do lirismo a sordície da vida cotidiana, derrubou as muralhas do cativeiro. Alguém disse — num julgamento cheio de compreensão — que se tivesse morrido a 13 de Maio de 1888, seria a glória sem eclipses. Cometeu o êrro de sobreviver: e conheceu tôdas as decepções do infortúnio e da decadência. Mas, até o fim, cultivou o fogo sagrado das idéias e continuou arrebatador, fulgurante, desabrido. Uma feita, quando Prudente de Morais conseguiu o apaziguamento no Rio Grande, indispensável à anistia dos revoltosos de 1893, o povo, com Patrocínio à frente, foi bater-lhe às portas: e aos gritos exigia que o presidente baixasse à rua, para ser saudado. Taciturno e digno, aquêle paulista impassível recusou: assistiria da janela a manifestação. Patrocínio resolveu a dúvida com uma exoriação: não era o govêrno que devia nesse momento descer até o povo, era o povo que devia subir até Prudente de Morais, para coroar, com a sua gratidão, o pacificador da república... E sob uma trovoada de ovações conquistou o último oratório de sua carreira magnífica de capitão das massas. Deu-se à fantasia de imitar Augusto Severo e inventar o seu aerostato. Depois de tanto vôo, Ariel transformar-se-ia em Ícaro. Com o seu balão comoveria as multidões já insensíveis ao seu verbo fatigado... Morreu sem conseguir pôr no ar o seu balão. Acabou pobre, debruçado sôbre a banca de jornalista, escrevendo sempre. Em verdade, a sua suprema façanha fôra a vitória da Abolição: e esta o imortalizara. Elevára-o mais alto do que tôdas as aeronaves da sua esplendorosa alucinação de poeta.





Homens do povo, mulheres que descem dos subúrbios, cidadãos bem postos na vida, todos vêm render homenagem ao Santo Cavaleiro, agradecendo-lhe uma graça recebida ou pedindo um milagre. Beijando as fitas que descem da lança, os devotos expressam a esperança no olhar.





SÃO JORGE—TERROR DOS BANQUEIROS



S. Jorge é adorado pelo povo carioca. Seja encarando-o como imagem do agiológio católico, seja como o «Ogum» africano.

HOJE É O DIA DE OGUM, DIZ A PRETA VELHA ★ S. JORGE CONTRA OS JOGADORES ★ ESMOLA A RODO PARA OS COFRES DO SANTO CAVALEIRO ★ GENTE DE TÔDAS AS CLASSES SOCIAIS NA IGREJA DO CAMPO DE SANTANA, PARA HOMENAGEAR O SANTO

Fotos de ADIR VIEIRA

DENTRE os mais queridos santos do agiológio católico, destaca-se S. Jorge, o Santo Cavaleiro, popularíssimo no Distrito Federal, a disputar prestígio com os «Dois-Dois» (Cosme e Damião) e o próprio S. Sebastião, padroeiro da capital federal. Um dos mais curiosos aspectos do dia 23 de abril — dia de S. Jorge — é o que ocorre às ocultas, naturalmente, nos arraiais do jôgo do bicho, tão perseguido pela polícia e sempre a vicejar entre a massa popular. Nesse dia as «fortalezas» se previnem com a sobrecarga no cavalo. Mas, como se o milagroso santo procurasse convencer os viciados, de que tal tradição é um crime, nunca dá cavalo... Mas o povo não quer acreditar, que não se deve misturar a devoção das coisas sagradas com o que de mais profano e condenável existe neste mundo: o hábito do vício. Por outro lado, dentro do nosso ecletismo religioso, S. Jorge é «Ogum», para os afro-brasileiros, devoção que nos veio da África trazida no porão dos navios negreiros pelos infelizes escravos. Aqui, como não lhes era permitido o ritual aos seus orixás, os escravos começaram a criar um novo agiológio, o que encerrava todos os nomes de seus ícones, transferidos para os santos do catolicismo. E «Ogum» é S. Jorge. Já não se vê apenas a invocação de Ogum entre a gente de origem negra. Os brancos mais grã-finos da zona sul também rendem homenagem aos santos africanos, e, muitas vêzes, esquecem o próprio S. Jorge, para colocar em primeiro plano a crença nas divindades do continente negro. A cada ano que passa, mais forte é a fé em S. Jorge, que arrasta populações de todos os pontos da capital, para seu templo no antigo Campo de Santana.



No dia do Santo, dinheiro é mato nos cofres da Igreja de S. Jorge, à Praça da República.



Uma devota se ajoelha e, contrita, roga ao milagroso Santo a graça que não chega.



Para comover São Jorge, ela beija a fita que desce como se fôra um raio de luz.



Acendendo a vela propiciatória, ela pede ao Santo Cavaleiro uma graça e o faz em silêncio.



Ela parece que está dizendo com tôda a fôrça d'alma: «Meu S. Jorge! Ajude-me a resolver aquêle problema, que lhe darei um cavalo puro-sangue.»

No dia 23 de abril, as «fortalezas» ficam mobilizadas para o estouro da sorte. E' que todo mundo que faz «fèzinhas», se arrasa no cavalo...





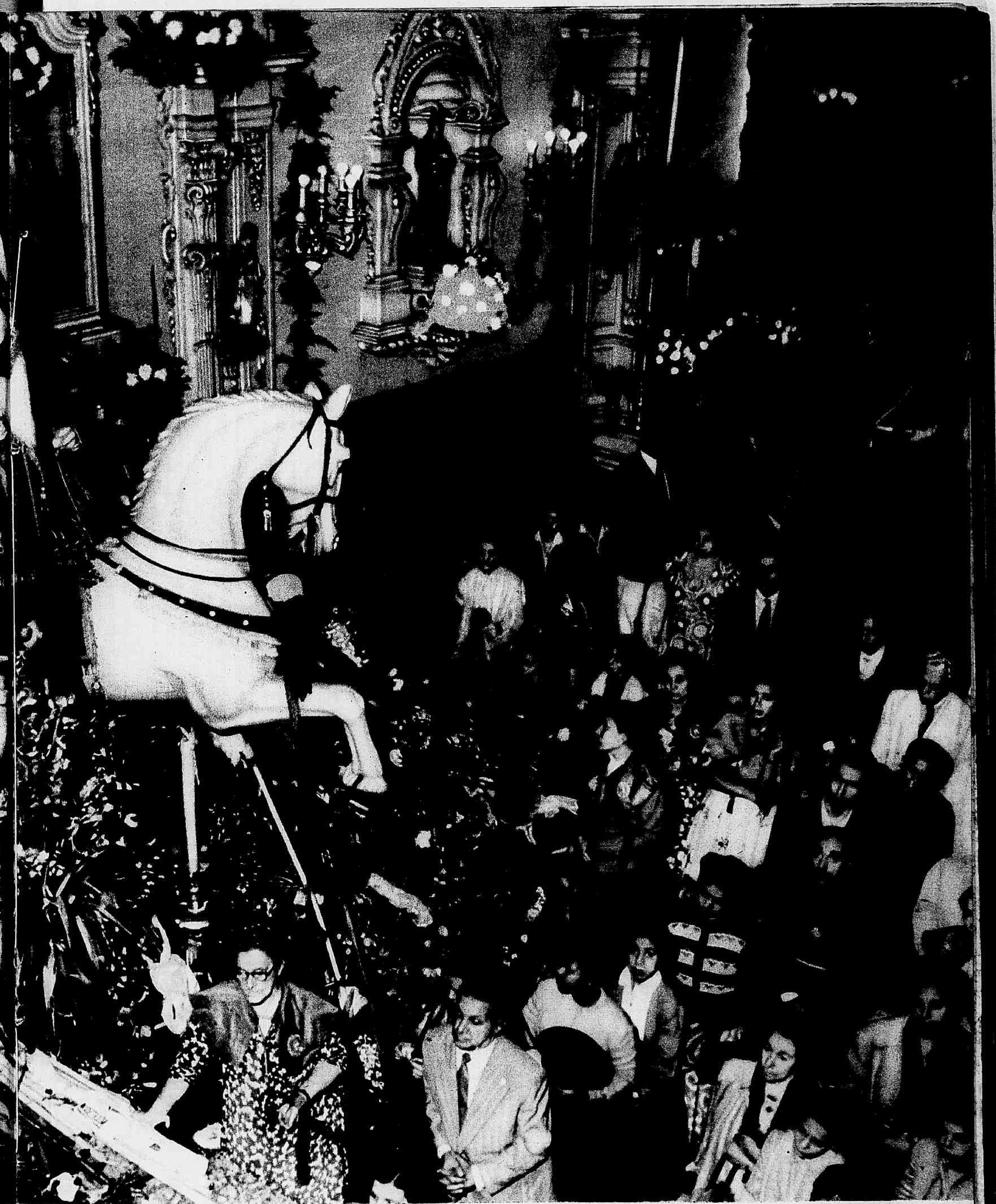
SÃO JORGE TERROR DOS BANQUEIROS

As velas acesas, o templo iluminado, fiéis a orar pedindo ou agradecendo a S. Jorge o favor concedido, a graça que deverá vir.





«Salve S. Jorge!», é o brado ... cada qual procura adquirir ...



bredo de alegria de todos os seus devotos. E
quirir uma lembrança que evoque o 23 de abril.

No esplendor da fé, à hora da missa na Igreja de S. Jorge, a multidão
se prosterna contrita e ansiosa diante da bela imagem do Santo.


119

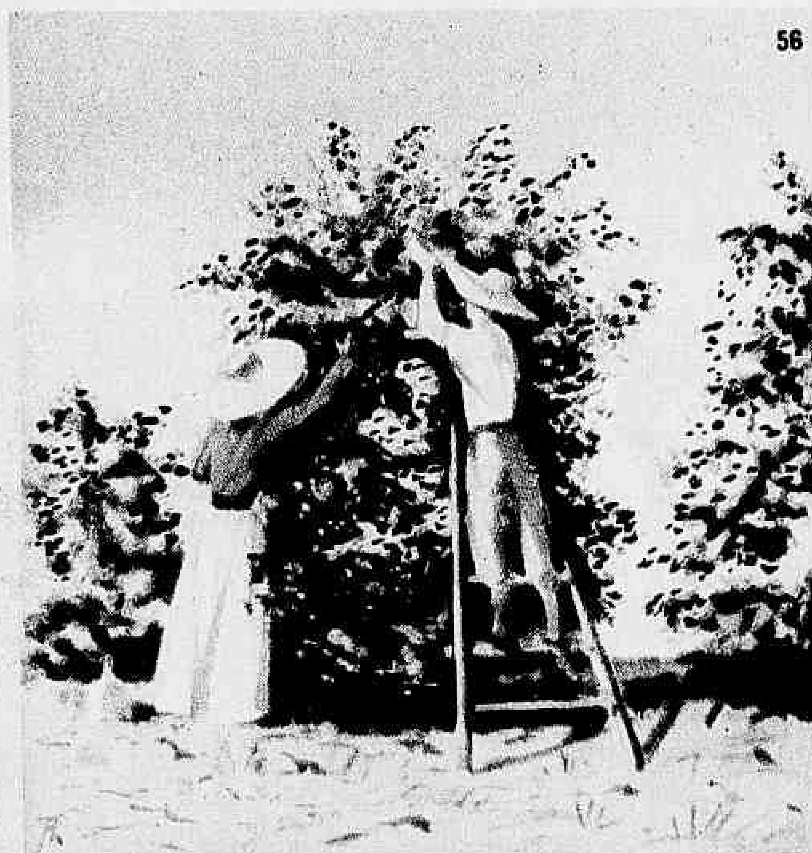

67


107


97


S. PAULO
31
NON DVCOR DVCO


55

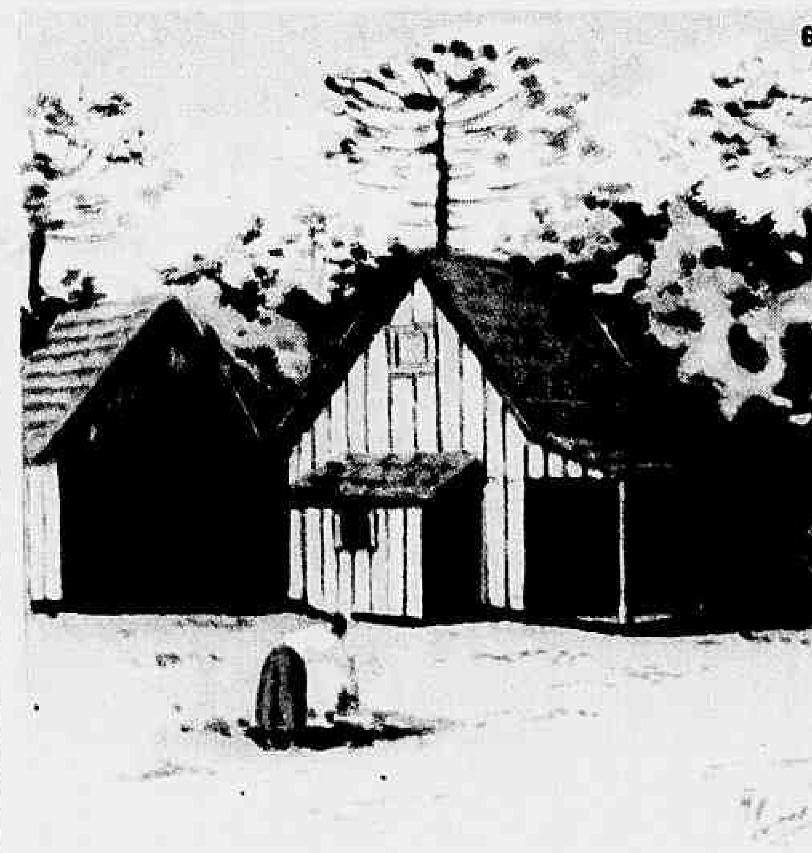

56


111


135




61
ESTADO DE MATTO GROSSO
ESTADO DE SÃO PAULO
ESTADO DO PARANÁ
R. PARAGUAI
R. ARGENTINA
ESTADO DE SANTA CATARINA


66



Êste é John Christie, cognominado «Monstro de Londres», que tanto trabalho deu aos agentes da famosa Scotland Yard, acusado de matar diversas mulheres com incrível perversidade, apesar dos antecedentes corretos de que era possuidor.

O LANDRU INGLÊS

SADICO E ASSASSINO ★ O "MONSTRO DE LONDRES" E A SUA "CASA DA MORTE" ★ ACUSADO DE TER ASSASSINADO A ESPÔSA E SEIS OUTRAS MULHERES ★ O ELEMENTO FEMININO PEDE A CONDENAÇÃO DO FRIO "ESTRANGULADOR" DE NOTHING HILL

HÁ mais de um mês vem a imprensa britânica se ocupando de um dos maiores episódios de sua crônica policial: a captura de John Reginald Christie — o monstro de Londres. Não é que se trate de algum ser fantástico, um espécime de remotas eras, ou um perigoso minotauro a decepar cabeças às margens do Tâmisa. Nada disto. John não é assim. E' um mortal como qualquer outro. Dizem até que sempre levou vida morigerada aparentemente decente. Cortês para com os amigos a ponto de parecer um perfeito e austero cavalheiro.

Mas a vida dêsse cidadão transcorria na sombra. Seu natural retraimento dava a impressão de permanente cansaço. Muitas vêzes era surpreendido ensimesmado. Como a guardar no esconderijo de sua consciência um segrêdo indevassável. As suspeitas de meia dúzia de assassinatos que intrigavam a polícia, não davam sossêgo ao desassossegado morador de Nothing Hill.

E tudo se concretizou com o repentino desaparecimento de sua espôsa. O fato causou espécie: Christie tornou-se esquivo. Não era



Sua espôsa, Ethel Christie, de cinqüenta e quatro anos de idade, também morta por êle.



A linda Kathleen, de apenas dezenove primaveras, outra vítima do monstro de Londres.



Hectorina MacLennan, de vinte e cinco anos de idade é uma de suas muitas vítimas.

mais visto nas ruas de seu bairro. Os boatos tomavam vulto. E a polícia entrou em ação. Foi uma das mais sensacionais caçadas humanas de que tem memória o Departamento de capturas de Londres, a perseguição feita a Christie. Parecia que êle houvesse também desaparecido. Mas um simples acaso o traiu.

Abatido e profundamente extenuado, com a roupa em desalinho, John chegou a Putney. Era a tarde de 31 de março. Acercou-se de um transeunte e indagou-lhe o preço de uma xícara de chá. Sua atitude de esfaimado aliada a um constrangimento tímido despertou curiosidade. O estranho que lhe atendera entrou numa loja de um amigo negociante de bicicletas. Contou-lhe o insólito acontecimento. Sr. Brynus, o esperto negociante, não se deteve em ouvir o amigo. Gorreu até à porta. John desaparecia na esquina. Achou-o parecido com o criminoso de Nothing Hill. Comunicou-se com o Distrito. Os policiais se aproximaram. Eis que surge diante dêles a figura de um dos mais audaciosos criminosos surgidos na Inglaterra em todos os tempos: John Reginald Christie. Dada a ordem de prisão, êle não ofereceu a mais leve resistência. Deixou-se levar até ao Distrito de Putney.

Que crimes cometera êsse homem para que o seu nome viesse a ocupar as manchetes dos principais jornais da Inglaterra e do mundo? Hoje o tarado de Londres é a pessoa mais conhecida através de suas desumanas atrocidades. O povo viu no repelente indivíduo uma aberração da natureza. Na sua profunda repugnância pelo frio matador de mulheres indefesas, o povo deu-lhe o apelido de «John, o estrangulador», ou também «o monstro de Londres».

Quem é John Christie? Um fotógrafo amador e ex-funcionário da Scotland Yard. Conta 55 anos de idade. John é acusado de ter assassinado sua espôsa Ethel Christie, de 54 anos, e estrangulado seis outras mulheres. Foi constatado ainda que o facínora encerrava os



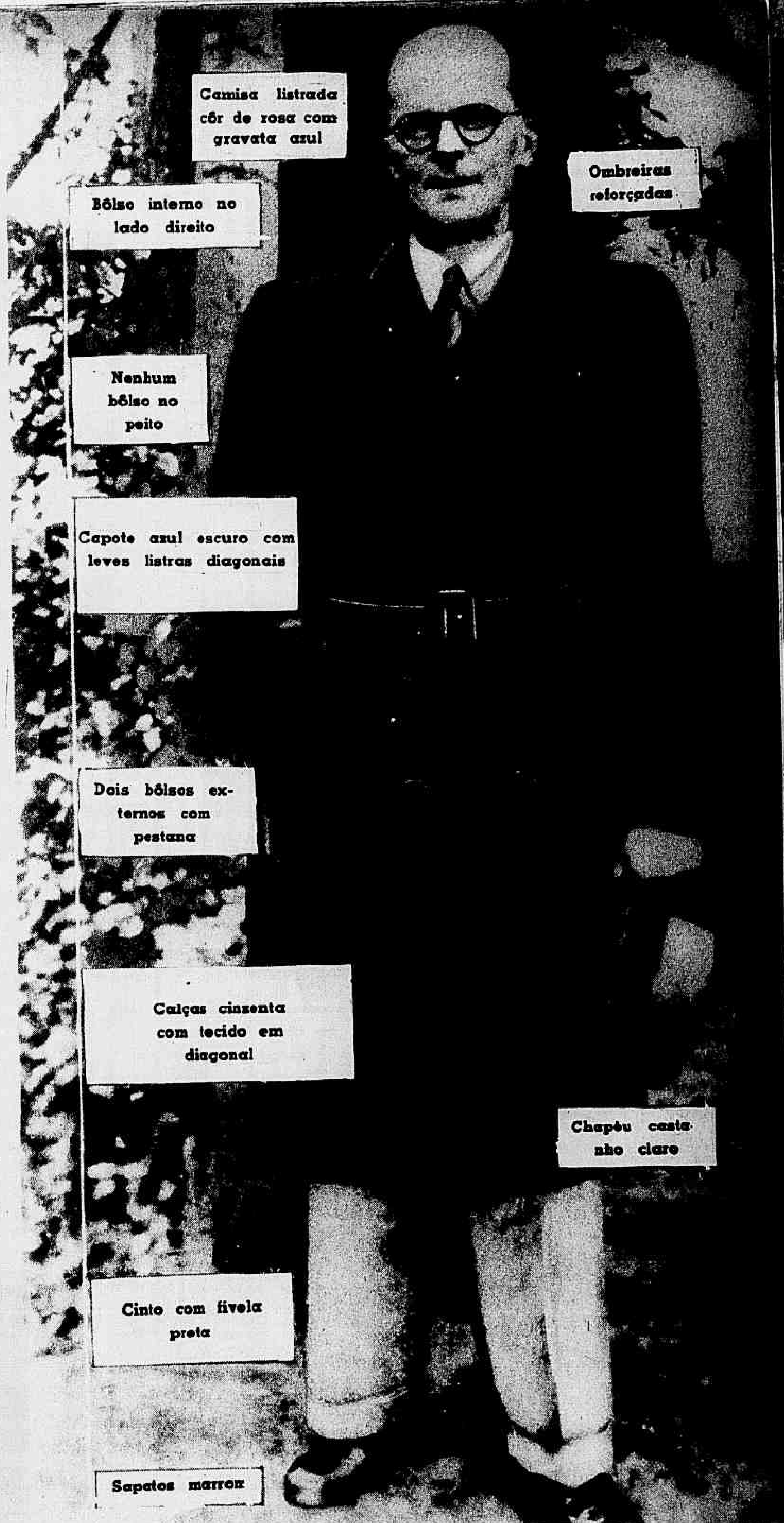


Foi aqui, à margem do Tâmisa e perto da ponte Putney, que o policial Thomas Ledger prendeu John Reginald Christie, a 31 de março de 1953.

cadáveres numa parede da cozinha de sua antiga residência, em Nothing Hill, no «bas-fond» de Londres.

Os requintes de sadismo e de perversidade empregados por Christie demonstraram um estranho caso de degeneração sexual. O «monstro de Londres», segundo a opinião dos especialistas e dos criminalistas, é um tipo raro de necrófilo. Uma mente doentia pela aberração do instinto sexual degenerado. Matava para satisfazer à sua natureza de perversão. Sentia prazer de ver aos seus pés o corpo quente de suas vítimas em que dava vazão à sua tara.

Atraía as jovens para o seu apartamento para tirar-lhes fotografias do nu-artístico. As suas maneiras de perigoso sedutor não revelam a hediondez de seus instintos. Tudo parecia não passar daquela sala, onde a mocinha se via desnuda numa pose artística. Mas aquêle cérebro tramava. Em momento não esperado acontecia a tragédia. Sem a menor comiseração ânte os rogos de suas infelizes, o desumano monstro as estrangulava bàrbaramente e, sôfrego de paixão, as seviciava.



Assim trajado, o «Monstro de Londres» não parece ser um cidadão perverso e cruel, e sim um pacato e humanitário ministro religioso...

Depois abria na parede de sua macabra moradia as sepulturas. Seis restos mortais de mulheres foram até hoje descobertos pela polícia. A casa de John vive dia e noite cercada por guardas. E o povo que por ali passa sente verdadeiro estupor. Por isso a antiga residência do «estrangulador» é hoje conhecida em tôda Londres como a «casa da morte».

A lista de suas vítimas começa a desfilar no interrogatório. A calma com que descreve as suas crueldades, longe de causar piedade, desperta uma repugnância na numerosa assistência que se aglomera em frente ao Tribunal. Foram suas vítimas até agora identificadas: Kathleen Maloney, de 19 anos, cujo corpo semidesnudo foi inumado juntamente com dois outros corpos de mulheres.

O corpo de Rita Nelson veio causar grande consternação entre as



Após a descoberta dos cadáveres das vítimas, a polícia montou guarda à casa fatídica (assinalada), enquanto as diligências chegavam ao final.



A polícia trabalhando nas investigações no jardim da casa número 10, Rua Rillington, em Notting Hill, onde foram encontrados vários corpos.



No edifício da mesma rua, número 8, vizinho à casa do assassino, a polícia foi encontrar mais três cadáveres em local idêntico ao do nº 10.

pessoas que conheceram a simpática garçonete. O fato se deu há mais de seis meses. Rita trabalhava num café. Trabalhava para poder concluir o seu curso de desenho. Era uma garôta bastante estimada. Sua beleza se harmonizava com uma delicadeza extrema. Todos que a conheciam ficavam querendo-lhe bem. Um dia foi vista Rita com um indivíduo meio calvo. Aparentando boas maneiras. Algo satisfeito. As testemunhas estão de acôrdo que o tal indivíduo é, nem mais nem menos, o indigitado Christie.

Quanto ao assassinato de sua espôsa, as autoridades estão em «suspense». Christie está sendo julgado por êsse delito, uma vez que, há um dispositivo da lei inglêsa que não permite que um criminoso seja acusado e processado simultâneamente por mais de um crime. Um detalhe impressionante nesse crime é o seguinte: John amava sua espôsa desde o tempo de criança. Quando ainda eram colegiais já se namoravam. Viviam mais tarde em boa harmonia, consoante o testemunho das pessoas que os conheceram de perto.

(Cont. na pág. 36)



Investigados todos os aposentos dos edifícios 8 e 10 daquele bairro de péssimos costumes e antro do «bas-fond» londrino, à beira do Tâmisa, a polícia deu por encerradas as pesquisas e procedeu à remoção dos corpos das vítimas do monstro, que, impassível, parecia estar hipnotizado.

ÊSTE MUNDO E O OUTRO...

DELÍCIAS CARIOCAS
1º) O LOTAÇÃO

CRIAÇÃO DE DARCY


FAZ-SE UM PEQUENO SINAL. O LOTAÇÃO PÁRA.

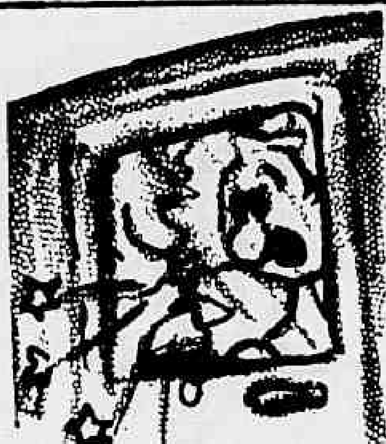

AO ENTRAR É LÓGICO: BATE-SE COM A CABEÇA NO TETO...


NATURALMENTE QUE AO SAÍR, TAMBEM...


O DIFÍCIL É A GENTE CONSEGUIR FECHAR A PORTA...



AS VEZES É NECESSARIO MUITA FORÇA...


OUTRAS VEZES, MUITA FORÇA FAZ QUEBRAR A VIDRAÇA..

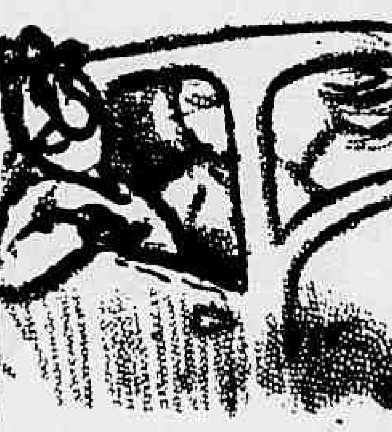

...ENTÃO PAGA-SE A PASSAGEM E O VIDRO QUEBRADO...


OH! A DIFÍCIL ARTE DE SE ESCOLHER UM LUGAR!


SIM. O BANCO DE TRAZ É UMA MARAVILHA...


...QUANDO NÃO HA ALGUEM SENTADO NA CADEIRINHA!


LUGAR BOM MESMO É NA FRENTE AO LADO DO MOTORISTA..


MAS, SE SÃO 3 NA FRENTE, A GENTE FICA "SOBRANDO"!..


..OU, SENTANDO-SE NO MEIO, VIRA-SE "SANDWICH"!


BEM, VEJAMOS A CADEIRINHA. NÃO É TÃO MÁ ASSIM...


...QUANDO NÃO ENTRA MAIS UM PASSAGEIRO!


O LADO DE FÓRA NA CADEIRINHA TAMBEM POR VEZES, É DE PENAR...


ENFIM CHEGAMOS! O DIFÍCIL É ABRIR A PORTA...


...OU BATER A PORTA SEM QUEBRAR O VIDRO!


MORAL: LEITOR, SAIBA ESCOLHER UM LUGAR DELICIOSO


ESCOLHA SEMPRE O LUGAR DO PROPRIO MOTORISTA!

POMADA MINANCORA

Um verdadeiro tesouro!



PARA FERIDAS, ECZEMAS, INFLAMAÇÕES, COCEIRAS, FRIEIRAS, ESPINHAS, ETC.

NUNCA EXISTIU IGUAL

Quer ser escritor?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visc. Maranguape, 15 — Lapa — Rio — para remessa do programa e bases do Curso.

BÉL-HORMON

A BELEZA DOS SEIOS

Quando o busto fôr insuficiente ou sem firmeza, use BÉL-HORMON nº 1 e quando fôr ao contrário, demasiadamente volumosos, use BÉL-HORMON nº 2. BÉL-HORMON, à base de hormônios é um preparado modernissimo, eficiente de aplicação local e resultados imediatos. Adquira-o nas farmácias e drogarias ou pelo Correio.



Distribuidores para todo o Brasil: Sociedade Farmacêutica Quitino Pinheiro Ltda. — Rua da Carioca, 33 — Rio de Janeiro

Soc. Farmacêutica Quintino Pinheiro Ltda. — Queiram enviar-me pelo Reembôlso Postal um vidro de «BÉL-HORMON» Nº ......
NOME ....
RUA .... Nº ......
CIDADE ....
ESTADO ....

Preço para todo o Brasil Cr$ 50,00

RESPOSTAS DA PAGINA 20

PUXE PELO CÉREBRO

1 — Ao inglês Frank Whittle.
2 — Oitenta.
3 — Nova Iorque.
4 — Inglaterra (naturalizado norte-americano).
5 — No Teatro da Ópera.
6 — Bouchard.
7 — Caminho de Santiago.
8 — A que deixamos pela marca dos dedos.
9 — Onze mil metros.
10 — Nenhum.
11 — No Egito.
12 — O Mar Morto.
13 — Um grau centígrado.
14 — Mar Vermelho.
15 — Trinta.

QUEM DISSE ISSO?

1 — Sêneca.
2 — Victor Hugo.
3 — Sólon.
4 — Pascal.
5 — Horácio.

O ESTÔJO DE ÉBANO

(Cont. do nº 18)

Um dia, o sol rolará sem luz, exausto, e a lua, exânime, tornar-se-á mais pálida ainda. O velho é uma criança cansada, desiludida.

Repentinamente, ela se ergueu. Vira a madeira queimada! parecia outra criatura; desesperada, olhos fulgurantes, aterradores. A situação era gravíssima, tive vontade de fugir... Completamente transtornada, d. Jalta queria punir severamente os insolentes autores do «crime», não admitiria explicações. O marido, sem saber que pensar, diante da inusitada atitude da espôsa. tentava acalmá-la, admirado. Tudo em vão. Disse-lhe que não havia razão para tanto, no dia seguinte êle compraria outro cofre ou mandaria fazer um, igual. Vencendo, por fim, a oposição da espôsa, com meiguice branda, a princípio, enérgica, depois, conseguiu tomar-lhe a caixa, para inteirar-se do acontecido. Levantando com uma unha a casca da madeira queimada êle viu aparecer uma lâmina metálica, corrediça...

A espôsa, irritada, insólita, procurava impedir o exame, agarrando-lhe os braços, tentando tomar-lhe o cofre. O marido renuía a entrega. Um fundo delgado, falso... O segrêdo espicaçou-lhe a curiosidade. Aquilo justificava o drama do incêndio e o apêgo absurdo: sob a lâmina, envôlta em papel de sêda, havia a fotografia de um homem!...

Nei arrancou dali a foto. Mil idéias atropelavam seu pensamento incendiado. Urgia clara explicação da espôsa, da infiel que, diante dêle, parada, com os olhos no chão, pálida, em face da descoberta, não ousava fitá-lo...

De quem era o retrato, por que o guardava ali? Nunca lhe dissera nada sôbre êle. O nome, a morada, quem era? Quem, quem era? Desorientado, êle queria saber de minúcias, exigia provas!... Palavras, olhos, gestos, tudo dêle era impaciente interrogação.

A explicação de Jalta foi fria e breve. Disse, trêmula e em pranto, que vivia de um amor pretérito, o seu primeiro e único amor. Amara aos dezenove anos, mas a morte... Vivia de recordações, ao marido dera tudo, alegria, felicidade, menos a alma. Fôra honesta e dedicada, porém seria infeliz até o fim. Aquêle amor, puro e santo, essência indestrutível, chama eterna, jamais se apagaria!

Eu estava em pé, imóvel, no fundo do corredor, inibida, sem vontade de acreditar no que via e ouvia. Como crer em tão repentina mudança de cena? Como resistir à brutalidade do imprevisto e do inacreditável? Sentia-me assombrada, pequenina, leve, hipnotizada. Que dizer, que pensar, naquela situação, do passado invejável do casal? Jamais julguei existisse espôsa mais afetva e carinhosa. Seus cuidados permanentes, seus desvelos maternais, sua doce ternura, iam até o exagêro da amante submissa, apaixonada. Como conseguira ocultar, durante anos, a angústia, a mágoa e o fascínio, que a perdiam, agora? Podia negar, nem o tentara, fazendo, ao contrário, ressurgir a catedral de sonhos daquele amor obstinado, impossível, inútil! Por êle renunciava tudo, sem rodeios, claramente, sem hesitação, com arrogância, disposta ao pior. Julgava-se com direito, deixava ali o fardo pesadíssimo da aparência ridícula e penosa. Amava a memória de um homem, embora êle houvesse sido o repasto de vermes, no fundo do túmulo putrígeno...

Bela e amada, envenenava assim sua existência. Um simples trecho de madeira queimada fôra o suficiente para fazê-la mostrar a outra face e submeter o infeliz espôso à dura vergonha, àquela dor vexatória! A paixão doentia, o misticismo comovente, obliteravam-lhe os demais sentimentos, a ponto de torná-la a egoísta indiferente, a perversa capaz do golpe impiedoso, imprevisível, desumano, de melancólicas conseqüências... Assim também pensaria o espôso, ali, diante dela, ao evocar o feliz passado, ao lado da espôsa ideal...

Jalta deu um passo à frente, sacudiu a cabeça, pondo os cabelos para trás, já mais firme e resolvida a enfrentar a cólera do marido. Dissera-se que, naquela situação, enfrentaria um homem, dois, mil homens enfrentaria. Estendeu um braço e disse, altiva, com voz segura. — «Dê-me o retrato, é meu. Com êle abandonarei esta casa, já e para sempre. Está tudo acabado entre nós...»

O dr. Nei recuou, com a fotografia na mão. As palavras da espôsa foram-lhe aos ouvidos como um insulto e às faces, como chicotadas... Ela queria a disjunção! Num minuto, tudo desmoronava. Aterrou-o a idéia da solidão. Não poderia viver sem a encantadora criatura... O grande silêncio em que ambos procuravam recompor o raciocínio foi quebrado, quando êle, no auge da indignação, dirigiu-lhe amargas injúrias. Revelara-se uma grande artista! Quem diria! Sua espôsa, uma hipócrita apaixonada... O casamento não passara de um jôgo de interêsses; a pusilânime, a aventureira, sabia que herdaria milhões; cínica, jurara amá-lo... Ingrata!

Ela navegava, vivamente, êle era injusto, nunca poderia compreender...

Onze anos de farsa — tornava êle, incisivo — de mentira, de ilusão! Fingida o solerte, ela manobrara com os seus nobres sentimentos de homem de boa-fé, infelizmente caído na armadilha perfumada de seus braços. Arrependi-se de seus beijos...

Declarando-se inocente a desventurada mulher soluçava, e iso tornava-a mais bela. Nada premeditara, acrescentava; joguete do destino, vivia para aquêle amor imperecível, nada mais importava. Sabia-se delirante, vítima impotente de um encantamento secreto, que a dominava. Nisso estava sua culpa. Aquêle retrato amarelecido representava tudo para si, era o símbolo da chama sagrada, daquele amor inviolável; só êle alegrava e mantinha sua vida; sem êle, estaria tudo perdido, com êle iria além da morte!

Desenganado ferido em seu amor-próprio, Nei olhou-a co mdesprêzo, sorriu estranhamente e disse: — «Pois bem; cabe a mim, seu legítimo marido, dono e senhor, destruir o encantamento, extingüir a chama eterna! Eu serei o destrutor da essência indestrutível!»

— «Não, por Deus! — pediu ela aflita, temente, acorbadada. — Tenha piedade, eu lhe peço. Dê-me o retrato!...»

— «Êste retrato, que um grande incêndio não pôde destruir, será destruído por mim — retrucou êle, afastando. — Com um simples fósforo, eu apagarei a chama eterna! Reduzi-la-ei a cinza...»

Jalta, cheia de ansiedade, intentou impedir os passos do marido, pedindo-lhe, súplica, que destruísse a fotografia, antes a matasse, porém.

— «Ah! — concluiu. — Morrer seria o alívio, o supremo bem... Pudesse eu prometer ao coração que não sofreria mais, libertar para sempre o pensamento, eliminar a angústia. Morrer! Ter o descanso eterno! Nada sentir, volver ao pó, não existir, ser nada, não ser!...»

Ela aproximou-se mais, com o marido travou rápida disputa, repetindo o pedido, o retrato era seu, ganhara-o antes de conhecê-lo. Nei a impeliu violentamente, levando-a o empurrão até um móvel, no qual, de costas, ela se amparou, para não cair. O marido, colérico e vingativo, retardava a destruição para prolongar-lhe o desespêro. Agarrada ao móvel, Jalta refletiu um momento, em busca de um recurso, disposta à luta... Ràpidamente, achou-o. Sabia que na gaveta superior havia uma arma carregada... Tinha certeza, absoluta, de que êle ainda a amava, apesar de tudo. Sincronizando idéia e movimento, levou as mãos às costas, abriu a gaveta, encontrou e empunhou a arma, ameaçando matar-se, caso a contrariasse...

A perigosa atitude da espôsa interceptou a ação de Nei. Êle sabia que ela era capaz de matar-se. Aproximou-se caüteloso, pôsto que hesitante; queria a arma, ela a fotografia, que êle tinha na mão.

— «Quero o retrato!» — ameaçou Jalta, com a arma junto ao peito.

— «Deixe essa arma, Jalta, você deve estar louca; é insânia, pense no que faz... Você é minha, nasceu para mim, não poderá viver sem mim, é a mulher da minha vida... Dê-me essa arma... Esquecerei tudo. Êsse homem está morto, Jalta, ouviu? Ninguém ama um morto! Êle não existe.»

Assim, persuadindo-a, conseguiu acercar-se e segurá-la pelos pulsos. Porfiaram, novamente, braços para cima e para baixo, recuando, avançando, ora um, ora outro, em giros, pelo centro do salão...

Um berro de fogo despertou o silêncio da noite calma, separando o casal...

Produzindo um som surdo, no tapête caiu a arma fumegante, enquanto Jalta dava leve grito... O estampido como que interditou o contendor. Ficou pasmo, atônito, com o retrato na mão...

— «Não foi nada — disse ela, dèbilmente, tomando-lhe a fotografia. — Perdão, Nei...»

Corri até o princípio do corredor

e vi a mulher dirigir-se a passos largos para a porta da saída, junto da qual parou, levou as mãos à cintura, oscilou e tombou prostrada, mal-ferida, agonizante, diante do marido convulso, idiotizado...

— «Jalta!... Jalta!... Minha vida, meu amor, você está ferida? — Bradava Nei, sacudindo nervosamente o corpo da espôsa emudecida... — Adelita, depressa, chame um médico, depressa, Adelita; Jalta está ferida... A culpa é minha, estou perdido, sou um desgraçado!...

Os soluços não me deixaram gritar pedindo socorro, eu tinha pena de ambos e chorava... A noite findava. O médico chegaria meia hora depois, inùtilmente, e, até lá, a bela criatura permaneceu ricamente vestida de branco, estendida no tapête, banhada de luar, junto à saída do suntuoso palacete; as mãos contraídas sôbre o ferimento apertavam, igualmente, a funesta fotografia do único e inolvidável amor... Tinha um aspecto suave, o semblante sereno, como se ali houvesse adormecido, tranqüilamente, depois de preparar-se para comparecer a uma grande festa...

CABEÇAS HUMANAS...

(Cont. da pág. 19)

Durante o processo de redução, antes da pele ficar completamente dura, os índios, untando os dedos com cinza, modelam com grande habilidade, não sòmente o couro cabeludo, como também as orelhas e as feições, fazendo da «Tsantsa», uma verdadeira miniatura dos seus traços primitivos. Alguns índios, pelo prazer de tornar suas vítimas ridículas, deformam voluntàriamente os traços fisionômicos da «Tsantsa», principalmente distendendo-lhe a bôca. Durante tôdas essas operações, os índios prestam muita atenção aos cabelos, pois é a parte essencial da «Tsantsa» porque, de acôrdo com a idéia dos jivaros, o cabelo é a sede da alma ou do poder vital.

DO TAMANHO DE UMA LARANJA

Terminados os trabalhos de redução, a «Tsantsa» fica aproximadamente do tamanho de uma laranja, ou seja 1/5 do seu tamanho primitivo. A que está no Museu Nacional, por exemplo, tem nove centímetros de altura, por 4 de largura. A bôca, de ponta a ponta, $2\frac{1}{2}$ cts. O nariz, $1\frac{1}{2}$. O ôlho foi reduzido para um centímetro. Há uma ligeira desarmonia dos traços, sendo a redução muito mais pronunciada no sentido transversal. A pele torna-se rija, sêca e preta. Os pêlos conservam seu tamanho normal (45 cms) e nêles se nota uma ligeira sobrevivência ao tratamento da redução. Retiradas as estilhas da bôca, esta é ornamentada com três fios, de 10 a 25 centímetros de comprimento. A bôca e o nariz são sempre proeminentes. Os olhos ficam fundos, mas, freqüentemente, as pestanas são visíveis. O aro de cipó, colocado na abertura do pescoço, é quase sempre tirado ao terminar o trabalho de redução. Depois da «Tsantsa» pronta, é efetuada a grande festa de recepção da cabeça, na qual a «Tsantsa» representa papel saliente. Finda a festa de recepção, a «Tsantsa» é despojada dos cabelos, sendo êstes trançados nos cintos dos guerreiros que tomaram parte da matança. A posse dêsse troféu de cabelos é uma honra cobiçada por todo Jivaro. Raspados os cabelos, a cabeça parece perder todo o seu valor, pois, aos cuidados e atenção que merecem antes da festa, sucede a mais absoluta indiferença, serve de brinquedo às crianças e acaba perdendo-se. Em certas aldeias do Equador, nos mercados, aparecem aquêles troféus, esporàdicamente.

COMÉRCIO DE CABEÇAS

Bertrand Florney, por exemplo, esclarece que nenhum poder maléfico é atribuído a «Tsantsa» e, quando terminada a festa de recepção, torna-se, às vêzes, para o Jivaro, um objeto de comércio. Isso acontece, freqüentemente, visto as cabeças reduzidas serem muito procuradas pelas tribos vizinhas, sendo as mesmas trocadas por outras ofertas, através de um comércio normal... Raramente elas aparecem nos centros civilizados. De acôrdo com a opinião do mesmo autor, a «Tsantsa» não é um troféu. A redução da cabeça é uma cerimônia religiosa, muito complexa, com seus ritos, suas fórmulas, seus objetos sagrados, suas danças, seus jejuns obrigatórios, etc., seguida pela recepção da «Tsantsa» na maloca dos matadores. Ainda nesta festa acha êle provas do caráter sagrado da redução, cerimônias da purificação, da lavagem, distribuição de fumo de tabaco aos matadores, apresentação da cabeça ao sol, refeição sagrada da «Tsantsa», final do jejum dos participantes, destruição de todos os objetos que serviram às cerimônias.

SEDE DE CABEÇAS...

Os Jivaros, quando não podem, por qualquer circunstância, carregar com a cabeça do inimigo, substituem-na pela cabeça dum animal, sendo esta submetida ao mesmo processo da redução utilizado para a «Tsantsa». Os Jivaros pensam que nos tempos primitivos todos os animais eram homens e, por isso, supõem-se relacionados com o mundo animal. Dão preferência ao macaco, à preguiça e à onça. A onça encarna a alma dum demônio pagé, que se integrou nesse animal feroz para fazer mal e matar seus inimigos.

E a história terminou...

O LANDROU INGLÊS

(Cont. da pág. 35)

Continua a polícia na sua tarefa de descobrir restos humanos na «casa da morte». A fria personalidade de John Christie não tem paralelo na crônica de crimes da Grã Bretanha. Depois da figura do «extirpador», de triste memória, surge a do «estrangulador» como a mais hedionda degeneração de um homem. Na Inglaterra comparam o assassino de Nothing Hill ao famoso facínora Landrou. Porém Christie não tem mesmo rival. As suas atrocidades parecem únicas. E' bem possível que o «monstro louro de São Paulo» venha a perder também para o seu rival de Londres.

A sinistra figura do tarado não sòmente impressionou a opinião pública inglêsa como também vem chamando a atenção do mundo inteiro para êsse «Barba-Azul» do Tâmisa.

Outra conclusão a que chegou o Tribunal é a de que Christie, além de necrófilo, é também lunático. Como nesses filmes de mistério, o monstro agia na calada da noite. Quando a lua cheia ganhava o espaço, o tarado sentia-se dominado pela sua influência. De um simples e pacato fotógrafo do nu-artístico se transformava num ser monstruoso. Aguçava as mãos. A fisionomia transtornada. Era o sinal da terrível tara.

Os trabalhos do Tribunal prosseguem quase ininterruptos. Uma grande multidão, principalmente de mulheres e de outros curiosos, não abandona o recinto. Todos querem ver de perto o sádico estrangulador de mocinhas indefesas. Christie revelou que não gostava de mulheres velhas. A sua perigosa mania era pelos «brotos». A narração de seus crimes estarrece a multidão inflexível na sua comiseração. A verdade é que Christie não escapará da morte. A justiça se prepara para puni-lo. E a única punição que o povo espera, deve merecer o tarado de Londres, é a repulsa geral e a morte. E' o que aguarda na cadeia John Reginald Christie, o «monstro de Londres».

PASSATEMPO

LIDERGRAMA Nº 54

A	Cortesias, cumprimentos exagerados →	160	31	13	142	100	23	4
B	Escuras; que não deixam passar a luz →	3	85	22	59	165	106	■
C	Entregariam; ofereciam →	28	155	104	64	44	116	■
D	Desbastar; tornar raro →	61	26	111	145	93	164	■
E	Nivelar; assemelhar, aplainar →	38	10	89	29	108	55	70
F	Conservar; manter; ocultar →	18	163	66	54	34	101	76
G	Interjeição que exprime ironia, cansaço →	11	63	33	■	■	■	■
H	Enganar-se; falhar; vaguear →	35	49	83	69	128	■	■
I	Exprime com tristeza; dá suspiros →	123	17	5	138	92	43	71
J	Membros da tribo de Levi, entre os hebreus →	7	37	74	153	126	40	146
K	Pequena ópera →	14	81	46	150	112	141	130
L	Relativo a bois →	95	73	109	134	27	117	158
M	Que se reproduz por meio de ovos →	78	98	129	149	133	25	107
N	Carinho; afago →	65	82	41	136	114	161	103
O	Tornavam ôco →	115	79	121	45	151	132	■
P	Farás orações →	32	51	67	148	102	122	131
Q	Pôsto militar, abaixo ao de capitão →	39	127	52	20	88	144	157
R	Compreende; julga; interpreta →	110	9	152	75	143	57	97
S	Em tempo algum; jamais →	56	19	90	154	125	■	■
T	As quatro primeiras letras do alfabeto →	12	24	91	77	■	■	■
U	Aquêles que agenciam →	50	42	60	2	162	99	135
V	Fruir, tirar lucro; enganar, burlar →	36	87	53	96	113	140	■
W	Faz sair, dispensa os serviços →	118	80	21	68	105	147	156
X	Emperram (as cavalgaduras) →	58	72	30	6	159	84	124
Y	Pede; solicita; suplica →	8	137	47	62	16	94	119
Z	Aquêle que ara →	1	15	48	120	139	86	■

EXPLICAÇÃO — Para se achar a solução do LIDERGRAMA, escrevem-se as respostas aos conceitos no quadro vertical que se encontra à frente dos mesmos, cada letra em uma casa. Depois se transportam para o quadro de baixo as letras das palavras achadas, colocando-se cada uma delas na casa correspondente ao seu número. Lendo-se de cima para baixo as letras iniciais das palavras do quadro vertical, veremos que se formou o nome de um autor e o título de uma de suas obras e, no quadro de baixo, uma vez completo, lendo-se da esquerda para a direita, teremos um trecho da mesma obra. As casas pretas separam as palavras e indicam a pontuação.

Z 1	■	U 2	B 3	A 4	I 5	X 6	■	J 7	Y 8	R 9	E 10	G 11	T 12
■	A 13	K 14	Z 15	Y 16	I 17	F 18	S 19	Q 20	W 21	B 22	■	A 23	■
T 24	M 25	D 26	L 27	C 28	E 29	■	X 30	A 31	P 32	G 33	■	F 34	H 35
V 36	J 37	E 38	Q 39	J 40	N 41	,	U 42	I 43	C 44	O 45	K 46	■	Y 47
Z 48	H 49	U 50	■	P 51	Q 52	V 53	F 54	E 55	S 56	R 57	X 58	B 59	U 60
D 61	,	Y 62	G 63	C 64	N 65	F 66	P 67	■	W 68	H 69	E 70	I 71	■
X 72	L 73	J 74	R 75	F 76	,	T 77	M 78	O 79	W 80	■	K 81	N 82	H 83
X 84	■	B 85	Z 86	V 87	Q 88	E 89	S 90	T 91	I 92	D 93	Y 94	,	L 95
V 96	R 97	M 98	U 99	■	A 100	F 101	P 102	N 103	■	C 104	W 105	B 106	M 107
E 108	L 109	R 110	D 111	■	K 112	■	Y 113	N 114	O 115	C 116	L 117	W 118	Y 119
Z 120	O 121	■	P 122	I 123	■	X 124	S 125	J 126	Q 127	H 128	M 129	K 130	P 131
■	O 132	M 133	L 134	U 135	■	N 136	Y 137	I 138	Z 139	V 140	K 141	A 142	R 143
Q 144	D 145	J 146	■	W 147	P 148	■	M 149	K 150	O 151	R 152	J 153	S 154	C 155
■	W 156	■	Q 157	L 158	X 159	A 160	N 161	U 162	F 163	D 164	B 165	Otaner	

SOLUÇÃO DO LIDERGRAMA Nº 53 — GARRETT. VIAGENS NA MINHA TERRA. «O vale de Santarém é um dêstes lugares privilegiados pela natureza, sítios amenos e deleitosos, em que as plantas, o ar, a situação, tudo está numa harmonia suavíssima e perfeita.»



PIONEIRA
DO VALE DO
TOCANTINS

Aviões mistos de luxo
25% desconto

Catalão
Caldas Novas
Goiânia
Anápolis
Pôrto Nacional
Pedro Afonso
Carolina
Belém

AEROVIAS BRASIL

Com tradicional confôrto, rapidez e cortesia.



QUER SER ESCRITOR?

Inscreva-se no CURSO DE LITERATURA, ESTILÍSTICA E PORTUGUÊS por correspondência, sob a direção de RENATO DE ALENCAR — Cartas para Rua Visconde de Maranguape n.º 15 — Lapa, para remessa do programa e bases do Curso.

Clínica Dr. Santos Dias

CONSULTAS: Cr$ 30,00

Tratamento e cura pela hormonioterapia e alta freqüência especifica, da velhice precoce, da função sexual no homem e na mulher, irritabilidade, fadiga e insônia, nos casos indicados.

MOLÉSTIAS SEXUAIS — IMPOTÊNCIA

Rua São José, 50 — 9º andar — Conjunto 903. Tel.: 32-6230.

Enfermagem a cargo de técnico e profissional diplomado.

Horário: — Diàriamente, das 14 às 19 horas.

TRÊS HISTÓRIAS

(Cont. da pág. 11)

de Alexandre, e ninguém lhe conhecera outro amante, anteriormente. Era muito popular, entretanto, e todos a apreciavam e estimavam — o que em nada melhorava a situação de Maria Isabel.

O silêncio que a cercava agora era absoluto; Márcio adormecera afinal, e ela se calara. Mas não tinha sono, e receava acordar o menino, se se movesse; seus pensamentos se amontoavam, dando-lhe uma dor de cabeça quase física. Todos os seus mêdos e receios se reuniam para torturá-la: estava certa de que Alexandre não tardaria a abandoná-la, e um ódio cego pela rival desconhecida se avolumava em seu peito. Imaginava a humilhação de voltar para a casa dos pais, que tanto se opuseram a seu casamento, e a responsabilidade de educar Márcio sòzinha.

E se Antonieta tivesse um filho de Alexandre? Um filho forte, bonito, diferente de Márcio... Maria Isabel sentiu que não tinha limite seu ódio pela outra. E, de Alexandre, sentia apenas rancor, vendo a influência que Antonieta exercia sôbre êle.

Levantou-se com cuidado e deitou o filho. Depois, ela própria também se deitou na cama do casal, larga demais para uma pessoa só. «Amanhã terei de falar com Alexandre, pensou ela. Êle tem que me dizer alguma coisa, me deve uma satisfação qualquer pelo papel que tenho feito. Depois, resolverei o que tenho a fazer». E virou-se para o outro lado, procurando dormir. Mas sabia que estava iludindo a si mesma: nem ela falaria, nem Alexandre lhe daria satisfações. E nada seria resolvido.

No silêncio da noite, Alexandre de Assis espera. Diante dêle, fôlhas de papel amassadas e pontas de cigarros enchendo o cinzeiro falam da impossibilidade de se concentrar no trabalho, enquanto Antonieta não telefonar.

Mas Antonieta está ali, junto a êle. E' só abrir a primeira gaveta à esquerda, e ela aparecerá, sorrindo numa moldura de couro verde, discreta como ela própria. «Se eu abrir, ela telefona. No momento em que a olhar, a campainha tocará». Êle abre a gaveta, olha Antonieta que continua sorrindo, e o telefone não toca. O aparelho está ali ao alcance de sua mão, mudo, inerte, morto; só a voz de Antonieta poderá devolvê-lo à vida, mas Antonieta teima em não telefonar.

Diabo, quase três horas da madrugada. Se não fôsse ela, não esperaria tanto tempo. Mas Antonieta merece; perante ela, desaparecem tôdas as mulheres que passaram em sua vida. Tôdas, até Maria Isabel; Maria Isabel, mãe de seu filho, sua espôsa de vários anos e que nunca soube compreendê-lo. As vêzes, sente vontade de abandoná-la e casar-se com Antonieta, mas tem mêdo; Antonieta simboliza tudo o que êle deseja na vida, e os símbolos só devem ser admirados de longe. Ela talvez não resistisse à análise da vida cotidiana: a situação, tal como é, ainda é a melhor: Maria Isabel, o prosaico, o dever: — Antonieta, o ideal, a fantasia.

Mas há confusão em seu espírito. e êle sabe que a situação atual é impraticável. Maria Isabel e Antonieta se cansarão das partes que lhe cabem, e êle próprio também se cansará. Antonieta merece, precisa de um lugar maior em sua vida; mas êle não dará, nunca, o lugar definitivo que ela tem o direito de querer Porque há Maria Isabel. E Márcio.

E ela compreenderá, e irá embora. Como já está começando a compreender, lentamente se desprende dêle. Antonieta está mudando, e êle receia o dia em que fôr para ela sòmente uma recordação. Antonieta já não é a mesma, êle sabe que vai perdê-la e não pode fazer nada. (Se, ao menos, ela telefonasse essas idéias tristes fugiriam). Antonieta que compreende tudo, Antonieta com as mãos no ombro dêle, Antonieta que inspirou seu melhor livro (a que ela chama — «nosso filho»), Antonieta que êle vai perder. Quase sufocado pela ladainha de Antonieta, êle se levanta e vai à janela.

Do seu quinto andar, a vista é maravilhosa. A cidade não dorme, dizem as muitas luzes acesas; a luz da casa de Antonieta talvez esteja acesa, também.

Sempre Antonieta! Se, ao menos, êsse telefone tocasse de uma vez! Não, ele não ligará para ela; sabe que Antonieta prefere que êle não telefone, gosta que seja dela a iniciativa. Um capricho, mas êle não quer contrariá-la. E, mesmo, talvez ela ainda não esteja em casa.

Uma ferroada de ciúme se faz sentir à idéia da possibilidade de Antonieta não estar em casa; estará na rua, divertindo-se com amigos, enquanto êle espera. E o silêncio vai continuando, menos em seus ouvidos, que escutam mil campainhas telefônicas que não chegam a soar.

Quase três horas, faltam poucos minutos. Êsse relógio parece que não anda; a gente pensa que espera muitas horas, e no fim, foram alguns minutos apenas. O que prova a inutilidade da noção de tempo: o tempo não existe, e louco é quem acredita nêle. Mas, que diabo, êle quer sòmente o telefonema de Antonieta, e não discussões abstratas sôbre o tempo. O telefone continua calado, entretanto.

Por fim! O primeiro toque da campainha dá-lhe um choque por todo o corpo, o segundo deixa-o imobilizado. O telefone toca, enfim, e do outro lado da linha está Antonieta. O terceiro toque desperta-o, e êle vai atender; mas vê aberta a porta de comunicação com o quarto de Maria Isabel. Vai fechá-la, enquanto o telefone toca pela quarta vez.

Senta-se na cadeira da escrevaninha, e fala então:

— Sim, sou eu. Estive esperando seu telefonema... fale.

E' madrugada também no apartamento de Antonieta. Mas não há calma nem silêncio nessa madrugada; os últimos convidados estão para retirar-se, e há no ambiente um jeito indiscutível de fim de festa. Antonieta vai de um grupo para outro, como anfitriã treinada que é, procurando reanimar as conversas, lutando contra o cansaço de suas visitas. E' uma mulher atraente, sem beleza clássica, mas dotada dêsse encanto indefinível que torna irresistíveis certas mulheres. Tôda ela respira inteligência e vivacidade, e vê-se que é pessoa habituada a enfrentar qualquer situação, resolvendo-a acertadamente. A decoração de seu apartamento confirma a primeira impressão de bom-gôsto dada pela tualete que usa.

Antonieta acompanha um último grupo de pessoas ao elevador. Seu patrão, a espôsa e um filho, o Jorge de Castro. Êste, ao despedir-se prolonga o apêrto de mão:

— Telefonarei às onze horas

Antonieta não responde, e retorna ao apartamento, agora completamente vazio; apenas, a criada faz um simulacro de arrumação na cozinha, antes de sair também. Vai para o quarto trocar os sapatos por sandálias baixas, pois tem os pés doídos de estar tanto tempo sem se sentar.

Na penteadeira, o retrato de Alexandre olha-a com expressão de amargura. «Céus, já passam de duas e meia, e eu não telefonei para Alexandre. Eu devo telefonar para Alexandre, mas é Jorge quem me telefonará. Engraçado». Mas não se animou a fazer a ligação; sabia que iriam discutir e não se sentia com disposição para começar.

Alexandre fôra seu primeiro amante (esquisito como só conseguia pensar nêle no passado, como se já nada houvesse entre ambos); tinha feito tudo por êle, dera-lhe tudo, a começar pela compreensão de cuja falta no lar êle tanto se queixava. Abandonara muitos preconceitos por êle, aceitara a situação difícil que essa ligação lhe criava, a ponto de conseguir conservar o emprêgo graças sòmente à larga visão de seu patrão — pois que timbrara em não ocultar o fato de Alexandre ser seu amante. E, embora o tivesse amado mais que tudo na vida, nunca pensara em casar-se com êle, algum dia.

E Alexandre também a amara, está certa disso; mas nunca a compreendeu, tomava-a como uma coisa que lhe era devida. Depois, surgiu Jorge de Castro, envolvendo-a numa onda de ternura respeitosa, dando-lhe em sua vida o lugar que ela teria ambicionado na de Alexandre. Não sabia se a êste escapara a côrte discreta que lhe vinha fazendo Jorge; mas, se êle sabia, era evidente que não estava dando importância ao fato. Nem sequer comparecera à reunião daquela noite, embora ela o tivesse convidado; talvez se êle viesse, ela nem hesitasse em recusar o pedido de casamento que Jorge lhe havia feito, pouco antes de se retirar. Êle dissera que sabia de tudo entre ela e Alexandre, mas queria-a como espôsa. E Antonieta prometera uma resposta no dia seguinte.

«Meu Deus, tenho que resolver isto. Alexandre já não precisa de mim, senão teria vindo esta noite. Mas pouco me importa, tenho é que pensar no que será melhor para mim; estou cansada de ficar sempre em segundo lugar, Alexandre tem mulher, filho e uma carreira brilhante; eu sou um acessório, apenas. Que vá para o diabo!»

CORREIO DA REVISTA

AOS NOSSOS LEITORES

Qualquer informação sôbre o ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA e o respectivo CONCURSO, pode ser obtida por intermédio desta seção, mediante solicitação dos nossos amigos e leitores.

● JOSÉ GUILHERME HASS (Pederneiras) — Em resposta à sua carta, aproveitamos o momento para dar a outros portadores do ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA, as seguintes explicações: Tendo esta REVISTA recebido de vários leitores, cartas pedindo que no verso da página em que saem as figurinhas coloridas, não publicássemos gravuras ou páginas de reportagens importantes, com o que os leitores da REVISTA teriam tais ilustrações prejudicadas pelo recorte dos postais para o ÁLBUM, aproveitamos o ensejo para informar a todos, que a direção da REVISTA vai atender os apelos, colocando no verso da página dos quadrinhos, apenas anúncios. Outro ponto que desejamos esclarecer é o da posição dos textos explicativos de cada postal após sua colocação no ÁLBUM. Não devem os textos estar juntos de cada figurinha, a fim de forçar o leitor a fixar melhor os dizeres explicativos, o que se consegue melhor, separando a figura, do seu significado. O assunto serve mesmo de teste, e com isso muito têm a lucrar os que estudam e se interessam pelas realizações, figuras e coisas do nosso país. Queremos informar ainda os nossos leitores, que aqui estamos sempre dispostos a atender às solicitações dos leitores e colecionadores do ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA, aceitando sugestões, ou orientado-os na interpretação das finalidades patrióticas do ÁLBUM.

● CECÍLIA MEDEIROS (Rio) — Logo que os colecionadores das figurinhas para o ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA se inscrevem, por meio do Cartão-Postal que acompanha cada ÁLBUM, seus nomes figuram em fichas na BRAZÍLIA, da qual recebemos uma cópia. Em cada sorteio verificaremos, com a BRAZÍLIA, quais os favorecidos e então providenciaremos a entrega dos prêmios, tudo dentro dos respectivos prasos estabelecidos nas bases do Concurso constantes do ÁLBUM.

● ESTÊVÃO M. DA SILVA (Juiz de Fora) — Estão saindo doze gravuras, porque só começamos a publicá-las na edição de 21 de março, e não na primeira do mês de janeiro dêste ano. Para recuperar as semanas perdidas, tivemos que duplicar as figurinhas. De junho em diante, porém, publicaremos seis, conforme o plano.

● Rio de Janeiro, 24 de março de 1953. — Senhor diretor: — Em nome da Biblioteca Infantil "Carlos Alberto", peço vênia de solicitar a valiosa colaboração de V.S. no sentido de conceder gratuitamente a esta instituição cultural infantil, alguns exemplares completos do primoroso e instrutivo ÁLBUM — REVISTA DA SEMANA.

Certa de contar com a benévola aquiescência de V. S. a êste meu pedido, agradeço antecipadamente, rogando à Divina Providência conceda pleno êxito a essa patriótica iniciativa, e crescente progresso à COMPANHIA EDITÔRA AMERICANA.

Atenciosas saudações.

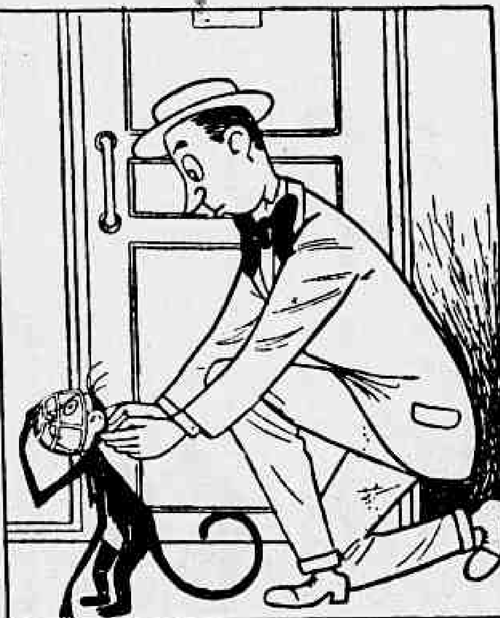
Profª *Maria Carolina Rodrigues Alves Bodstein*, diretor-administrativo.
— Atendida.

● Nova Friburgo, 6 de abril de 1953. — Presados senhores proprietários e demais funcionários dessas duas grandes e conceituadas emprêsas: A "Brazília Turística e Comercial S. A." e "Revista da Semana": Queiram aceitar os meus sinceros parabéns e votos de felicidades e contínuo progresso. Porque com êste original e bem organizado Concurso "Brazília" — "Álbum — Revista da Semana", vossas senhorias estão prestando mais um grande e patriótico serviço ao nosso querido Brasil, fazendo desfilar, diante dos brasileiros de hoje e do futuro, os quadros dos feitos belos, grandiosos e perenes dos brasileiros de ontem, que foram uns verdadeiros abnegados da pátria. Aproveito a oportunidade para apresentar a Vs. Ss., os protestos da minha perfeita estima e consideração. Atenciosamente, *Luiz Leandro da Silva*.

ARABELLE a última sereia



Arabelle e Flor-Azul se dirigem para o carro dormitório do trem que os levará aos Estados Unidos e com êles também vai o macaquinho.



Mal o trem começou a andar, Flor-Azul pôs uma focinheira em Kouki, com aprovação de Arabelle. Assim poderiam dormir tranqüilos.



Arabelle pega no sono. Flor-Azul, depois de um charuto, dorme. Só Kouki está vigilante e danado da vida. E' preciso ficar em liberdade.



Kouki consegue desamarrar-se e retira o açamo. Ia dar uma espiadela, quando percebe que alguém procura, sorrateiramente penetrar na cabine de Arabelle.



O macaquinho procura esconder-se e vê entrar de mansinho um homem encapotado, tendo na mão uma lâmpada, a esmiuçar o aposento.



Quase ao mesmo tempo surge outro homem que, retirando do bôlso um vidro, derrama o liquido que êle contém num lenço para imobilizar alguém.



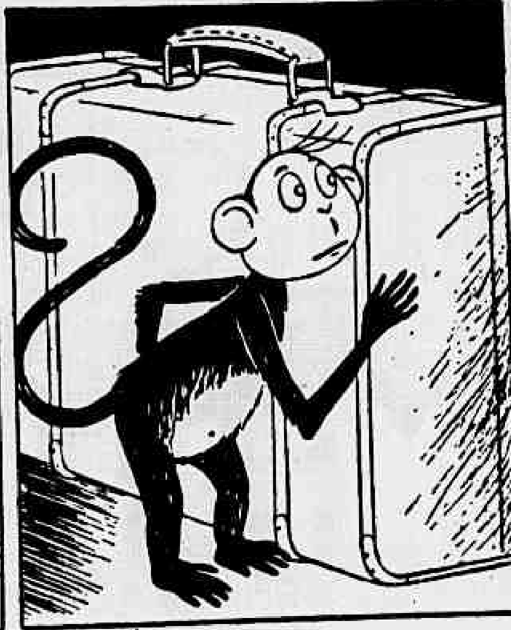
Sob o espanto de Kouki, o homem chega o narcótico às narinas de Flor-Azul, que respira o gás até ficar inconsciente.



Ao mesmo tempo o gordo sobe à cama onde se acha Arabelle e se extasia diante de sua beleza. Fica indeciso, embora o outro reclame atuação rápida.



E' preciso fazer tudo sem luta. E outra bola de pano é embebida em narcótico e chegada ao nariz da Sereia. E ela fica inconsciente.



Kouki acompanha os atos dos bandidos, procurando não ser descoberto. Mas, pensa, que farei para despertar Arabelle?



Os assaltantes remexem em tudo, e já estavam temendo fracasso completo, quando dão com uma valise que lhes pareceu a sede da riqueza.



E descobrem as jóias! Mas, já se preparavam para sair da cabine, quando ouvem ruído lá fora. O gordo empunha um revólver que está pronto para atirar



Mas nada ouvem mais e deixam a cabine sob tôdas as precauções, saindo para o corredor, enquanto Arabelle e o seu amigo dormiam.



Nesse instante, porém, sai de sua cabine um outro passageiro. Os **gangster**, lhe lançam um olhar de temor, enquanto êle acende um cigarro.



A coisa ia continuar sem novidades, quando a maleta começa a agitar-se misteriosamente, como se estivesse um ser vivo lá dentro.



O passageiro se volta e pergunta aos dois bandidos se o que êles levavam na maleta era algum cachorrinho. Súbito, se ouve um grito estridente...

Desenhos de JEAN ACHE

História de VANIA LAUREZ



Uma das características da loucura causada pela mescalina é provocar tremendas alucinações: o paciente vê constantemente fantásticos desenhos em que predominam os mais variegados estilos, como se estivesse diante de enorme acervo de ricos tapêtes. Tudo em continuada mutação de cenas.

FANTASMAS E PESADELOS DA LOUCURA

AS MACABRAS VISÕES DOS LOUCOS ★ A DROGA QUE REPRODUZ A LOUCURA ARTIFICIAL ★ O MUNDO FANTÁSTICO DOS ESQUIZOFRÊNICOS

Os esquizofrênicos vivem num mundo irreal, inacessível para os que têm uma mente lúcida e sã. Sofrem alucinações, vêem e ouvem cousas que não existem. «Deixai perambular o sonhador como uma pessoa acordada — observou uma vez o célebre psiquiatra suiço Carl Jung — e tereis o quadro clínico da esquizofrenia».



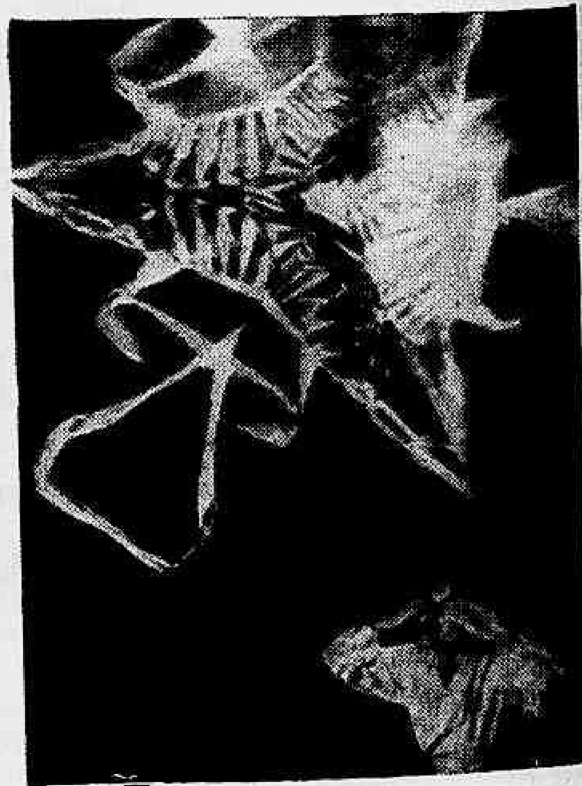
Instantes iniciais da loucura provocada: o pesadelo começa num longo corredor, por entre pequenas e depois grandes bolas de sabão...

Até agora, nenhum especialista conseguiu penetrar completamente no mundo dos sonhos, que separa os esquizofrênico da realidade. Às vêzes, para compreender melhor as evoluções mentais do esquizofrênico, os médicos provocam estados psíquicos particulares, em pessoas normais, empregando drogas como a morfina, a cocaína ou a marijuana. Mas estas substâncias têm o inconveniente de serem tóxicas e correr o risco, a quem as toma, de habituar-se; além disso, deixam o «paciente» num estado mental de tal maneira confuso, que não consegue transmitir as suas reações ao psiquiatra.

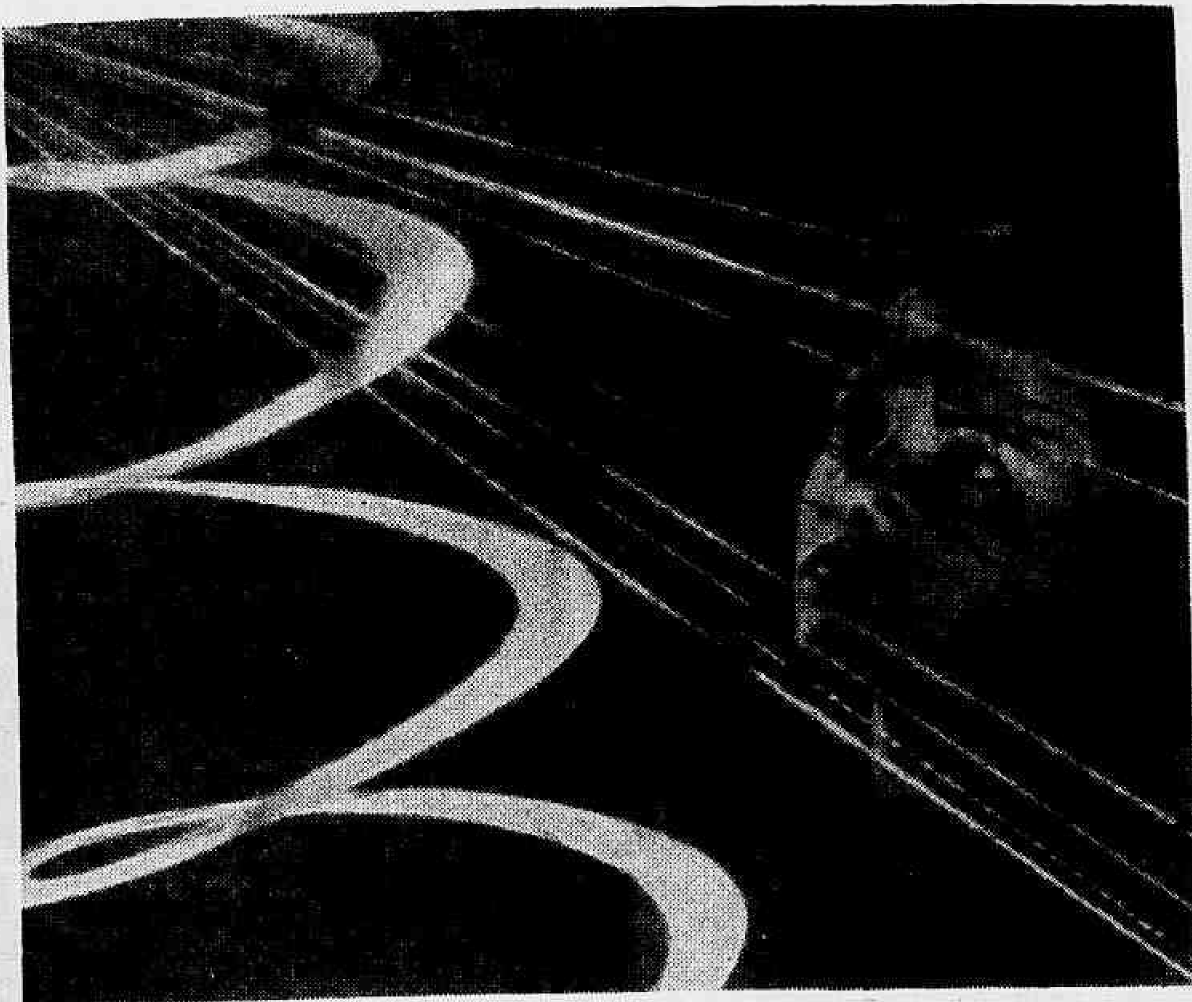
A melhor droga para provocar um estado de demência artificial é a «mescalina», um alcalóide derivado do «peyote», cactus sem espinho que cresce livremente no México e no Texas. Com esta substância química, ingerida pela bôca em doses variadas de 0,2 a 0,5 gramas, obtêm-se alucinações visíveis e sonoras à vontade.

A mescalina diminui a pulsação, cria uma sensação de «dupla existência» (um dos sintomas fundamentais da esquizofrênico é, enfim, a dissociação da personalidade) e provoca um estado de excitação física e mental. Nesta situação, a pessoa não perde a consciência das coisas. Apesar da profunda desordem que invade a personalidade e o pensamento, aquêle que toma mescalina fica em condição de descrever as suas bizarras experiências com lucidez de consciência. A mescalina, portanto, é uma droga preciosa para estudar a natureza das desordens mentais, e em particular daquelas provocadas pela esquizofrenia.

A história da mescalina é sobretudo pitoresca quanto aos seus efeitos tóxicos. Quando Cortez chegou no México, no XVI século, descobriu que os índios dessecavam as gemas dos «cactus mescal», usando-as depois para excitar-se durante as cerimônias religiosas. Um pa



Labirinto de espirais brancas gira desordenadamente, provocando um mundo de sons, de animais gigantescos, em evoluções terríveis.

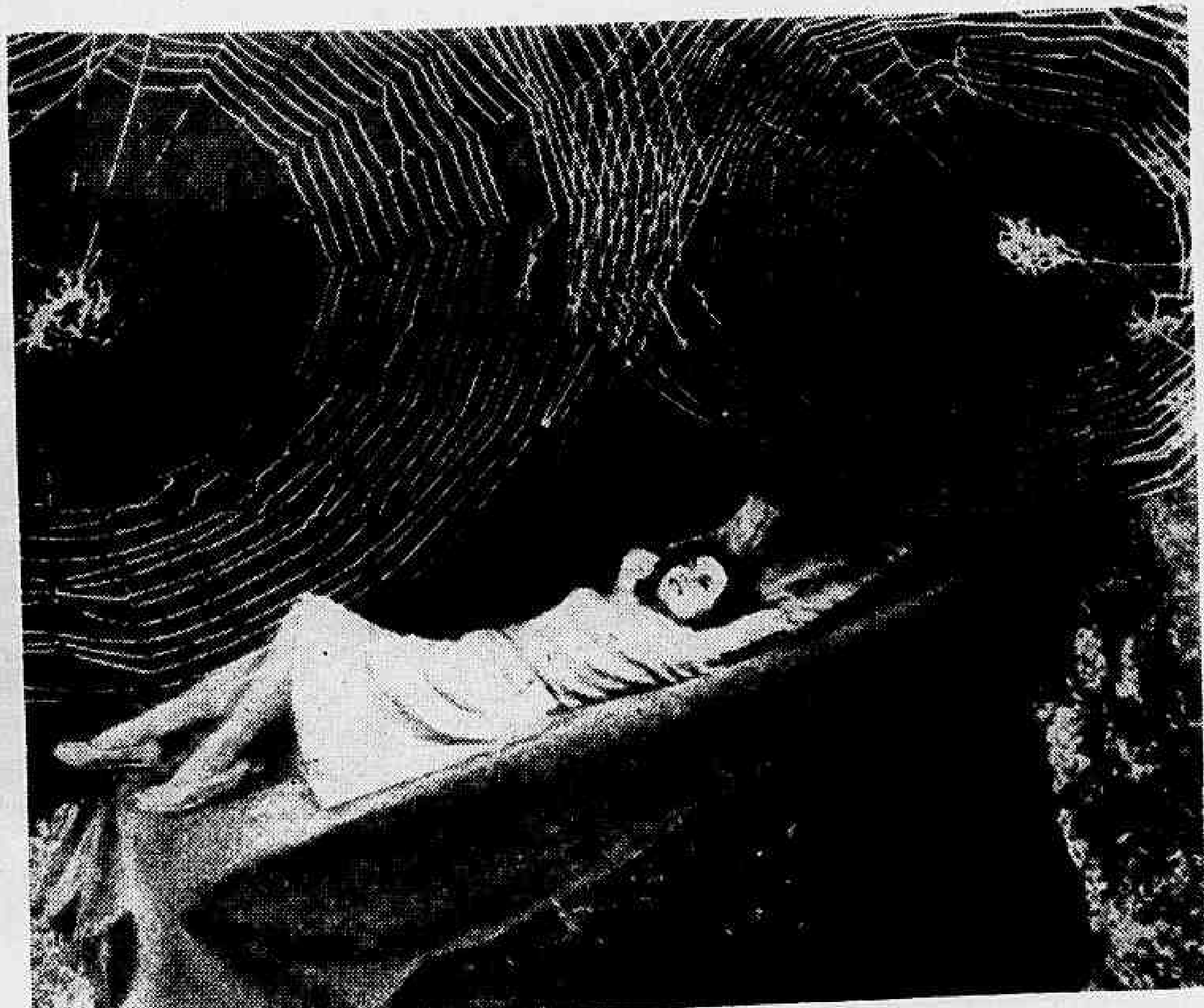


Outro momento de inquietação da loucura: a paciente não pode desviar a vista dos grandes prismas cristalinos que ziguezagueam no espaço.

dre espanhol definiu a planta como um «cogumelo que intoxica como o vinho». Mais tarde, também os índios do Texas e do Novo México habituaram-se a tragar o pó de «peyote» durante os ritos religiosos. Por êsses informes históricos, começaram os químicos a se ocupar com a planta, descobrindo-lhe as qualidades.

Quem toma mescalina experimenta a princípio o enjôo, logo seguido de distúrbios da vista e do ouvido, com um constante fluxo de cenas indescritíveis de beleza e côr, grandiosas e várias, deliciosas e terríveis. As coisas que se vêem durante estas alucinações se referem, quase sempre, à profissão do indivíduo: um pilôto vê maravilhosas cidades mecânicas; um arqueólogo figuras e personagens mitológicas. O pesadelo que se repete com mais freqüência é uma espécie de tapeçaria com desenhos semelhantes a grotescos monstros animais.

A ação da mescalina começa a 30 minutos depois de ingerida, e dura de 10 a 12 horas. O que o indivíduo vê e ouve, durante a sua loucura artificial, foi dramàticamente representado por uma série de fotografias apanhadas pelo fotógrafo alemão Leif Geiges, que aqui apresentamos. Reconstituindo detalhadamente as visões mentais descritas pelos experimentadores da mescalina, Geiges conseguiu apresentar, de maneira clìnicamente perfeita, o que ouvem e «vêem» as pessoas tornadas «loucas» pela notável substância. E o que é mais interessante é que, estas visões são provàvelmente as mesmas que experimentam os esquizofrênicos, tôdas as vêzes que são assaltados pelas crises. A importância da experiência aparece portanto evidente: sabendo o que realmente experimentam os esquizofrênicos, será mais fácil encontrar um sistema de cura; por isso, muitos médicos são da opinião que se um indivíduo reage à ação da mescalina com sintomas esquizofrênicos, isto significa que é predisposto à loucura, e talvez sirva ela para particularizar o mal nos seus estados iniciais.



Com o espírito aturdido pelas cambiantes da loucura, a paciente parece que repousa num admirável nirvana com arcos de ouro, perfumes, música...

DE CINEMA

NEWTON COUTO

O FINO HUMORISMO FRANCÊS NUMA SÁTIRA CINEMATOGRÁFICA

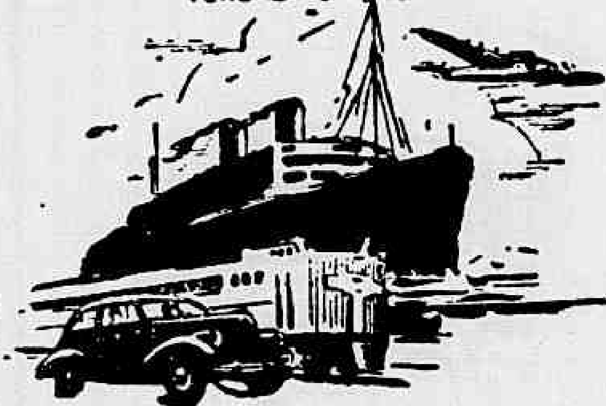
O cinema francês, que tantas glórias tem conquistado para o seu patrimônio artístico, mais uma vez se vê representado dignamente, através do filme "Primavera de Escândalos" (Clochemerle), distribuido pela França Filmes do Brasil — uma das sátiras mais deliciosas e impressionantes e que recebeu da crítica mundial os mais entusiásticos comentários, pelo seu conteúdo profundamente humano e o seu espírito altamente fino e irônico, mesclado com a verve e o sadio humorismo que caracterizam o povo francês. Por se tratar de uma obra perfurante em sua crítica realista em seu conteúdo, constituindo um tremendo libelo aos costumes franceses, esta película foi proibida em muitas cidades da França e só mais tarde liberada pela censura.



Uma cena da esplêndida sátira cinematográfica «Primavera de Escândalos» (Clochemerle), onde aparecem a nova estrêla do cinema gaulês Simone Michels e a atriz Maximilienne.

● *Sua história, baseada na extraordinária novela do escritor francês Gabriel Chevalier, focaliza a vida de uma cidade do interior da França, que recebeu o nome de Clochemerle, que tempos atrás havia pertencido a uma abadia ainda conservado pelo seu povo, porque nesta mesma cidade existia um grande sino, rodeado de castanheiros e porque nesta mesma cidade existia um grande sino, rodeado de castanheiros e quando o mencionado sino começou a soar, de cima dêle voavam vários melquando o mencionado sino começou a soar, de cima dêle voavam vários melros, que ali pousavam, provocando dos camponeses a expressão — Le Cloche ros, que ali pousavam, provocando dos camponeses a expressão — Le Cloche Merles, isto é, o sino dos melros. Justamente nesta cidade, situada nas terras outrora dos senhores de Bejeau e onde se bebe de maneira assustadora, em vista do excelente licor que se produz nesta cidade, que um prefeito, querendo angariar o prestígio e a admiração do povo e desfrutar de uma melhor situação no futuro, resolve construir um mictório masculino e evitar assim que os habitantes de Clochemerle se servissem dos diversos logradouros públicos e conservassem a cidade completamente limpa e livre de qualquer mau cheiro... A inauguração é feita com grandes pompas, comparecendo às solenidades diversas autoridades. Disto resulta uma série de complicações, que termina com grandes discussões dentro da câmara e a subseqüente tomada da cidade pelas fôrças do exército... Dentro desta história, o notável diretor Pierre Chenal escreveu o argumento, usando de uma linguagem muito fina, porém extremamente humana e capaz de contagiar a todos os espectadores realmente portadores de uma grande sensibilidade artística, apresentando os verdadeiros caracteres criados na obra do escritor Gabriel Chevalier, dando-lhes aquela vida interior e de fatos existentes nas personagens daquela pacata cidade, muito justamente chamada de Clochemerle. Para dissecar os esplêndidos tipos que tinha em mãos, usou de um pouco de teatro, não prejudicando em nada a linguagem cinematográfica, estudando os diversos caracteres por intermédio de bonecos do teatro de marionetes, que funde com as personagens de carne e osso. Como intérprete dos sentimentos de cada tipo, ou sejam, os seus recalques, fraquezas, intrigas e interêsses políticos, Pierre Chenal entregou os diálogos à competência do dialoguista do cinema francês Pierre Laroche, que cumpriu airosamente sua tarefa, criando um diálogo bastante condizente com as personagens de "Clochemerle", sem citar a música de Henri Souguet, que soube sublinhar as cenas cômicas e sentimentais dêste celulóide e a fotografia de Robert Le Febvre, que fixou na película tôda a atmosfera e vida daquela cidade, onde existia muita coisa das grandes cidades e que se tinha abalado quando num índice de progresso, o seu prefeito dotou-a de um edifício circular para as necessidades dos varões que aqui viviam.*

● Pierre Chenal, com esta obra cinematográfica, que cenarizou e dirigiu com acentuado sentido plástico e artístico e com um profundo espírito satírico e sutil, só comparável aos grandes cineastas, enriqueceu a sua já famosa bagagem artística. Pierre, que nasceu em 5 de dezembro de 1904, iniciou a sua carreira como cenógrafo teatral, ingressando no cinema como desenhista de cartazes, tendo mais tarde estreado como documentarista, apresentando entre outros aquêle famoso documentário, cujo título não nos lembramos e que mostrava o grande diretor brasileiro Alberto Cavalcânti, naquele tempo radicado no cinema francês, filmando o famoso "Capitão Fracasse", feito no cinema mudo e que tinha nos principais papéis Pierre Blanchard e Charles Boyer, que fazia a sua estréia no cinema e "10 Petits Métiers de Paris". Em 1933 fêz o seu primeiro filme de longa metragem intitulado "La Rue Sans Nom", dirigindo depois "Crime et Chatiments", "Les Mutines De L'Elseneur", "L'Homme De Nulle Part", "Alibi", "L'Affaire Lafarge", "La Maison Du Maltais". Ao rebentar o conflito mundial em 1939, Pierre Chenal parte para a Argentina, realizando quatro celulóides como "Todo Un Hombre De Unamuno", "La Muerte Falta A La Cita", "Se Abre El Abismo" e "Viage Sin Regresso", para em seguida voltar para a França em 1945, onde recomeçou as suas atividades em 1946, com "La Foire Aux Chimeres". Ao lado de Saturnin Fabre, Jean Brochard, — Jeane Marken e Armontel, faz um dos principais papéis em "Primavera de Escândalos" (Clochemerle), a atriz cinematográfica Simone Michels, que se trata de uma grande revelação do cinema da terra de Jean Gabin, interpretando uma "vamp" de cidade do interior com tanta propriedade, que está sendo citada com grandes elogios por todos aquêles que já assistiram a essa jóia da cinematografia gaulesa.



CAPITAL SOCIAL

3.000.000,00

(Integralizado)

Carta Patente n.º 146

Oferece o formidável

PLANO DE ECONOMIA

Série "C"

O plano Série "C" da Brazília além de ajudá-lo a cultivar o hábito sadio da economia, proporciona-lhe as seguintes vantagens:

a) — Prêmios de Cr$ 200.000,00; Cr$ 100.000,00· Cr$ 30.000,00; Cr$ 20.000,00; Cr$ 10.000,00, etc.

b) — Resgate por antecipação;

c) — Resgate por falecimento;

d) — Dividendos ou bonificações anuais;

e) — Seguros contra acidentes pessoais;

f) — Sugestões relacionadas a viagens, repousos ou excursões;

g) — Informações sôbre matéria de interêsse turístico;

h) — Reembôlso integral.

MENSALIDADE — 50,00

Peçam informações

BRAZÍLIA TURÍSTICA E COMERCIAL, S. A.

SEDE PRÓPRIA: **Rua Visc. de Inhaúma, 134 - 4.º pav.**

Agências e Sucursais em todos os Estados

TELEFONE: 43-3475

A SAÚDE DO BEBÊ

GESTAÇÕES DESCURADAS

Dr. SABOIA RIBEIRO

A SAÚDE e a vida do feto são, a miúde, sèriamente comprometidas em razão de gestações descuradas. Certos cuidados da Higiene Pré-natal deixaram de ser tomadas a seu tempo, e daí êsses insucessos, motivados entre outras causas pelas seguintes: a) toxemia gravídica; b) defeitos de placentação; c) defeitos de bacia; d) defeitos de apresentação do feto; e) infecções específicas maternas.

Vejamos cada uma dessas causas e seus habituais efeitos:

1º) — A toxemia gravídica, reconhecível pelos seus sintomas clínicos (nauseas, vômitos, estados hidrópicos, edemas, tonturas, pressão alta, etc.) é a responsável por muitas interrupções da gestação. O nascimento de prematuros é, hoje, atribuído à toxemia gravídica. Metade das crianças que morrem até o 7º dia (neo-natalidade) é constituída de prematuros, o que, só por si, mostra o papel funesto da toxemia gravídica.

Muitas vêzes, pelo grau de intoxicação produzida sôbre o feto, êste nasce com asfixia pálida, de prognóstico muito mau, pois quase sempre devida a uma lesão dos centros respiratórios.

2º) — Os defeitos de placentação respondem por muitas causas de morte do feto, sobretudo na chamada placenta prévia.

Hoje, com a prática segura da operação cesareana em ambiente hospitalar, a placenta prévia pode ser conjurada, uma vez que a gestante se recolha a uma maternidade, constatada a sua existência.

Tôda e qualquer hemorragia, no último trimestre da gestação, é quase sempre devida a uma placenta prévia, e pede repouso, consulta imediata do parteiro, recolhimento a uma maternidade para o parto.

3º) — Defeitos de bacia criam, a miúde, o parto laborioso e prolongado.

Em casos semelhantes, o acidente mais para temer são as encefalopatias infantis, que se mostram sob a forma de paralisias da criança.

As fraturas e a asfixia do feto são freqüentes no defeito da bacia.

Os defeitos de bacia consistem na sua exigüidade para a penetração e passagem do feto. Verificada esta incapacidade para o parto natural, êste deve ser realizado numa maternidade.

Na primeira gravidez, um mês antes do parto, a cabeça desce e penetra na pequena bacia, quando esta é suficiente. A cabeça alta faz suspeitar da boa bacia.

A radiografia esclarecerá cada caso. Uma radiografia é sempre necessária nesta altura da gestação.

4º) — A apresentação do feto deve ser também controlada antes do parto.

E' pela palpação que, em geral, se faz êsse exame.

O feto deve estar em contato com a bacia, pela cabeça.

A apresentação de nádegas deve ser corrigida, fazendo-se sua transformação numa apresentação de cabeça. E isto antes do parto, como uma preparação para o parto normal.

Uma apresentação de espáduas obriga também à sua transformação em apresentação de cabeça.

Uma apresentação, nessas condições, torna o parto natural impossível.

Os defeitos de apresentação descurados durante a gestação ensejam muitas vêzes manobras, no momento do parto, que provocam lesões no feto e no recém-nascido, às quais se devem muitas paralisias congênitas.

5º) — As infecções especificas da gestante não poupam o feto. A sífilis materna ocasiona os efeitos mais funestos sôbre o feto, evitáveis, todavia, se tratada logo no início da gestação. Daí impor-se um exame, nesse sentido, sempre, na gestante.

O diagnóstico de uma tuberculose na gestante é coisa muito séria. No mínimo obriga a uma medida intransigível: a separação da criança no momento do nascimento.

De um modo geral, qualquer infecção da gestante atinge o feto. Daí o seu dever de precaver-se contra as infecções, sendo-lhe vedadas as visitas a doentes de moléstias febris.

6º) — Grande número de moléstias congênitas e anomalias de órgãos, com suas deformidade inclusive, estudos bem orientados atribuíram a certas deficiências no regimen de vitaminas. Daí a atenção especial que estas merecem na assistência da gestante.

LUVAS MODERNAS





LUVAS ESPORTIVAS em pelica preta com pespontos brancos. Como detalhe original três botões de couro sôbre os punhos, um em cada pesponto. Modêlo apresentado por Aris.

LUVAS DE MEIO comprimento, simples, com punhos recortados em bicos arredondados. Constituem maravilhoso complemento ao gracioso solidéu em feltro. — Criação Emme.

REALIZOU-SE recentemente em Nova York uma exposição de luvas, dos mais famosos luveiros de Paris e Nova York. Pôde-se observar aí reunidas as mais interessantes criações destinadas a tornar lindas as mãos femininas na próxima temporada elegante. Havia modelos de pelica, esportivos, alguns com pespontos, outros com debruns e reversos em côres contrastantes; criações em camurça ou suede eram destinadas à meia ou à alta cerimônia, apresentavam-se com punhos recortados de forma original, bordadas com linha brilhante ou com lantejoulas e miçangas; criações para a noite em tecidos os mais diversos: havia luvas de renda enfeitadas com pequeninas pérolas no punho; luvas de brocado, bordadas com fio de ouro e «strass»; luvas de tule de «nylon» finíssimas com arabescos em veludo aplicados sôbre as costas da mão e contornando os punhos.

● Lá estavam, também, criações mais modestas em malha de lã ou em tricô feito a mão, com bordados em lã colorida, próprias para acompanhar uma tualete ligeira ou um traje de montanha. A conclusão a que se chega, observando uma tal variedade de modelos e uma tão grande fantasia nos enfeites das luvas modernas, é que êsses acessórios estão acompanhando a tendência geral da moda para a feminilidade: graciosas, leves, «coquettes», luxuosas, conforme a personalidade de quem as usa ou as ocasiões a que comparecem. Alguns modelos, dos mais interessantes, foram reunidos nesta página para orientar as leitoras da REVISTA DA SEMANA. O inverno está às portas e as luvas já começam a se tornar indispensáveis também para nós. — **(Flama)**



OS PUNHOS DESTAS luvas em pelica branca são bastante originais, em forma de pétalas, arrematados com florezinhas de pelica em volta do pulso. — Sugestiva criação Aris.



UM DOS MAIS femininos conjuntos de accessórios apresentados por Kislav: luvas em suede, bordadas com "pois" multicores tonalidade clara, chapèuzinho em feltro branco com delicada pena.

A nova linha



DAVID CRYSTAL — Modêlo num novo tecido que provàvelmente desbancará o nylon: "orlon". Corpo trabalhado em pregas em diversas direções. Grande decote em V. Saia pregueada na pala e muito franzida.



DAVID CRYSTAL — Vestido de linhas simples porém extremamente elegantes: blusa transpassada com mangas japonêsas. Saia plissada com roda. Cinto de verniz prêto.



REVILLON. Costume [illegible] alpaca [illegible] com casaco três quartos [illegible] Jaqueta [illegible] inteiramente [illegible] abotoados [illegible] Chapéu de Maud e Nano.

PUDIM DE MAÇÃ

INGREDIENTES

1/2 quilo de maçãs
3 colheres das de sopa de suco de limão
1/2 xícara de açúcar
1 pau de canela
100 gramas de sagu
1/1 litro d'água.

MANEIRA DE FAZER

1. Descasque as maçãs, corte-as em pedaços pequenos e cozinhe em água. Junte o caldo do limão, o açúcar e a canela (em pau).

2. Assim que as maçãs estiverem bem cozidas, amasse-as, formando um purê, e passe numa peneira.

3. Cozinhe o sagu com pouca água, durante 20 minutos, até formar um mingau. Misture-o com o purê de maçã, ainda quente.

4. Arrume numa fôrma molhada. Vire o pudim num prato quando estiver bem frio.

Sirva com calda de açúcar queimado.

CONSELHOS ÚTEIS

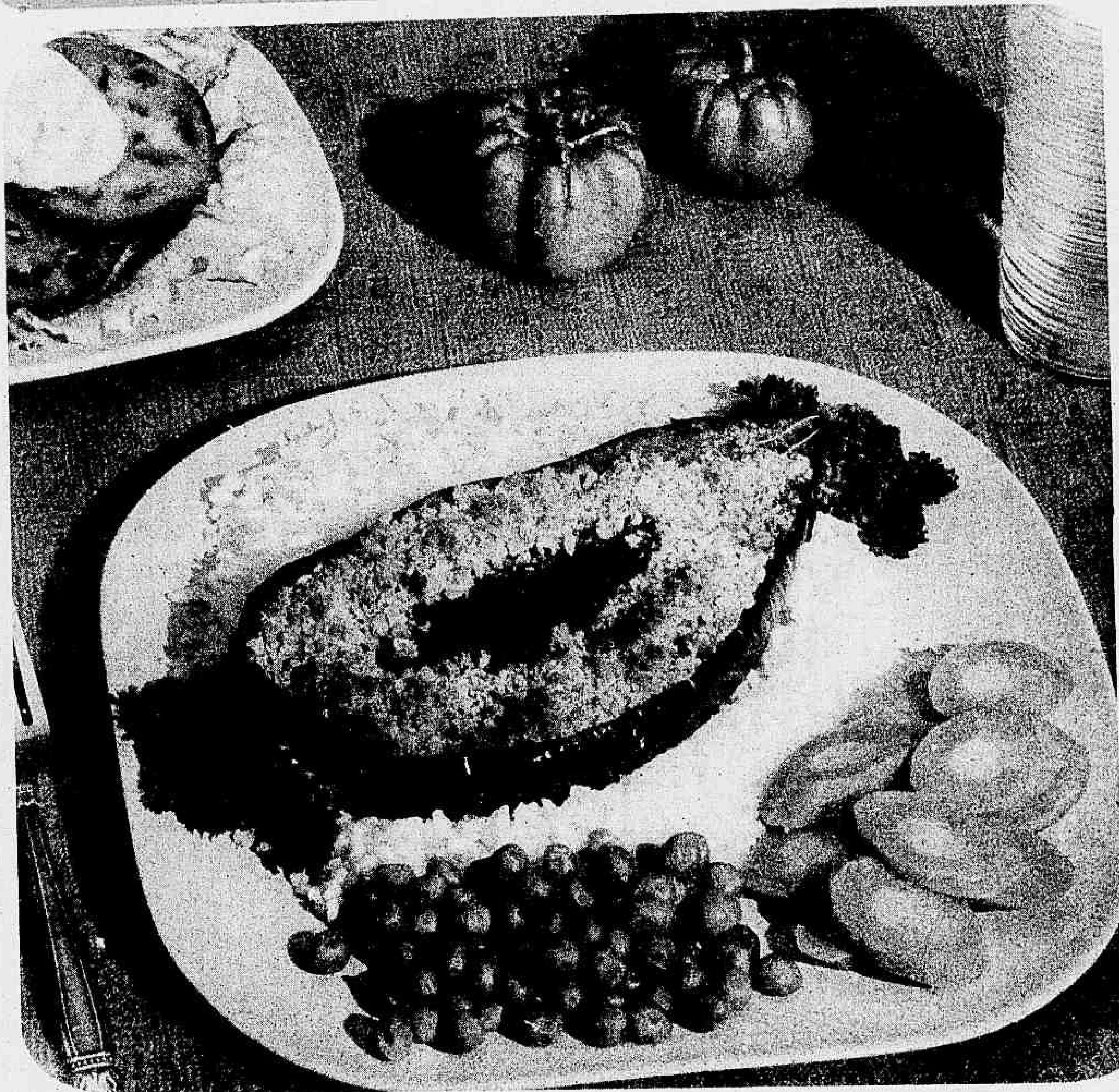
- *Uma xícara de sal, uma xícara de farinha de trigo e outra de água, misturadas, constituem uma ótima "massa de modelar". Adicione um pouco de anilina para dar côr. Dê a massa às crianças, para fazerem modelagem num dia de chuva.*

- *Quando preparar uma "salada de gelatina", unte a fôrma em que colocá-la para gelar com maionese. A salada sairá muito bem, por inteiro, depois de endurecida.*

- *Não ponha "o leite" diretamente na panela limpa e sêca, pois, assim, será muito mais fácil êle se queimar. Enxague a panela antes com água fria e depois ponha o leite para ferver.*

- *Para que as gemas de óvo não se ressequem, quando guardadas de um dia para o outro, ponha-as num copo ou numa tijela e cubra-as com água fria. No dia seguinte estarão fresquinhas!*

WEEK-END NA COZINHA



BERINGELAS RECHEADAS

(para 4 pessoas)

INGREDIENTES

2 beringelas de tamanho regular, cortadas pelo meio.
1/4 de xícara de pimentões picados
1/4 de xícara de cebolas picadas
1/4 de xícara de aipo picado (facultativo).
1 colher das de chá de óleo para salada.
1 xícara de suco de tomate.
1 xícara de arroz cozido.
1/2 colher das de chá de sal.
1 pitada de pimenta do reino.
1 1/2 xícaras de miolo de pão, picado e torrado.
Manteiga ou margarina.

MANEIRA DE FAZER

1. Cozinhe as beringelas em água fervendo, salgada, até que fiquem macias. (cêrca de 10 minutos).
2. Refogue os pimentões, a cebola e o aipo (se tiver) no óleo, até que fiquem ligeiramente tostados. Misture-os com o suco de tomate, o arroz, o sal e a pimenta.
3. Esvazie o centro das beterrabas; deixe apenas 1 centímetro de polpa por dentro das cascas (pode guardar a polpa da beringela e servir sôbre spaghetti, um outro dia).
4. Espalhe 2 colheres das de sopa de miolo de pão torrado sôbre o fundo de cada metade de beringela. Encha com a mistura de arroz. Espalhe o restante do miolo de pão por cima. Espalhe pedacinhos de manteiga sôbre os mesmos.
5. Asse em forno moderado, cêrca de meia hora.
Sirva com arroz cozido, «petit-pois», cenouras cozidas e raminhos de salsa.



A GRANDE TAREFA!

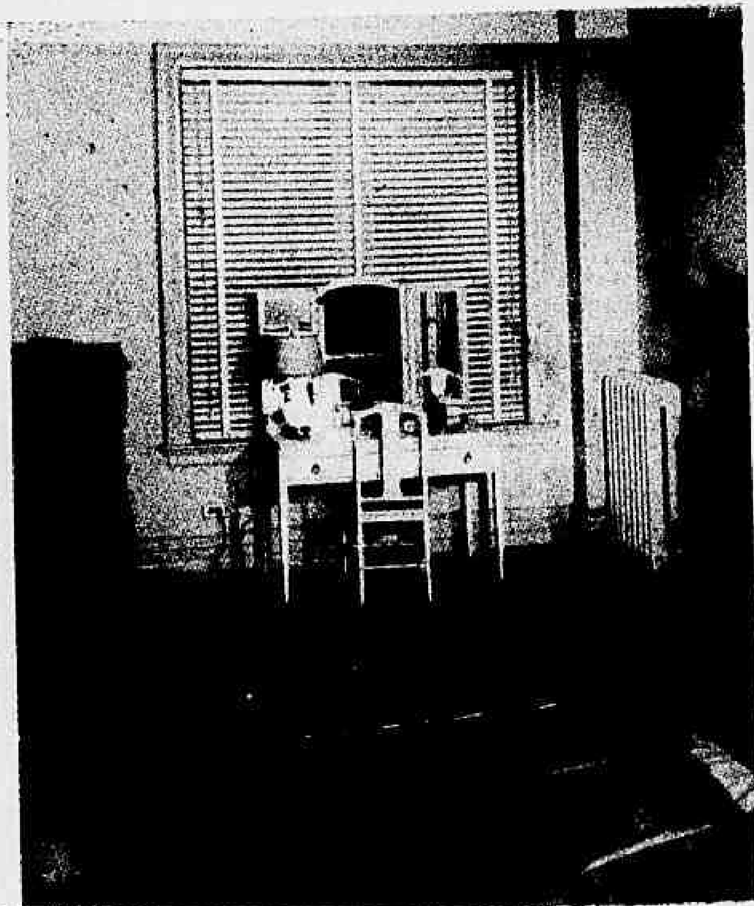
A maternidade influencia nossas vidas profundamente e nelas imprime marcas para sempre. Foram nossas mães que lançaram as bases de nossa personalidade, dando-nos qualidades que passaremos a nossos filhos, assegurando com isso não sòmente a continuidade física da família como também a continuação do espírito, das virtudes, das tradições de nossos antepassados. Ser mãe é uma grande tarefa que tôdas as mulheres cumprem com orgulho e devoção quando chega a sua hora. E' a mais difícil e cansativa das ocupações e, no entanto, a própria natureza se encarregou de prover a mulher, pelo instinto, com os conhecimentos essenciais para desempenhá-la com sucesso e com alegria.

● Saber quando calar e quando advertir; quando castigar e quando esquecer; quando se impor e quando se humilhar; quando ser amorosa ou quando se mostrar grave e séria; quando ser indiferente e quando se interessar com tôda a alma. Tudo isso seria tão difícil se não fôsse o instinto materno! Os conhecimentos instintivos, porém, podem e devem ser aperfeiçoados com estudos e observações, pois a profissão de mãe é a mais complexa de tôdas: dona de casa, enfermeira, professôra, conselheira... mártir e santa.

● Exige conhecimentos enciclopédicos! Ensinar os filhos a sentir a diáfana barreira de separação entre o bem e o mal; com seriedade, e não com evasivas, pô-los a par dos «fatos da vida»; criá-los na retidão, na lealdade, no amor à verdade, na sujeição à palavra dada; ensinar-lhes ao mesmo tempo o respeito à tradição e ao progresso; despertar-lhes a ambição; inculcar-lhes a sinceridade na fé religiosa que adotarem; contar-lhes de onde vem o vento e para onde vai; falar-lhes sôbre o mar, o sol, as montanhas, as nuvens e as sombras; dos pássaros, da noite e do luar... Despertar em suas almas o sentimento do belo da natureza e do espírito!... Tudo isso, a mãe deve saber, e tudo isso é tão difícil! Os filhos roubam os melhores anos da vida de suas mães, e, quando amadurecem afastam-se, «como o fruto sazonado tomba da árvore». Mas, também, devem saber as mães que: podem tê-los criado no sofrimento, podem tê-los moldado com seu sangue, sua carne, sua alma... êles não são seus. Pertencem-se a si mesmos. Poderão segui-los, apenas, com seu amor e suas preces! — L. J.

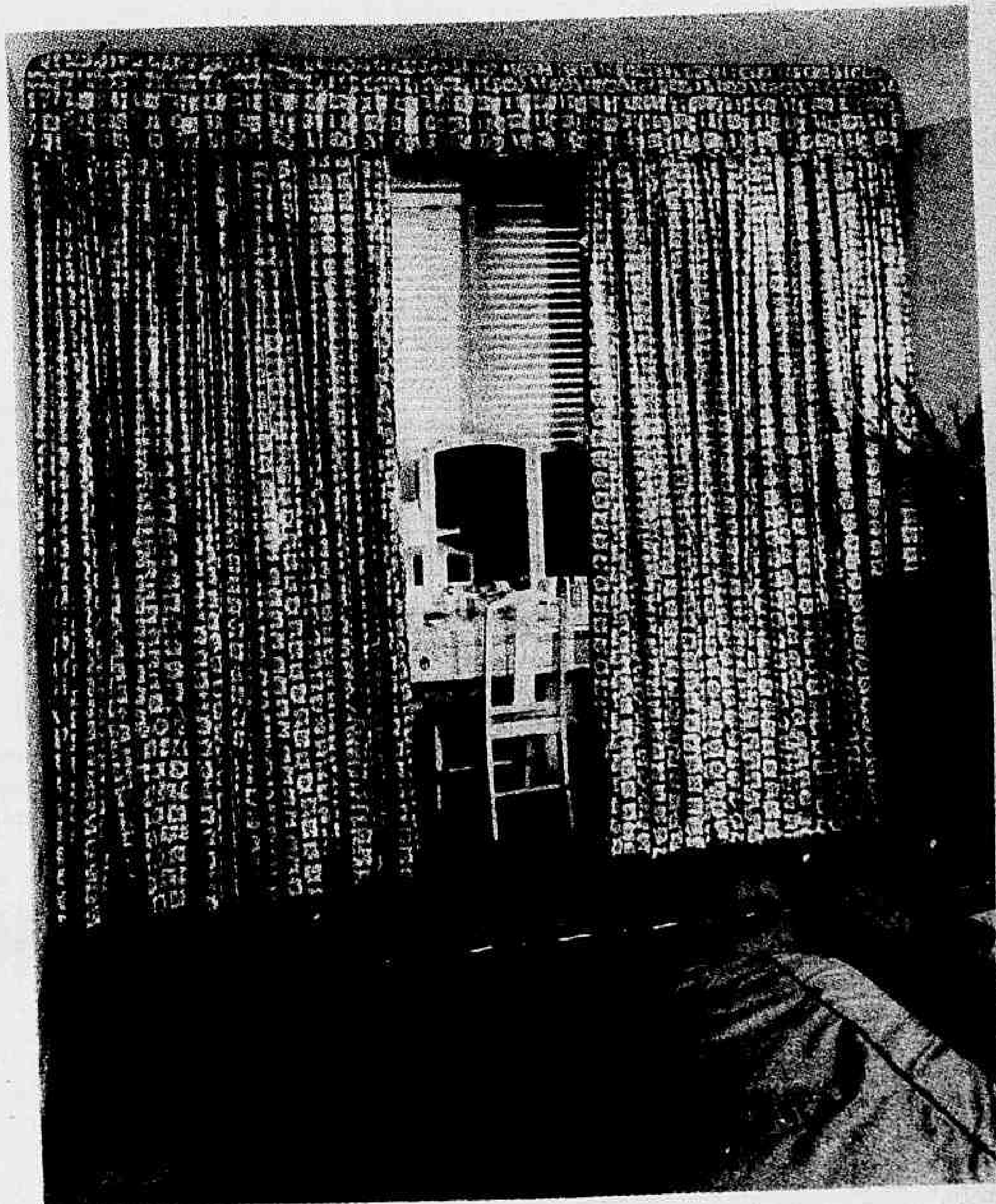
★ ★

SUGESTÕES PARA O LAR



A colocação de uma cortina em seu quarto de dormir ainda não foi resolvida. Há no mesmo uma janela com cortina veneziana, muito boa, aliás, para proteção contra o sol da tarde, que bate exatamente naquele lado. A janela é bastante larga e ficaria ótima com um cortinado leve, se não fôsse uma coluna horrível fazendo saliência num canto (êsses engenheiros de hoje!!!). A penteadeira está muito bem localizada em frente à janela, de onde recebe ótima luz. E' branquinha e leve. Tem a mesma côr das venezianas e das esquadrias e contrasta com a cômoda e a cama em madeira escura. A sua indecisão começou na hora em que decidiu comprar a cortina, e com razão. Aquela parede já tem elementos demais quebrando-lhe a unidade: janela, veneziana, penteadeira, coluna, cômoda...

● A solução encontrada — e que a segunda fotografia ilustra — é maravilhosa! A parede — que antes tinha um aspecto desolado e mal composto — adquiriu a unidade procurada. A penteadeira apenas entrevistada ganhou vida nova, notando-se que foi mesmo escolhida de propósito para combinar com a janela. Cobrindo-se a cômoda e a coluna em relêvo, reduziu-se o número de elementos visíveis... Além disso, o bonito reposteiro protege o quarto contra o mormaço do sol da tarde. Faça-o estampado, com aparece na fotografia, ou liso, em côr viva, que se harmonize perfeitamente com o ambiente. — (NIKE)



PAVLISTARVM TERRA MATER

Santo André

DA BORDA DO CAMPO

(Santo André, São Bernardo, São Caetano)

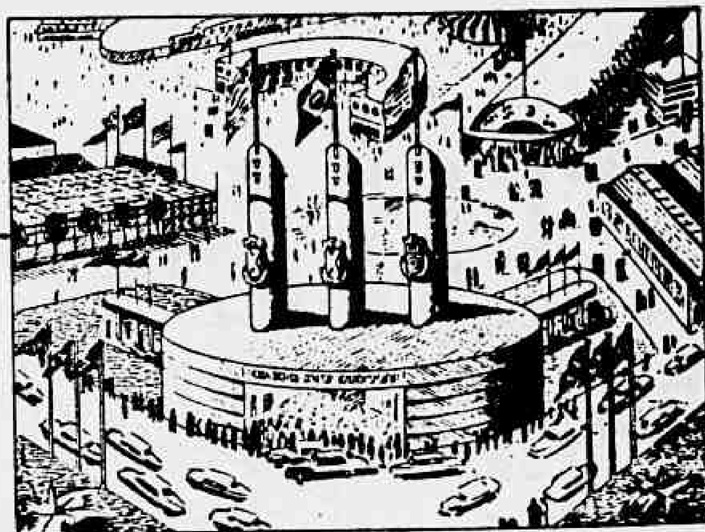
1553 - 1953

Da pequena aldeia de João Ramalho a um dos maiores centros industriais da América do Sul.

Há quatro séculos, surgia a pequena vila de Santo André da Borda do Campo, simples povoação de colonos e indígenas, fundada a 8 de abril de 1553 por João Ramalho. Ao comemorar, agora, o seu quarto centenário, ocupa um lugar de grande destaque no mapa industrial da América Latina.

Percorrendo Santo André da Borda do Campo, contemplando os imponentes maciços de suas edificações, auscultando o rítmo de vida e trabalho que palpita em suas fábricas gigantescas, tem-se uma nítida antevisão do futuro.

A sua contribuição para o progresso brasileiro é deveras impressionante. Centenas de fábricas, nas quais trabalham milhares de operários, produzem manufaturas das mais diversas utilidades. Automóveis e caminhões são montados. Produtos químicos e farmacêuticos, tecidos, pneumáticos e artefatos de borracha, vidros, plásticos, artigos de metalurgia e cerâmica — toda uma longa série de elementos indispensáveis à saúde, ao conforto, às necessidades cotidianas do homem brasileiro, saem dêsse imenso parque industrial. Como um dos grandes contribuintes da renda nacional, Santo André da Borda do Campo trabalha para o engrandecimento de São Paulo e de todo o Brasil.



Pórtico da Exposição do 4.º Centenário

Santo André, São Bernardo e São Caetano são servidos pelo maior sistema de energia elétrica da América Latina.



HÁ QUASI MEIO SÉCULO A SERVIÇO DE SANTO ANDRÉ, SÃO BERNARDO E SÃO CAETANO.

VISITE, EM SANTO ANDRÉ, A EXPOSIÇÃO DO QUARTO CENTENÁRIO



No mundo de luz de HELEN KELLER

«Fiquei cega e surda aos 19 meses. Mais três anos e deixei de falar. Depois recuperei a fala. Isto já faz muito tempo. Muitas coisas maravilhosas têm acontecido na minha longa vida. Tenho sempre um sorriso, mesmo para os maus momentos. Sou feliz, sobretudo agora, em visita ao Brasil.»

AOS 73 ANOS, CEGA E SURDA, DEPOIS DE RECUPERAR A VOZ, NUMA MISSÃO DE FÉ E DE FÔRÇA DE VONTADE ★ NÃO CONHECE O MÊDO ★ ERETA COMO UMA RAINHA ★ OUVINDO O MAR EM COPACABANA... ★ EVOCANDO ANNIE SULLIVAN ★ POLLY THOMSON, UMA PAPINA DE BONDADE E COMPREENSÃO ★ SERPENTE, ELEFANTE, PALCO E CINEMA

Reportagem de EDMAR MORÉL

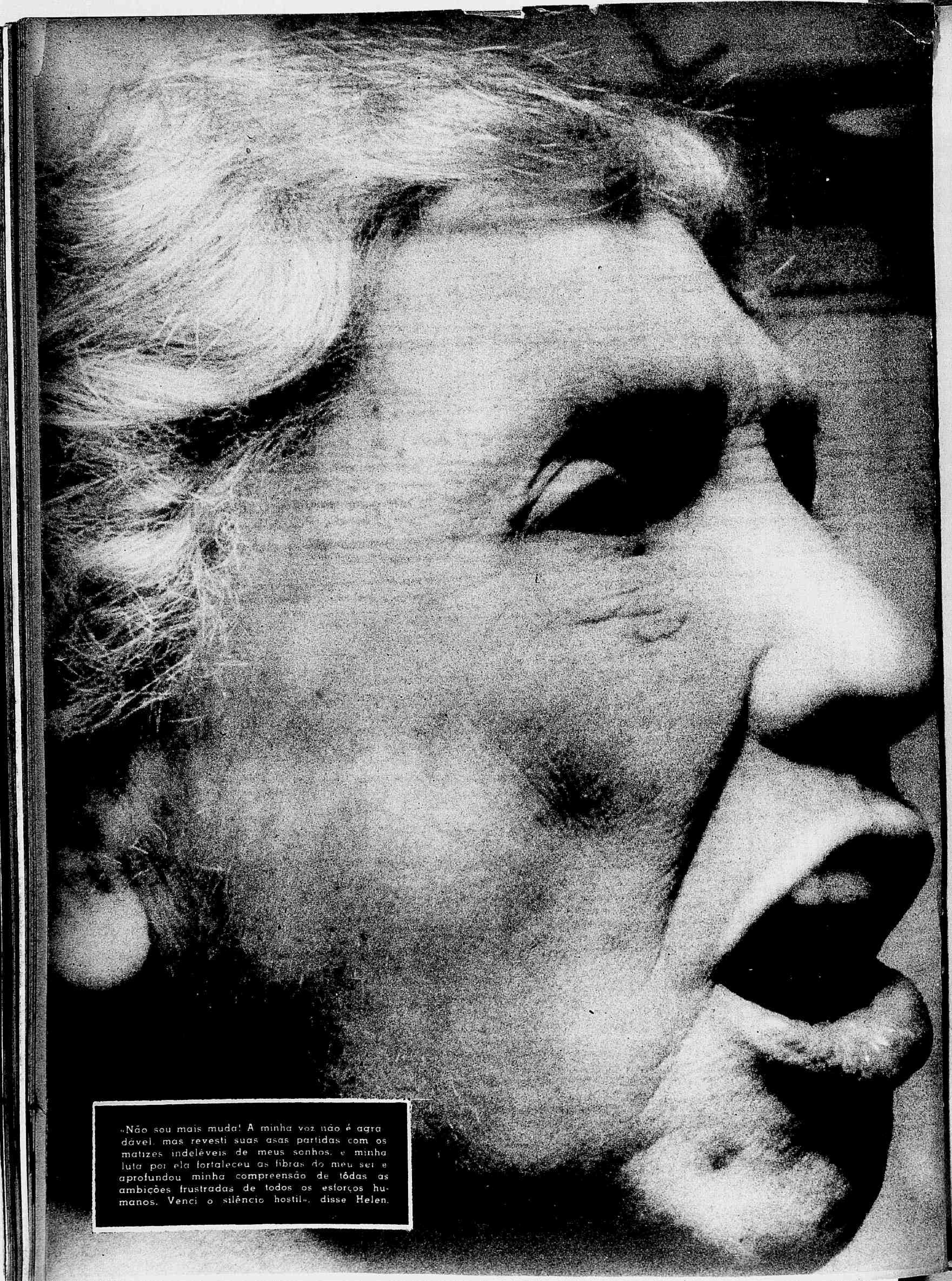
Fotos de ADIR VIEIRA

HELEN KELLER, a guia espiritual dos 14.000.000 de cegos espalhados pelo mundo inteiro, está no Brasil. Dela disse Mark Twain: — «Os dois maiores personagens do Século XIX foram Napoleão e Helen Keller». Cega e surda aos 19 meses de idade, três anos depois perdeu a voz. Isto foi em 1883, em Alabama, nos Estados Unidos. Assim começa a história desta mulher universalmente conhecida, com 73 anos, porém, de uma inacreditável juventude. Os seus olhos azuis são brilhantes, vivos e expressivos, longe do olhar opaco dos cegos. Fala cinco línguas e é autora de seis livros, alguns já traduzidos em 40 idiomas, inclusive o português. O seu nome chegou aos mais longínquos recantos da terra, muito antes do rádio. Certa vez, ao desembarcar numa distante cidade japonêsa, foi recebida aos gritos de «Viva Helen Keller» Eram crianças nipônicas cegas, saudando a extraordinária senhora, sem dúvida, um belo exemplo de fôrça de vontade, de sabedoria e de amor ao próximo. Duas mulheres exerceram decisiva influência na vida de Helen Keller, amiga de Franklin Delano Roosevelt: Annie Sullivan, sua professôra e companheira durante 46 anos, falecida em 1936, e Polly Thomson, sua inseparável acompanhante e atual secretária. A diferença de idade entre as duas é de seis anos em favor de Polly, cuja vida é, sem dúvida, uma sublime página da história da solidariedade humana, dedicação e compreensão.

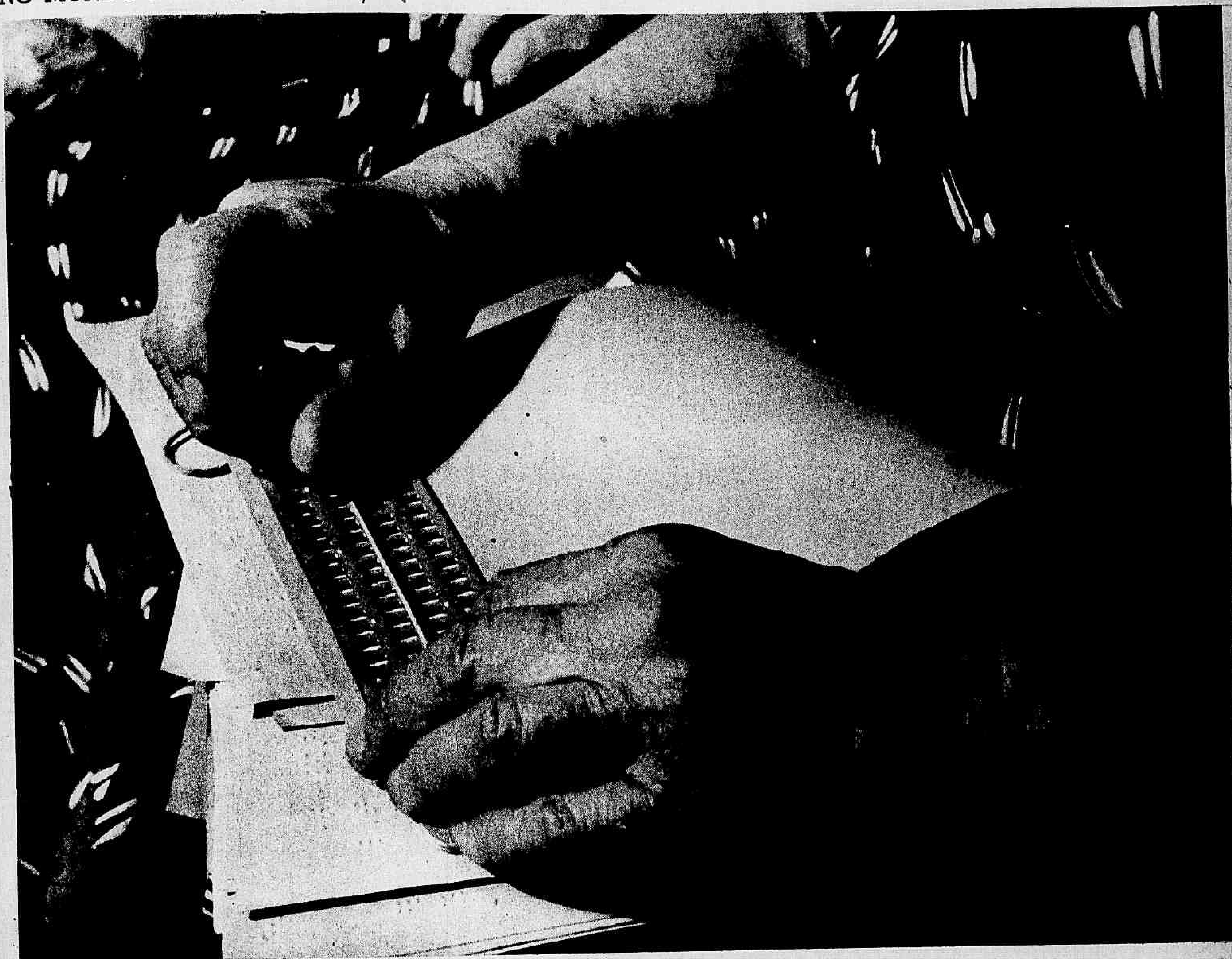
Durante longas horas conversamos com Helen Keller e Polly Thomson, num apartamento cheio de flores, no «Copacabana Palace».

Helen Keller veio ao nosso encontro, em passo firme e falou, com um largo sorriso: Welcome! Welcome! Um detalhe despertou logo a atenção: os vestidos e os sapatos iguais de Helen e Polly. Helen Keller, cega e muda, fala, escuta e vê pelas mãos e lábios de Polly. Colocando o dedo médio no nariz, o indicador nos lábios e o polegar no pescoço, ela escuta o que os outros dizem, principalmente, se a voz fôr clara e sonora. E quando quer ouvir música basta colocar a mão sôbre o instrumento. Foi assim que ela sentiu o violino de Heifetz, a voz de Enrico Caruso e de Feodor Chaliapin, em «A Canção dos Barqueiros do Volga». Chaliapin fêz mais. Passou o braço em tôrno de Helen, apertando-a, para que ela pudesse sentir tôdas as vibrações de sua grande voz.

O filósofo Oliver Wendell Holmes, certa vez, chorou quando ela recitou o poema «Break, Break, Break», de Tennyson. Naturalmente que a voz não é normal, com acentuado som gutural. Polly Thomson, porém, completa a obra, com a ajuda das mãos, as quais colocadas entre as mãos de Helen, emitem palavras pelo tato. E' a linguagem manual. E assim Helen Keller faz conferências há 50 anos. Fácil, portanto, é avaliar o notável trabalho educacional de Annie Sullivan, que devido à miséria do meio em que nascera em Massachusetts foi atingida por uma grave inflamação dos olhos e após percorrer inúmeros asilos para crianças inválidas, acabou no Instituto Perkins, onde pronunciou a oração de despedida de sua classe, recebendo um diploma altamente honroso.



«Não sou mais muda! A minha voz não é agradável, mas revesti suas asas partidas com os matizes indeléveis de meus sonhos, e minha luta por ela fortaleceu as fibras do meu ser e aprofundou minha compreensão de tôdas as ambições frustradas de todos os esforços humanos. Venci o silêncio hostil», disse Helen.



«Leio, falo e escuto com as mãos. Os meus dedos substituem os olhos, os ouvidos e a própria fala. Basta entrelaçá-los entre as mãos da minha querida Polly, deslizar sôbre o Braille ou colocá-los sôbre o nariz, lábios e na laringe de pessoas amigas. Assim escrevi seis livros e muitos artigos.»

Annie Sullivan foi a maravilhosa guia de Helen Keller. Sullivan, filha de emigrantes irlandeses e cuja infância lembra um pouco as histórias de Dickens, inicialmente, buscou a catequização de Helen, sempre rebelde. Foi necessário afastá-la do convívio da família por dois motivos, a menina era criada cheia de vontade e não sofria castigos como uma criança sadia.

«Mandada pelas garôtas da Instituição Perkins, a jovem professôra ofereceu uma boneca à Helen. Annie, ao cabo de algum tempo, soletrou na mão de Helen a palavra b-o-n-e-c-a. Foi êsse o primeiro esfôrço consciente para ensinar Helen, que já tinha diversos meios de indicar seus desejos. Quando queria sorvete, virava uma manivela imaginária. Através da linguagem manual aprendeu os verbos sentar, levantar e andar.

Perguntamos a Helen Keller, em Copacabana, se ficara alguma impressão do que vira até aos 19 meses de idade.

— Você tem alguma recordação dos seus primeiros dois anos? — respondeu e acrescentou:

— Tenho uma vaga idéia da água e da luz...

«NÃO SOU MAIS MUDA»

Ao fim de três meses, já conhecia cêrca de 400 palavras e muitas expressões. E assim chegou Helen Keller à Instituição Perkins, a mesma que diplomara Sullivan.

Aos dez anos já lia Braille e sabia comunicar-se, com desembaraço, por meio do alfabeto manual. Na primavera de 1890 soube que uma menina norueguesa surda, muda e cega, aprendera a falar. Que fêz Helen? Chamou Sullivan e soletrou na mão:

— Tenho de falar!

Levada ao Instituto de Surdos Horace Mann, em Boston, a sua diretora, sra. Sarah Fuller agiu com presteza. Colocou dentro da bôca os dedos de Helen para que ela pudesse sentir a posição da língua da professôra, os dentes, o movimento do maxilar e o curso da traqueia. Depois colocou a língua na parte inferior da bôca, logo atrás dos dentes da frente para articular o som de i, na palavra inglêsa it. A seguir encostou o indicador de Helen aos seus dentes e outro dedo à garganta repetindo várias vêzes o som de i. Estudaram em seguida as vogais — A — e — O — e experimentaram as palavras: «mamãe» e «papai».



«Polly lê as principais manchetes dos jornais e, em particular, o noticiário sôbre o movimento de cegos no mundo inteiro. Depois leio em Braille.»



De mãos dadas com a sua amiga Polly, Helen diz: «Sou uma mulher sem mêdo. Só falto entrar na jaula de um leão. E o farei antes de morrer.»



AS MÃOS FALAM: «Os cegos não precisam de caridade. Olhai para os cegos, surdos e mudos, elevando a sua cultura. São dignos de ajuda.»



«Os meus irmãos precisam de trabalho, a principal finalidade da vida e que torna a existência digna. A esmola é aviltante e humilha.»

Após várias repetições, as expressões «mamãe» e «papai» saíram corretamente de seus lábios, com uma doçura quase musical. Após outras lições, de volta à casa, Helen virou-se para a sua educadora e disse:

— Não sou mais muda!

Tôdas estas reminiscências foram evocadas ao jornalista. Para isto trabalharam várias pessoas: Miss Polly Thomson, com a linguagem manual, o meu filho Mário, servindo de intérprete, já que a sra. Keller preferiu conversar em inglês, embora fale francês, espanhol, alemão e italiano, e o seu assistente Nelson B. Neff.

MÊDO

Dezenas de livros já foram escritos sôbre Helen Keller e sua admirável professôra Annie Sullivan, que ao contrair matrimônio com John Macy, em 1905, levando em conta a dedicação da sua noiva pela aluna, não hesitou em imprimir nos cartões de participação do casamento: «Sujeito a mudança sem aviso prévio...»

Mas resolveram a situação, indo os três morar na mesma casa, o casal Macy e a discípula querida, já formada pelo Radcliffe College da Universidade de Harvard.

— Que gostaria de ver, em primeiro lugar, se algum dia voltasse a enxergar?

Entrelaçou as suas mãos nas de Polly e respondeu carinhosamente:

— Os retratos dos meus pais, da minha saudosa Annie e o rosto de Polly. A nossa casa nas matas de Connecticut — a 80 quilômetros de New York — os meus cães fiéis e...

Polly interrompeu para dizer que, num canto da mansão, há uma lanterna japonêsa de pedra, com mais de dois metros de altura, onde arde uma chama simbólica. Ela estará acesa enquanto Helen viver.

Helen e Polly tomaram parte no filme «Deliverance», rodado em Hollywood e juntas trabalharam num número de variedades no Teatro Palace, de New York, quando Helen, aclamada em dilírio, disse:

— «Sinto a respiração da platéia no rosto.»

Helen procurou conhecer detalhes da vida do jornalista e ficou surprêsa quando ouviu:

— Vi o seu «The story of my life», na Biblioteca de Lenine, em Moscou!

A sua admiração resplandeceu no semblante e o repórter, de entrevistador passou a entrevistado.

— Você foi muito feliz em conhecer a União Soviética. Como conseguiu entrar lá? O russo é alegre como o norte-americano? Visitou alguma instituição de assistência aos cegos?

Respondemos da melhor maneira e Helen, cuja simpatia é cativante, contou uma história:

— No Zoológico de Washington pedi para que enrolassem uma cobra no meu pescoço e não senti mêdo. O réptil saudou-me com um barulho que fazia na cauda. Por isto conheço a forma de uma serpente. Depois, num circo, senti a tromba de um elefante sôbre a minha cabeça. Acariciei o animal e hoje tenho uma noção exata do que seja um paquiderme.

Falto entrar, apenas, numa jaula de leão. Não sei o que é mêdo. Ando de avião com a naturalidade de quem toma um chá. Aprendi a ser organizada e daí não ter nenhuma dificuldade em encontrar os



OUVINDO PELOS LÁBIOS — «Gostei imensamente de ouvir a sua voz de anjo» — diz o jovem intérprete Mário Morel a Helen Keller. Resposta: — «Gosto de ouvir os moços.»



A admirável Polly Thompson fala: — «Os repórteres da REVISTA DA SEMANA pedem desculpas pelos «flashes». Helen tem a seguinte resposta: — «Sinto o clarão das lâmpadas.»



«Antes de vossa vida chegar ao fim, podeis mergulhar no abismo das trevas ou no cárcere do silêncio. Olhai pelos cegos, surdos e mudos!»



«A Inglaterra, França e EE. UU. marcham na vanguarda dos países que prestam desenvolvida assistência aos cegos, seguindo-se o Japão.»



«Como é Moscou? O povo é alegre como o americano? Você visitou alguma instituição de amparo aos cegos?» — Helen pergunta ao repórter.

objetos de uso pessoal e do meu escritório. Tenho uma biblioteca regular, conheço os clássicos e gosto de biografias. Espero comprar alguns livros na única editôra Braille que existe no Brasil, em S. Paulo.

Os dedos de Helen, à noite, depois da leitura, são envolvidos em sêda, a fim de protegê-los.

A conversa já estava generalizada e sentimos a sua preocupação em não deixar uma só pergunta sem resposta.

— Qual o país onde existe a mais ampla assistência ao cego?

A famosa Helen, a princípio, não entendeu bem e respondeu:

— Na Inglaterra, depois a França e os Estados Unidos. No Oriente, com exceção do Japão, o Egito é o lugar onde há mais necessidade de amparo aos cegos. A minha viagem à América do Sul vale como uma súplica aos povos, para que ajudem os meus irmãos, elevando o seu nível cultural.

Solicitamos uma fotografia em pose de tranqüilidade, recostada na poltrona. A septuagenária, com um leve sorriso, disse:

— Só sei ficar assim, meio ereta...

— Como uma rainha! — adiantamos.

Helen Keller agradeceu, acariciando a cabeça do meu filho. Polly, com muita cerimônia, informou de que dentro de alguns minutos chegaria o presidente da «Sociedade Helen Keller», de São Paulo. À janela do apartamento, Helen pôs o ouvido, como se estivesse a escutar o murmúrio das ondas:

— Sinto o mar e vejo pessoas na praia...

Evocando a sua amizade com Roosevelt, Bernard Schaw, Einstein, Charles Chaplin, Chaliapin, Feifetz, Toscanini e outros vultos mundiais.

— They are good friends!

Não são sòmente êles os amigos de Helen Keller. São seus amigos os 14 milhões de cegos espalhados pelo mundo inteiro, os homens de pensamento, enfim, a geração que viu o milagre da bondade e de amor ao próximo da extraordinária criatura, que a estas horas está deixando o Brasil, pelos céus, rumo ao Pacífico, para levar a sua Mensagem de Fé e de Fôrça de Vontade aos sêres humanos abatidos pela adversidade.



«Sempre gostei de flores. Tenho jardim em nossa casa perto de New York. Elas fazem parte de minha vida. Gostei das flores do Brasil.»



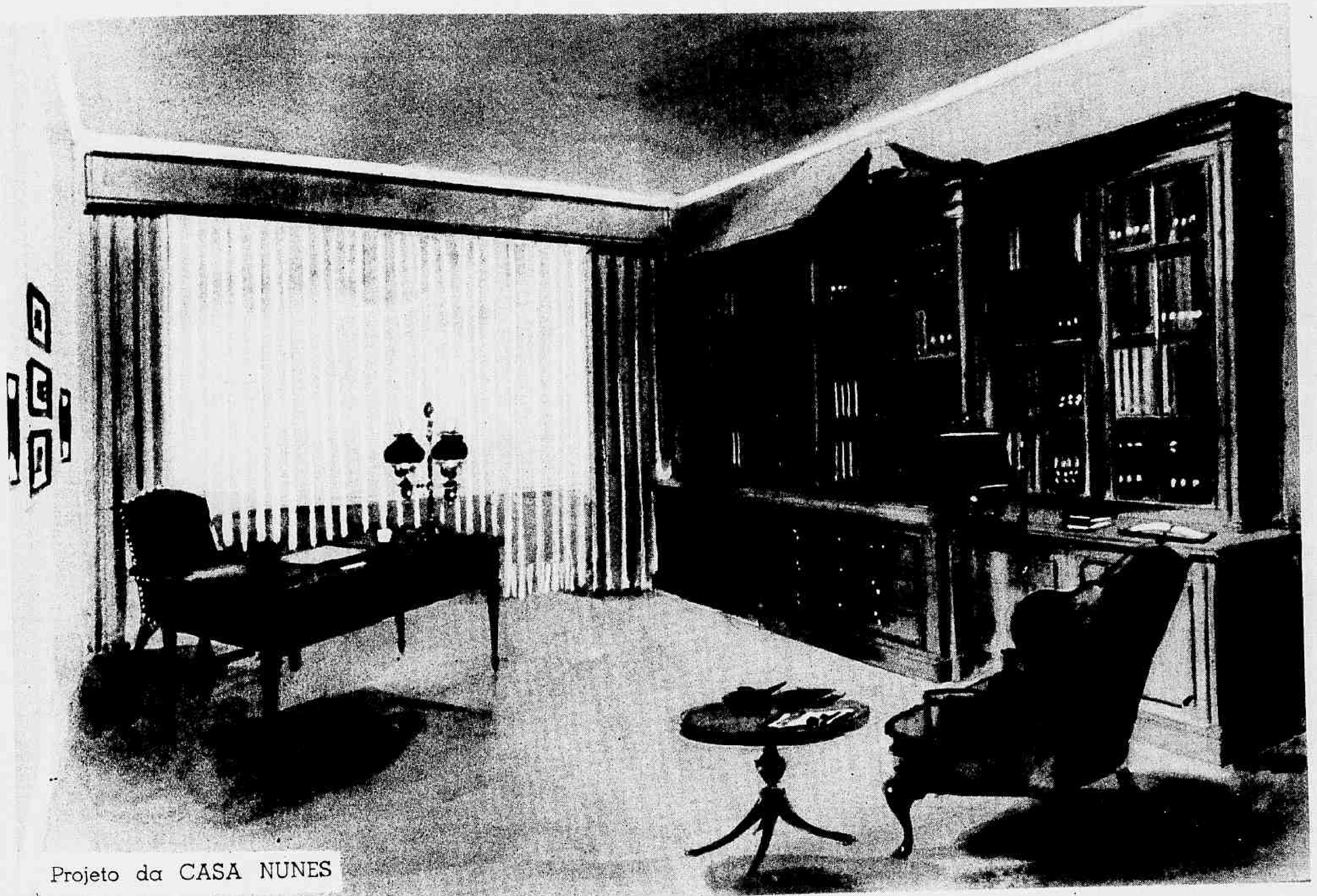
«Sinto o mar perto de mim e vejo crianças brincando na praia. Sinto a tarde iluminada por um sol ardente. Feliz de quem vive assim.»



ÚLTIMO FLASH

EIS O HERÓI do G. P. São Paulo - 1953, «Gualicho», ao lado do venturoso jóquei Álvaro Rosa, os vitoriosos na maior prova de Cidade Jardim, na capital bandeirante, a 3 de maio. Ambos estão radiantes, e, como cavalo não sabe rir, atiça as narinas, arregala os olhos e todo êle freme de exaltação diante das multidões em delírio. Gualicho é argentino, nascido em 1949, filho de The Pruid e Golconda. Sua curta existência já lhe trouxe grandes vitórias: o G. P. Brasil de 1952, e o G. P. «16 de Julho», na Gávea. No mesmo ano, levantou o G. P. «São Paulo» e ganhou ainda o «clássico Imprensa», bem como os Grandes Prêmios «Raphael de Barros», «14 de Março», «Antônio Prado», chegando em terceiro e quarto lugares, em páreos do mesmo ano de 1952. Gualicho, que custou apenas Cr$ 200 000,00, já rendeu aos seus proprietários Cr$ 4 875 000,00, incluindo os mil contos de réis de domingo, 3 de maio. Álvaro Rosa é o jóquei venturoso. Natural da capital de São Paulo, onde nasceu a 13 de janeiro de 1921, é casado, adora a vida de sua profissão, tendo-se iniciado como cavalariço em 1940. Passou a responsabilizar-se em corridas, a 14 de dezembro de 1943. Sua alegria de domingo, no G. P. São Paulo foi contagiante. Álvaro Rosa, batendo afamados parelheiros, se tornou com o seu cavalo «Gualicho», a mais comentada das «duplas» dos meios turfísticos do país. (Foto Adir Vieira).

MÓVEIS — TAPÊTES — CORTINAS


Projeto da CASA NUNES



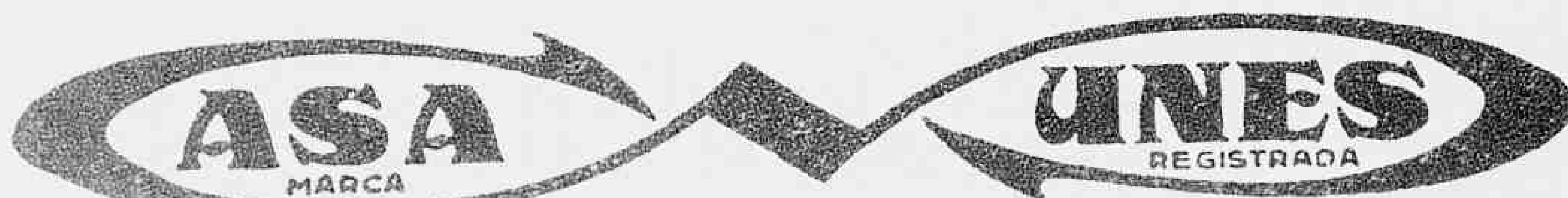
Tapêtes e passadeiras
de forração em côres lisas e com flores

Grupos estofados
especialidade de nossas oficinas

Tapêtes feitos à mão
de grande beleza e originalidade

PREÇOS QUE ANIMAM A COMPRAR

VENDAS À VISTA E A PRAZO



Uma
tradição
de
bom gôsto

CIGARROS
hollywood



H - 88.914

UM PRODUTO SOUZA CRUZ